

CREMILDA MEDINA
(organizadora)

REPROPOSTA

para todas as idades

AUTORES

**Angela Balbão, Cecília Borges, Cremilda Medina,
Egídio Lima Dórea, Esther Martirani, Ety Veríssimo,
Katuscia Lopes Fogaça, Márcia Cabral,
Mário Lucena, Neuza Carvalho, Renata Bueno,
Sinval Medina, Sonia Regina Cunha**

CREMILDA MEDINA (organizadora)

AUTORES

Angela Balbão, Cecília Borges, Cremilda Medina,
Egídio Lima Dórea, Esther Martirani, Ety Veríssimo,
Katiúscia Lopes Fogaça, Márcia Cabral,
Mário Lucena, Neuza Carvalho, Renata Bueno,
Sinval Medina, Sonia Regina Cunha

REPROPOSTA
para todas as idades

DOI: 10.11606/9788572052313

1ª. Edição

São Paulo
ECA – USP
2019

Expediente

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan

Diretor da ECA-USP: Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro

Expediente da publicação

Editora: Escola de Comunicações e Artes (USP)

Organização: Profa. Dra. Cremilda Medina (PPGCOM ECA-USP e PROLAM-USP)

Apoio Institucional: Prof. Dr. Egídio Dórea (USP Aberta à Terceira Idade)

Criação e orientação de Cremilda Medina, com textos dos alunos da *Oficina de Dialogia Social* e dos colaboradores: Katiuscia Fogaça, Neuza Carvalho, Renata Bueno, Sinval Medina e Sonia Regina Cunha (doutoranda PPGCOM ECA-USP).

Revisão: Deise Marques

Logotipo Epistemologia do Diálogo Social: homenagem ao artista Eber de Oliveira Junior, criador da capa do primeiro livro da série *Novo Pacto da Ciência*, Anais Primeiro Seminário Transdisciplinar *A Crise de Paradigmas* (São Paulo: Ed. ECA/USP, 1991).

Projeto gráfico, capa e diagramação: Sonia Regina Cunha

Catálogo na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

R425 Reproposta para todas as idades [recurso eletrônico] / Cremilda Medina (organizadora) ; Angela Balbão [et al.] - São Paulo: ECA-USP, 2019.
174 p.: il.

ISBN 978-85-7205-231-3

DOI: 10.11606/9788572052313

1. Dialogia social 2. Terceira idade 3. Comunicação I. Medina, Cremilda
II. Balbão, Angela

CDD 23.ed. – 306.26

Elaborado por: Alessandra Vieira Canholi Maldonado CRB-8/6194



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons. Está autorizada a reprodução parcial ou total desta obra desde que citada a fonte. Proibido uso com fins comerciais. Opiniões e conceitos emitidos nos artigos são de inteira responsabilidade dos autores, não refletindo necessariamente a posição da Comissão Científica, da Comissão Editorial e da organizadora da obra.

Publicação do grupo de pesquisa Epistemologia do Diálogo Social

Na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), Cremilda Medina é orientadora na pós-graduação no âmbito do Programa em Ciências da Comunicação (PPGCOM) e do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Integração da América Latina (PROLAM). Desde 1986, a jornalista e professora reúne estudantes de graduação e pós-graduação para desenvolver pesquisas em torno do Diálogo Social. Dessa forma, o grupo de pesquisa Epistemologia do Diálogo Social é proveniente desses encontros e dedica-se à reflexão e à prática da dialogia nas sociedades democráticas contemporâneas. O projeto prioriza o papel do mediador-autor, aquele que colhe e articula os sentidos coletivos, que se reportam aos acontecimentos do presente. Ao motivar as capacidades éticas, técnicas e estéticas dos mediadores-autores (comunicadores sociais, cientistas e educadores), as pesquisas lideradas por Cremilda Medina, há cinco décadas, com uma perspectiva inter e transdisciplinar, atravessam a profissionalização e os rumos do Jornalismo; os desafios paradigmáticos da relação Ciência e Sociedade; e a prática das narrativas da contemporaneidade, como Medina denomina a reportagem-ensaio.

Coordenação Editorial

Cremilda Celeste de Araújo Medina (Universidade de São Paulo)

Pesquisadores do grupo de pesquisa Epistemologia do Diálogo Social Comissão Científica

Ana L. Medeiros (Universidade Federal da Paraíba), Ana Taís P. Barros (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Angela M. Farah (Centro Universitário da Cidade de União da Vitória, PR), Angelo Ishi (Faculdade de Sociologia, Universidade Musashi, Japão), Carlos E. Sandano (Universidade Presbiteriana Mackenzie, SP), Cicélia Pincer (Escola Superior de Propaganda e Marketing, SP), Dimas Kunsch (Universidade Metodista de São Paulo, SBC), Edson Capoano (Universidade Presbiteriana Mackenzie, SP), Fernando Resende (Universidade Federal Fluminense, RJ), Francisco Karam (Universidade Federal de Santa Catarina), Jaqueline L. Martins (Universidade São Judas Tadeu, SP), Jorge K. Ijuim (Universidade Federal de Santa Catarina), José P. Germano (Universidade Anhembí Morumbi, SP), Katiúscia C. L. Fogaça (Universidade Estadual do Oeste do Paraná), Liana Milanez, Mara R. Martini (Universidade de Sorocaba, SP), Márcia A. S. Blasques (Universidade de São Paulo), Marcos Zibordi (Universidade de São Paulo), Maria Isabel Amphilo, Patrícia S. Patrício (Faculdade de Tecnologia do Ipiranga, SP), Paulo da Silva Quadros (Universidade Paulista, SP), Raul H. Osório Vargas (Universidad de Antioquia, Colômbia), Renato B. O. Seixas (Universidade de São Paulo), Renato Essenfelder (Escola Superior de Propaganda e Marketing, SP), Rogério Christofolletti (Universidade Federal de Santa Catarina)

Comissão Editorial

Alex Sander Santana (USP), Gean Gonçalves (USP), S. Regina S. Cunha (USP)

Sumário

Sumário	i
Lista de Ilustrações	iv
Lista de Tabelas	iv
Parte I	
REABERTURA	
Adesão: grande entusiasmo	7
Egídio Lima Dórea	
Por que me contaminei com entusiasmo?	9
Cremilda Medina	
Parte II	
BAÚ DE EXPERIÊNCIAS	
Era uma vez um jornal	17
Esther Alves Martirani	
A vida é apenas um passatempo, até o tempo passar	25
Katiuscia Lopes Fogaça	
Parte III	
HISTÓRIAS INESQUECÍVEIS	
Memória Solidária	31
Cecília Borges	
Izaurinha, de atriz a repórter	37
Angela Balbão	

Parte IV

O PRESENTE CHAMA A MEMÓRIA

Depois de adversidades e adversativas, o cadastro	49
Neuza Guerreiro de Carvalho	
Obsolescência alimentar e receitas da vovó	53
Sonia Regina Cunha	
E agora a receita da vovó	55
Cremilda Medina	
Vitrais do tempo	59
Sinval Medina	

Parte V

O GESTO DA ARTE E DO MITO

O rosto do tempo e da vida	69
Renata Bueno	
A química visita o mito	79
Mário Lucena	
Para conectar pessoas	87
Márcia Cabral	
Para além do real tocável	91
Etty Veríssimo	
O mapa das religiosidades	93
Sonia Regina Cunha	
Tudo me quieta, me suspende	99
Sonia Regina Cunha	
Guia das almas, o nº 13 de uma coleção	103
Cremilda Medina	

Parte VI	
MOBILIDADE: EXPECTATIVAS	
Vou entrar nesse trem	107
Mário Lucena	
A carruagem não lotou	111
Cremilda Medina	
Parte VII	
PORTAL DA OFERTA	
USP à sua disposição	121
Márcia Cabral	
Sobre os autores	127
Anexo	
Projeto de Pesquisa	
EPISTEMOLOGIA DO DIÁLOGO SOCIAL	135
Cremilda Medina	

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Reproposta nº 1 (dez, 1997)	18
Figura 2: Izaurinha recebe diploma	35
Figura 3: Izaurinha e a filha Camila	41
Figura 4: Figueira da Glette	47
Figura 5: Carteirinha Neuza Guerreiro	51
Figura 6: Foto Ficha Tripla	70
Figura 7: Foto Maria Joaquina	70
Figura 8: Retrato Barbara	71
Figura 9: Retrato Rosa	72
Figura 10: Retrato Cecília	73
Figura 11: Retrato Antonio	74
Figura 12: Retrato Aurora	75
Figura 13: Retratos (Holanda, 2016)	76
Figura 14: Retratos em etiquetas (Holanda, 2016)	77
Figura 15: Retratos (Brasil, 2014-2015)	78
Figura 16: Foto Casamento da ETTY	92

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Grupos de religião no Brasil	95
Tabela 2: Total por grupos religiosos no Brasil	96
Tabela 3: Sumário das religiões do mundo	97
Tabela 4: Relação dos livros da série <i>São Paulo de Perfil</i>	163

PARTE I

REABERTURA

*Apresentação dos motivos que
desencadearam o ressurgimento do
Reproposta.*

Egídio Lima Dórea
Cremilda Medina

Adesão: grande entusiasmo



Egídio Lima Dórea

ivemos um momento único: hoje existem mais pessoas acima dos 60 anos do que a somatória de todas as pessoas que já atingiram essa idade ao longo da nossa história. E isto é um grande motivo para celebrarmos. Nós ganhamos ao longo das últimas décadas cerca de 20 anos a mais de vida. E para aproveitarmos bem esse tempo adicional teremos que nos programar. Quatro capitais são fundamentais neste processo: vital (saúde); social; financeiro e aprendizado continuado. Dentro deste último pilar insere-se a universidade aberta.

A USP Aberta à Terceira Idade, programa vinculado à pró-reitoria de cultura e extensão universitária, iniciou as atividades em 1993, antecipando em dez anos o Estatuto do Idoso (2003) que determina em seu capítulo 5, artigo 25: “o poder público apoiará a criação de uma universidade aberta para as pessoas idosas”. Os nossos objetivos são o da valorização do idoso; melhoria da qualidade de vida; maior participação da vida em comunidade e maior convivência na universidade com outras faixas etárias. Fundamenta-se em três grandes pilares: abertura, gratuidade e intergeracionalidade.

Desde a sua criação, milhares de idosos frequentaram os cursos oferecidos que estão distribuídos em três grandes grupos: disciplinas regulares; complementares didático-culturais e complementares físico-esportivas.

Em 2017 fui convidado pela saudosa professora Ecléa Bosi para assumir a coordenação deste programa. E desde então as experiências vivenciadas têm enriquecido não somente a minha vida profissional, mas, sobretudo, a pessoal. A convivência com pessoas que independentemente de gênero, etnia, classe social e nível educacional me demonstram, na prática, a importância de ter propósitos e do convívio social no envelhecimento. E um desses exemplos é a retomada do *Reproposta*.

Quando fui abordado pela primeira vez pela sra. Ety Veríssimo no dia do calouro idoso em 2018, fiquei encantado pelo projeto: a reedição de um veículo de comunicação para idosos feito por idosos. Qual a melhor forma de dar voz a este grupo que uma vez já foi denominado de sociedade silenciosa? Quem melhor para falar das angústias, expectativas, ganhos e perdas que acontecem no processo de envelhecer-viver, senão ele próprio? A publicação tem por valor que: “existe toda uma vida passada, experiências vividas e preservadas na memória. E a pessoa, em sua plenitude, projeta-se numa *Reproposta* que permita novamente viver com intensidade”. Assim o jornal *Reproposta*, cuja primeira edição foi lançada em dezembro de 1997, continua uma ferramenta atual, inovadora e única. E a USP Aberta à Terceira Idade mais uma vez pretende valorizar o idoso na nossa universidade e na sociedade com a retomada do *Reproposta*.

Referência

BRASIL. **Estatuto do Idoso (2003)**. Legislação sobre o idoso. Lei nº 10741/2003 e legislação correlata [recurso eletrônico]. 3ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados. Coordenação Edições da Câmara, 2013. 124 p. – (Série legislação; n. 104). Atualizada em 10/7/2013 Disponível em: <https://bit.ly/2QWii3O> Acesso em: 21 dez. 2018.

Por que me contaminei com entusiasmo?

P

Cremilda Medina

Primeiro, penso na alteração numérica das sociedades contemporâneas. Só a partir do momento em que o significativo acréscimo de idosos alterou a demografia contemporânea, o paradigma da sociedade urbana e industrial foi questionado: o que fazer com essa população antes minoritária e descartável? Hoje, o envelhecimento da população está nitidamente previsto não apenas nas sociedades do Norte como no próprio Brasil. O que é importante sublinhar em segundo lugar? A Universidade de São Paulo, pioneira em muitas iniciativas, da pesquisa em agronomia à física nuclear, se mostrou atenta às novas tendências populacionais já no século passado.

Ao reconhecer a demanda da terceira idade em seu espaço acadêmico, pesquisadores eméritos como Ecléa Bosi (1936-2017) assumiram, com lucidez e entrega apaixonada, os desafios de um novo programa com a contribuição generosa de muitos docentes de vários campos de conhecimento que abrigaram, em suas disciplinas de graduação, além dos jovens alunos, o convívio inédito dos mais idosos.

Ao aderir ao programa USP Aberta à Terceira Idade, criado em 1993, ofereci, à primeira idade de acadêmicos e à melhor idade dos há muito tempo escolarizados, o laboratório da disciplina *Narrativas da Contemporaneidade*. Enca-

rei mais essa experiência pedagógica como um campo complementar de estudos e descobri sentidos profundos do intercâmbio etário. Sentidos esses que se projetaram na pesquisa da Dialogia Social, enquanto visão de mundo complexa, ação relacionadora e narrativa estético/autoral dos temas coletivos que emergem da contemporaneidade. Como a pedagogia laboratorial de que me valho, pressupõe trabalho de campo, contato presencial com o mundo e seus protagonistas sociais, ou melhor, mover-se em direção ao Outro (ou como diria o poeta Fernando Pessoa, "outrar-se"), logo percebi o dinamismo dos alunos da terceira idade perante certa preguiça dos jovens internautas, que tendem ao estado de corpo estanque diante das máquinas e evitam se lançar às rugosidades da rua, sem controles eletrônicos. Percebe-se, de imediato, que os mais jovens preferem imaginar a realidade com filtros ideológicos "formatados" na sua subjetividade. A auto alimentação trava o movimento para o Outro; o sonho de realização projetado para o futuro instabiliza a experiência do presente, ofusca a pesquisa do passado; sem raízes histórico-culturais e projeções instáveis no futuro, turvam-se as descobertas do contato vivo com o presente. Já os mais maduros se revelam inquietos e curiosos com um presente permeado de memórias, urgências e limitações do futuro.

O encontro e o desencontro dessas gerações no meu projeto de pesquisa confluíram para trocas expressivas. Com surpresa e encantamento, me vi coordenando motivações intercambiadas: os repórteres idosos (às vezes com problemas de acessibilidade) empurram os jovens musculosos a se deslocarem da sala de aula ou da frente do computador ou do mundo das ideias, para os desafios do diálogo no mundo das vivências. E, para ser justa com os mais novos, no momento culminante em que se trata de criar uma escrita (*lato sensu*) autoral ou seja, a narrativa dialógica, os alunos da graduação denotam imediata ousadia poética e partilham com os idosos estímulos inovadores, atrofiados numa codificação estratificada (principalmente, a linguística). Merecem referência os resultados da primeira década deste século na autoria dos alunos da terceira idade na série de livros-reportagem *São Paulo de Perfil* que coordenava com os alunos de graduação da Escola de Comunicações e Artes, numa disciplina interdisciplinar, *Narrativas da Contemporaneidade*.

Nos volumes a partir do 18º (*Viagem ao sol poente*, titulado em 1995, e publicado em 2001), do conjunto de 27 títulos que editei, começam a se destacar autores como Regina Célia Rocha, João Jorge Escudeiro, Izaura Marques Piffer, cujo perfil "Izaurinha, de atriz a repórter", elaborado por Angela Balbão consta desta edição. Novos alunos como Hilda Gertrudes e Vera Vicente de Azevedo assinam narrativas posteriores, como em *Ó Freguesia, quantas histórias* (23º, 1999), Etty Verissimo escreve em *Sagas do Espigão, 90 anos de medicina e vida* (24º, 2002) e adere à fidelidade dos primeiros autores que não saem mais dos sumários da série. Mas a aluna de graduação à época, Katiúscia Lopes, hoje mestre e doutora em Ciências da Comunicação pela USP e recém formada em Medicina, colabora nesta edição com uma justa homenagem a esses escritores da terceira idade com quem conviveu na oficina pedagógica de *Narrativas da Contemporaneidade*.

Ao ser convidada, em agosto de 2018, para retomar este projeto pelo professor Egidio Lima Dórea, coordenador do USP Aberta à Terceira Idade, e pela ex-aluna Etty Verissimo, me propus apresentar um renovado delineamento de pesquisa, cujo produto editorial, agora digital, teria de sublinhar os alicerces epistemológicos do projeto acadêmico que desenvolvo na USP desde 1970 (com estudos precursores na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde me iniciei à docência acadêmica em 1967). A linha de pesquisa, *Epistemologia do Diálogo Social*, constituída em grupo de pesquisa credenciado pelo CNPq, sustenta a fundamentação teórico-empírica da realização do atual projeto. (Ver Anexo).

A apresentação que escrevi para a primeira edição da revista *Reproposta*, em 2006, citava dados do IBGE de 2004: a população brasileira havia dobrado em 35 anos. Em 1970, 90 milhões de habitantes, na época da pesquisa demográfica, 180 milhões. Estimava então que em 2050 seriam 260 milhões e a expectativa de vida, ao nascer, 81,3 anos, a mesma dos japoneses em 2004. Anunciava também o envelhecimento: o grupo de 0 a 14 anos representava, em 2000, 30% da população, enquanto os maiores de 65 anos eram apenas 5%; em 2050, os dois grupos se igualariam em 18%. Acrescentava-se o seguinte dado: a projeção do IBGE em 2004 estipulava que a população brasileira pararia de au-

mentar em 2062.

As previsões do mesmo instituto foram atualizadas em 2018. Estimam-se hoje 208 milhões de habitantes. Os analistas enfatizam, do ponto de vista econômico, o envelhecimento da população brasileira, seguindo a tendência de outras sociedades. Nessa leitura, o “bônus demográfico” está acabando e o número de pessoas em idade ativa, entre 15 e 60 anos, terá aumento inferior ao da população, com a participação crescente de idosos. Estes dados, traduzidos pela economista Zeina Latif, em artigo publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* (16/08/2018), trazem como consequência uma outra realidade: o crescimento da renda per capita dependerá de uma maior produtividade da mão de obra.

As projeções da ONU, a partir de 2025, indicam o aumento de crianças e idosos em relação ao total dos brasileiros em idade ativa. Até 2100, haverá, segundo essas previsões, quase nove dependentes para dez brasileiros de 15 a 64 anos, o dobro do atual. A fatia de crianças – prossegue o prognóstico demográfico – em relação à população ativa, que alcançou 80% no boom da década 1960, encolherá para 25%. Já a percentagem de idosos, hoje pouco acima de 10%, saltará para 63% em 2100. Dados internacionais, assim como os dados nacionais do IBGE, avaliam que essa nova etapa trará um desafio maior para os países que não aproveitaram as vantagens do período da expansão da força de trabalho.

Como contraponto a estas interpretações que se detêm no âmbito econômico – e há suficientes razões para inventariar tais dados – o programa USP Aberta à Terceira Idade oferece perspectivas emancipatórias para o bônus da longevidade.

Ao asilamento ou ao descarte dos “esclerosados”, dos dependentes inativos que, embora não sejam incluídos nos índices de marginalidade, mas se expressam no ostracismo, a instituição criou oportunidades de convívio da excelência acadêmica de seus pesquisadores com a excelência humana dos alunos de terceira idade. E essa história deve ser contada e incorporada a um meio de comunicação social como o *Reproposta*.

Não se trata de um simples noticiário do que acontece no âmbito deste programa da USP, embora os serviços que presta em várias unidades e “campi” sejam fundamentais como informação básica. Tais informações, no entanto, exi-

gem uma ampliação interpretativa, cuja metodologia está proposta na pesquisa de meu primeiro livro, publicado na USP em 1973, *A arte de tecer o presente*. Ao reportar determinada circunstância social, no caso a USP Aberta à Terceira Idade, compõem uma narrativa densa e tensa os protagonistas do projeto, os contextos sociais em que se incluem, as raízes histórico-culturais que lhes dão traços identitários e as análises, reflexões e ensaios que diagnosticam e prognosticam sua condição humana. A estilística que produz sentidos sobre o tema se vale, pois, de histórias de vida (protagonismo), racionalidade complexa para armar nexos da experiência coletiva (contextos sociais), ensaísmo multidisciplinar conjugando vozes históricas e antropológicas (raízes histórico-culturais) e entrevistas especializadas (diagnósticos e prognósticos). Os autores dessa escrita, uma das importantes *narrativas da contemporaneidade* conscientizam e põem em prática uma mediação social dialógica, motivados em um laboratório pedagógico decorrente da pesquisa contínua que pude desenvolver na graduação e na pós-graduação (32 doutores, 29 mestres, dois pós-doutorados), ao longo de décadas na USP e em outras universidades em que propus seminários e oficinas de formação de mediadores-autores na comunicação social.

Assim, a reedição deste projeto se insere nas bases epistemológicas de um tripé: a valorização solidária da terceira idade, o aprimoramento da racionalidade complexa para acompanhar sua presença ativa nas sociedades contemporâneas e a sensibilidade poética para narrar seus movimentos. A oficina interdisciplinar de *Narrativas da Contemporaneidade*, que posso oferecer aos atuais alunos do programa, encaminha o laboratório de mediação autoral para experimentar uma prática efetiva de comunicação social (e não de simples divulgação informativa), sob forma do novo *Reproposta*.

Eis o desafio que este livro submete aos leitores de todas as idades.

Referências

LATIF, Zeina. O Brasil nos trilhos. In: *O Estado de S. Paulo*, 16 ago. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2HGJG5o> Acesso em: 12 dez. 2018.

MEDINA, Cremilda; LEANDRO, Paulo Roberto. *A arte de tecer o presente*. São Paulo: Média, ECA-USP, 1973.

MEDINA, Cremilda (org.). **Viagem ao Sol Poente**. Série São Paulo de Perfil, v. 18. São Paulo: ECA/USP, 2001.

_____. **Ó Freguesia, quantas histórias**. Série São Paulo de Perfil, v. 23. São Paulo: ECA/USP, 1999.

_____. **Sagas do espigão**. Série São Paulo de Perfil, v. 24. São Paulo: ECA/USP, 2002.

PARTE II

BAÚ DE EXPERIÊNCIAS

*O histórico do Reprosta passa por
várias etapas e meios de
comunicação.*

Esther Alves Martirani
Kátiuscia Lopes Fogaça

Era uma vez um jornal

Esther Alves Martirani



jornal *Reproposta* surgiu em 1997, fruto do curso “Aventura de Fazer Jornal” oferecido pelo Prof. Manuel Carlos Chaparro, da ECA/USP, para alunos da Terceira Idade. Aceito por unanimidade, passou-se a definir o perfil do público-alvo. No próprio grupo havia diversificação de situações: pessoas recém aposentadas, ainda desmotivadas e em busca de alternativas de vida – os perdidos; outras, já há algum tempo afastadas de sua profissão, que já tinham feito novas opções de atividade e se encontravam de bem com a vida – os achados; e finalmente aqueles que não tinham tempo de se preocupar com veleidades pela necessidade premente de conseguir novo trabalho para suprir os insuficientes recursos da aposentadoria – os autodenominados azarados. Os temas a serem desenvolvidos deveriam atender aos interesses de toda essa gama de comportamentos que transitavam em linha contínua entre a independência econômica e a necessidade, entre o vazio e a atividade, entre o convívio social e a solidão, entre a euforia e a depressão, entre o engajamento e a fuga, entre a plástica e a ruga.

Um ponto logo foi definido: o tom do jornal deveria ser de otimismo, refletindo o espírito dominante do grupo. Atento às calmarias e tempestades, o professor manteve-se firme no leme, paciente com alguns alunos que ainda viviam na era medieval da máquina de escrever, desconhecendo totalmente o uso

do computador. Entre tropeços e acertos, veio à luz a primeira edição com temas abstratos como felicidade, tempo, ócio, solidão e medo. Na capa uma poesia de Izaura Marques (1997):

Decisão de Ser Feliz – Porque a vida não se esgota. Renova-se. Porque as estrelas brilham, a lua resplandece, o sol aquece. Porque na Primavera as flores desabrocham e seu perfume inebria, enquanto borboletas voam, pássaros cantam, enamorados amam. Porque o Outono despe as árvores para que se fortaleçam. Porque o Inverno chega solicitando aconchegos. Porque no Verão o sol reacende esperanças. Porque existe o embalo de rios, cascatas e mares, rumo aos sonhos. Porque as crianças brincam e sorriem. Porque é preciso viver intensamente cada minuto. Porque há projetos a realizar. Porque creio em Deus. E creio em mim.

Na segunda página foi impressa minha definição poética do título do jornal:

Reproposta – Desafio. Quase provocação. Estímulo. Decisão de renascer, recomeçar, refazer, readaptar. Um desejo, um projeto, propósito, aspiração. Novo plano piloto, um roteiro, uma ambição de reconstruir, recrear, reagir, recriar. Sempre um passo para frente para o homem, para a mulher. Um olhar para o futuro e, não, engatar marcha a ré. É reciclar, reabrir, reviver, reassumir. Jamais recuo, remendo, retoque, nem mesmo reedição. É reviravolta, quase ressurreição.

Cheios de orgulho por ver suas matérias em letra de forma, os autores iniciaram a distribuição na Cidade Universitária, clubes, SESI, SESC, faculdades, bancos, farmácias, e até em supermercados da cidade de São Paulo. O segundo número foi dedicado à divulgação do projeto da Universidade Aberta à Terceira Idade, desvendando uma das funções sociais da USP: a de proporcionar a todos os cidadãos a oportunidade de realização de seus anseios e sonhos, bem como divulgar os efeitos positivos nos idosos que voltaram a frequentar salas de aula. Novamente, o grupo aceitou este meu ensaio poético:



Figura 1: *Reproposta 1*

Universidade Aberta. Aberta à Terceira Idade, idade da Reproposta. Reproposta de vida. De vida com plenitude. Plenitude de cultura. Cultura, lazer e arte, arte de fazer parte. Parte de um grande todo, de toda a Universidade.

A edição de junho de 1998, abordou a questão da "Sexualidade na terceira idade", com destaque para o artigo "Um casamento aos oitenta anos", de Maria Lúcia Pinheiro Paes, e para o ensaio "No início uma carta", de Ecléa Bosi, que descreve a trajetória da USP Aberta à Terceira Idade.

Como símbolo do jornal, foi escolhido o pinheiro que mantém a cor verde nos países do hemisfério norte mesmo no maior rigor do inverno. Em dezembro de 1998 um terrível revés: não havia dinheiro para a impressão da edição de Natal, tão carinhosamente preparada e tão elogiada pelo Prof. Chaparro: "Uma pena que esse jornal [...] tenha que calar sua voz. Uma pena que esse grupo, testemunho vivo de que a capacidade de sonhar e realizar seus sonhos não se esgota aos sessenta, nem aos setenta anos". Não calamos a voz. Cada qual se dispôs a ajudar com os próprios recursos financeiros para tornar possível a impressão do *Reproposta* naquele ano e nos anos seguintes. Em todos os números, o *Reproposta* trazia o *Espaço Aberto*, onde os autores participavam criativamente, escrevendo crônicas e contos.

O número 7 do *Reproposta* foi dedicado à "Memória", em virtude de 1999, ter sido escolhido como o Ano Internacional do Idoso, pela Organização das Nações Unidas (ONU).

- a) *Memória, função cognitiva*, entrevista a neuropsicóloga Beatriz Lefrève;
- b) *Memória e esquecimento*, Maria de Lourdes Wey Martz;
- c) *Patrimônio histórico de São Paulo: Pinacoteca e Teatro São Pedro*;
- d) *Caminho da real grandeza*, Izaura Marques Piffer;
- e) *Fatos e inventos do século XX*, Regina Célia Weigert Rocha;
- f) *Estação Memória*, Vera Azevedo; e
- g) Aula com José Mindlin (1914-2010), empresário e bibliófilo, memória viva da cultura, da política e dos acontecimentos do século XX.

Na euforia da aproximação do ano 2000, a imagem do Cristo do Terceiro Milênio foi escolhida para ser estampada na capa. Entre as matérias publica-

das destacam-se: "Rumos para um Novo Tempo", de Maria de Lourdes Wey Martz clamando por mudanças, revisão de valores e um código de ética vivo para exterminar a violência, causa dos descabros, injustiças e misérias contemporâneas, "Fechando o Segundo Milênio com Chave de Ouro", de Therezinha Martha Horugel, e o poema "Natal Recomeço" do Prof. Chaparro, do qual saliento a seguinte estrofe:

Em nós, multidões oscilantes,
Cristo clama a mensagem do Natal inacabado.
O nascer penoso na gruta e na noite de Belém...
Aquela dura viagem em lombo de jumento
E a vida peregrina rumo à cruz...
E a ressurreição... e a ascensão...
Tudo foi apenas começo, anúncio, promessa.
O Natal-mudança terá que ser obra dos homens.

Assim foi o *Reproposta* seguindo seu caminho, porém sempre sem subvenção da USP. Na edição de abril do ano 2000 foi escolhido o tema "Descobrimiento do Brasil", tendo na capa o poema "Pau Brasil", de minha autoria. Jogando com os diferentes significados da palavra pau, faço uma crítica aos desmandos subsequentes às diversas fases das riquezas brasileiras – açúcar, borracha e café – bem como a corrupção. "Teu primeiro tesouro não foi nem prata nem ouro. Foi a ibirapitanga, a árvore de pau de tinta. A árvore do pau-brasil." O texto sublinhava a relação entre pau e Brasil: "pau/Brasil na fase do açúcar, pau/Brasil na fase da borracha, lucro a dar com pau/Brasil do café, levaste pau/Brasil". A última estrofe destacava a situação econômica e ecológica vigente no Brasil.

Brasil
Hoje em dia (...)
Descuida-se a ecologia,
Sucedem desmatamentos,
Destrói-se o meio ambiente,
Impera a mente errônea
De quando eras colônia
E vicejam coronéis.
Tu vives em descompasso

Renda mal dividida
Injustiça social.
No limiar dos dois mil
Tens um coração de pedra
E uma cara-de-pau, Brasil.

Maria de Lourdes Wey Martz assina o texto "Carta à princesa Isabel, a Redentora", na qual expõe o rol de algumas formas de escravidão, como a escravidão das crianças sujeitas ao trabalho infantil, falta de escolas, deficiente assistência à saúde e o desemprego.

De que precisamos Redentora, para que nossa redenção aconteça? Primeiro de um olhar interior, lúcido e crítico, para dentro do país e do povo; de uma busca diligente das nossas possibilidades de autodesenvolvimento e auto sustentação e de um olhar exterior voltado para o mundo desenvolvido e capitalista, um olhar ativo que reivindique nossos direitos de povo livre. Maria de Lourdes termina: Adeus, Senhora [...] rogai por nós, brasileiros. (MARTZ, 2000, p.20).

O artigo "A vez e a voz das avós" revela os conflitos emocionais no cuidado com os filhos dos filhos.

Se existe uma carreira que nunca será ameaçada pelo fantasma do desemprego, indiscutivelmente essa carreira é das avós. Podem até se aposentar quando os netos crescem. Podem estar em licença quando residem em outra cidade ou quando viajam com os pais. Porém desempregados? Nunca. Seu trabalho é gratificante por si mesmo. Mas às vezes cansativo [...] Sem dúvida é em virtude dessa dedicação vinte e quatro horas por dia quando os pais viajam que já ouvi de muitos avós: Os netos dão duas alegrias: quando chegam e quando vão embora. Não acredito que assim se expressem por falta de afetividade, mas por absoluta e completa exaustão. (MARTIRANI, 2000, p. 10).

Para justificar sua pedagogia da liberdade, o Prof. Chaparro afirmava que desistira de "seduzir o grupo para a eficácia das técnicas jornalísticas e deixara que escrevessem para exercitar a liberdade do pensar." Mais ainda, a liberdade de dar expressão ao que pensam. "Sem medos, pois o grupo sabia das várias artes da vida e até das artes de escrever. O ambicioso irá vencer todas as dificul-

dades, não porque as conhece, mas porque a ambição do sonho persiste." (CHAPARRO, 2000).

Nessa época não faltavam elogios dos leitores, inclusive do próprio Prof. Chaparro: "Não será fácil derrubar a vontade e a determinação dessa gente do *Reproposta*. Este projeto vai crescer. O *Reproposta* ainda dará o que falar".

Em 2001, tivemos duas edições temáticas: "Solidariedade" (agosto) e "Paz" (dezembro). Em agosto, o ano internacional do voluntariado também foi destaque, com artigos sobre os direitos, deveres, leis e histórias de pessoas que se dedicam a ajudar o próximo, solidariamente, com os necessitados, de diversas maneiras (aulas de culinária e preparando alimentos para os desabrigados, aulas de pintura, contação de histórias, e até serviços jurídicos).

Etty Veríssimo entrevistou Gladys Strommer de Farias, presidente da Federação das Bandeirantes do Brasil, que esclareceu sobre o trabalho da entidade na formação de líderes e voluntárias. Através do lúdico, a juventude descobre a importância dos valores, responsabilidade social, cidadania e valoriza a convivência com a família e a sociedade. João Jorge Escudeiro da Silva escreveu sobre o trabalho da Associação Cristã de Moços destacando a tríade ACM: Alma (cristã), Corpo (esporte) e Mente (cultura) na formação dos jovens. Constantina Melfi entrevistou o rabino Henry Isaac Sobel.

A paz na terra norteou a edição de dezembro, mês em que os cristãos celebram o nascimento de Cristo. No editorial, escrito por Maria de Lourdes Wey Martz, a paz foi imaginada como um manto capaz de proteger toda a humanidade, cuja tessitura mágica foi feita com fios simbolizando os valores humanos suportados com inteligência e amor.

Um fato trágico, uma perda, um vazio, marcou o início de 2002. A morte de João Jorge Escudeiro da Silva, querido por todos e braço direito do Prof. Chaparro, foi lembrada com emoção no texto "Boa viagem, João".

Em 2003, ano da publicação do "Estatuto do Idoso", tivemos quatro edições do jornal *Reproposta*. Voltaram a ser ventilados assuntos sobre sexualidade na terceira idade, por um lado em tom sério e científico, como na entrevista "Sexo Outonal", por outro lado em tom de humor, como no conto "Díficeis decisões". O psiquiatra e professor da USP, Jorge Amaro foi convidado para conver-

sar com os alunos sobre as maneiras para enfrentar as perdas. Durante o encontro em sala de aula, Amaro destacou a importância do trabalho comunicacional feito pelo *Reproposta*.

Esse jornal é muito importante. É preciso ter líderes que estimulem os outros, mais pacatos, para que comecem a se movimentar. Este jornal pode beneficiar a população da terceira idade, porque tem alcance social de grande amplitude. A USP Aberta à Terceira Idade devia até agradecer aos criadores do *Reproposta* por se preocuparem com a questão social – grande preocupação política do Brasil.

O resultado desse estímulo aparece nos artigos "Porque sonhamos", "O novo centro velho", "As cores da Esperança", publicados na edição nº 18, julho de 2004, a última coordenada pelo Prof. Chaparro, encerrando a etapa do jornal impresso *Reproposta*.

Convidada pelos alunos da terceira idade, a Profa. Cremilda Medina assumiu a coordenação do *Reproposta*, que passou a ser publicado on-line, mas o projeto *Reproposta on-line* não teve continuidade. Contudo, a Profa. Cremilda Medina estava contagiada pela força autoral da terceira idade, e através do "Fórum Permanente Interdisciplinar" permitiu a nossa participação nas oficinas ministradas por ela, cujo resultado aparece nos artigos publicados nas duas edições do *Reproposta*, em 2006. No convívio com os alunos da graduação, os autores da terceira idade ganharam o estímulo necessário para escrever várias reportagens publicadas nos livros da série *São Paulo de Perfil*, como relata Katiúscia Fogaça no capítulo "A vida é apenas um passatempo, até o tempo passar".

Depois de um período de repouso o grupo do *Reproposta* decidiu voltar, em 2018. A aluna líder da terceira idade Ety Veríssimo e o coordenador da USP Aberta à Terceira Idade, Egídio Lima Dórea, conseguiram "contaminar" a Profa. Cremilda Medina, conforme o relato na primeira parte deste livro, "Por que me contaminei com entusiasmo?". E assim, arregaçamos as mangas e nos reunimos semanalmente, de agosto a dezembro de 2018, na *Oficina de Dialogia Social* ministrada pela Profa. Cremilda.

O resultado dos nossos encontros, conversas, pesquisas, escritas e reescritas está presente nas páginas deste novo *Reproposta* que, com um misto de

alegria, encantamento e orgulho disponibilizamos, aos leitores de todas as idades.

Referências

BOSI, E. . No início, uma carta. In: **Reproposta**, USP. São Paulo, v. 1, p. 5, 01 jun. 1998.

MARTIRANI, Esther Alves. A vez e a voz das avós. In: **Reproposta Jornal**. nº 9, jun/jul., 2000. (p. 10).

MARTZ, Maria de Lourdes Wey. Carta à princesa Isabel, a Redentora. In: **Reproposta Jornal**. nº 9, jun/jul., 2000. (p. 20).

A vida é apenas um passatempo, até o tempo passar

Katiuscia Lopes Fogaça

N

uma rápida recapitulação da nossa gramática, achei pelo menos quatro usos diferentes para o prefixo “re” na língua portuguesa: no sentido de repetição, como em “refazer”; de reforçar, como na palavra “revigorar”; e de recuar, em “reiniciar”. Há, porém, um significado mais plástico da linguística que é o sentido de criatividade. Muitas vezes usamos o “re” para dar o significado de “repetir reiniciando de uma forma revigorante”. *Reproposta...*

Terceira década de vida, doze anos de fértil relacionamento com as ciências humanas, por razões que valeria outra conversa para tentar compreender, aventuro uma mudança que me joga no desbravamento de novos conhecimentos, tão humanos quanto aos que navegara, dantes nos mares da comunicação social e da epistemologia, agora no da medicina. Comunicação para Medicina, algo similar à mudança da toponímia de Cabo da Tormenta para Cabo da Boa Esperança (ou seria o inverso?). Passado o turbilhão do desconhecimento, revela-se o novo: desconhecidas terras, povos, flora, fauna, novas rotas. Uma conversa oportuna para confabularmos sobre *Reproposta*.

Não bastasse a associação ao meu momento de repropor, lembrei-me de um episódio indelével, válido de compartilhar, que envolve minha experiência com este projeto, que me oportunizou conviver com o grupão da terceira idade, junto aos projetos *São Paulo de Perfil e Reproposta* na Universidade de São Paulo concertados por Cremilda Medina e Manuel Carlos Chaparro. Embora veterana no quesito academicismo, retornar literalmente às carteiras da universidade, de várias formas mostrou-se desafiador: a diferença de idade e experiência com os colegas da turma, juvenilmente afoitos e seguindo a miragem do glamour da profissão, intermináveis horas mergulhada em aulas expositivas numa enxurrada de conteúdos do ciclo básico, tentando acompanhar o ritmo frenético, porém monocórdico, dos professores.

Sentia que dentro de mim competiam sentimentos e sintomas: a dor lombar que vinha do cóccix, fiel amigo, parado disciplinarmente na mesma posição por horas a fio; o sono, fruto do cansaço físico, mental e da prosódia tediante e hipnótica das aulas; e o conflito epistemológico de ver a teoria desvinculada da prática, o mais próximo que ficamos de um "paciente" nos dois primeiros anos do curso foi um cadáver nas aulas de anatomia.

Muitas vezes, num ato quase rebelde e a contragosto dos preceptores, levantava a mão, um pouco para interromper a balada das aulas, outro tanto para tentar vincular o aprendizado dos desenhos coloridos com um hipotético paciente. A angústia dos professores, ou pelo menos a justificativa, é de que não era momento para aprender sobre doenças, primeiro precisaria aprender sobre como funciona para depois ver como "desfunciona". Entre um e outro ato de rebeldia, encontrei na disciplina Seminário Integrador uma esperança de participar de discussões interdisciplinares fazendo aquela "mistureba" de pensamento complexo da qual estava acostumada nas aulas de *Narrativas da Contemporaneidade* na Escola de Comunicações e Artes da USP. Foi decepcionante. De integrador, apenas o nome. Na verdade distribui-se tema para os alunos, que apresentavam aos colegas, na tentativa de diversificar conteúdos e proporcionar aos alunos a experiência de estar diante de uma plateia. Válido. Porém, para mim, insuficiente.

Fui sorteada com o tema "Envelhecimento humano" com uma data de

"grand finale" da disciplina, a última a apresentar. Foi aí que meu lado inquieto e "ecano" afloraram. Planejei e realizei minha "revolução" acadêmica: depois de expor as teorias próprias da bibliografia indicada, como manda o figurino, debatendo sobre a teoria do desgaste, depois da ação paradoxal dos radicais livres (ao mesmo tempo em que fornece energia, oxida e intoxica), e por fim da teoria telomérica, em que há uma programação genética para a finitude do organismo, fiz um longo parêntese propondo a leitura de um texto da publicação da *Reproposta* de 2006, contextualizando o projeto da qual fiz parte como colaboradora e editora de textos de 2003 a 2007. Queria compartilhar com os colegas e participantes a experiência que ganhei com o grupo, ressignificando o conceito que a Fisiologia batia tão forte: um fim tosco e melancólico. Melancolia e grosseiria eram justamente o que eu não associava à terceira idade, depois de conviver com a intrépida galera do "terceirão", tendo a caixa de e-mails lotada de textos e mensagens, diariamente, com pedidos de leitura, revisão, sugestão, ou simplesmente uma leitura compartilhada de uma autoria textual.

Como esquecer Izaura Marques Piffer, personagem de destaque no meu doutorado, minha mentora sobre saraus de leitura de reportagens da série *São Paulo de Perfil* nas bibliotecas públicas da cidade. Ou Ety Veríssimo, sempre muito ativa e defensora da continuidade dos projetos da USP com a turma da melhor idade. Da produção frenética da Neuza Carvalho. Dos textos picarescos de Modesto Laruccia. Da dificuldade da Regina Rocha em desconstruir a formalidade e se permitir criar nas autorias. E cada qual com os seus quais: Elza, Ângela, Sônia, Esther, Hilda, José Vivaldo...

Escolhi um texto ícone, que pudesse transmitir essa energia e essa noção produtiva e exultante sobre a reproposição do momento de senescência humana. Com ares de sarau, fiz o fechamento do seminário com a leitura do texto *O poder mágico de um livrinho*, de Maria de Lourdes de Oliveira Lima e Silva (2006, p.55), onde a autora narra a história de Dona Sílvia, 72 anos, que procura um doutor para tirar dúvidas sobre sexualidade, e entre coradas e bailes, acaba com o Arnaldo num jantar à luz de velas e momentos inenarráveis ao seu médico.

Talvez não tenha conseguido transmitir tudo que desejava – toda aque-

la viva experiência sobre a terceira idade *Reproposta*, tão viva em mim que ainda hoje penso sobre a especialidade de geriatria; sei que tirei risinhos, gargalhadas, olhares espantados, surpresos e uma advertência com tom de elogio da catedrática: “Só você mesmo.”.

Numa cultura de supervalorização da estética da juventude, envelhecer pode ser considerado algo ruim. Envelhecer, porém, é melhor do que a outra opção. Com uma projeção do aumento gradativo de expectativa de vida, e vida com qualidade, porque como canta Arnaldo Antunes (2009) "a coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer...".

Referências

ANTUNES, Arnaldo, JENECCI, Marcelo, ORTINHO. Envelhecer. In: Álbum **Iê Iê Iê**. Gravadora Rosa Celeste. Formato CD, 2009.

LIMA E SILVA, Maria de Lourdes de Oliveira. O poder mágico de um livrinho. In: MEDINA, C. (coord.). **Reproposta**. Narrativas da Terceira Idade. São Paulo: ECA/USP, 2006. (p. 55-59).

MEDINA, Cremilda (coord.). **Reproposta**. Narrativas da Terceira Idade. São Paulo: ECA/USP, 2006.

PARTE III
HISTÓRIAS INESQUECÍVEIS

*Imprescindível se torna homenagear
pioneiros na lavra de décadas.*

Cecília Borges
Angela Balbão

Memória solidária

Cecília Borges

U

ma das queixas do criador do jornal *Reproposta*, Manoel Carlos Chaparro era, que tudo o que havia sido escrito sobre e para a terceira idade não tinha a autoria da terceira idade. A resposta foi a publicação, resultado final da disciplina oferecida à USP Aberta à Terceira Idade, A Aventura de fazer jornal. “Foi uma maluquice minha”, brinca Chaparro, “em oferecer uma disciplina com uma proposta de fazer um jornal para a terceira idade, feito pela terceira idade”. Essa aptidão de fazer jornal vem de longe na vida de Manoel, por volta dos 13 anos, e enquanto estava internado em um hospital em Portugal fez uma publicação para circular entre os pacientes. Depois, desenvolveu a carreira jornalística e veio para o Brasil, na década de 60, reformular um jornal no Nordeste, sempre preocupado com causas sociais. “Incomodava-me muito essa coisa de gente que não era da terceira idade, escrever para e sobre a terceira idade. Era uma visão muito paternalista.” Envolveu-se com o projeto e formulou a estrutura da disciplina A Aventura de fazer jornal, com a filosofia básica de um jornal para a terceira idade, feita por pessoas da terceira idade. E logo apareceram os interessados. Assim, surgiu a ideia do *Reproposta*, em 1997.

Chaparro conta que o nome *Reproposta* foi criado pelo próprio grupo

de alunos da terceira idade. Lembra que Paulo de Campos Torres de Carvalho foi o estudante que sugeriu o nome, explicando que a pessoa, quando está na terceira idade, conseguiu realizar alguns sonhos, casou, teve filhos, sucesso ou fracasso profissional, e então, pode desistir de pensar em novos projetos. Para Chaparro, o projeto do jornal *Reproposta* também era uma nova “reproposta de vida”. O objetivo do *Reproposta* era oferecer à terceira idade um projeto novo que despertasse interesse em pessoas que gostam de escrever, ou que sonham ser escritores, poetas, jornalistas e não conseguiram. Entretanto, nas primeiras aulas, Chaparro considerou ensinar as principais técnicas jornalísticas, como criar o "lead" (abertura ou cabeça do texto), fazer um título atraente, mas observou que as pessoas ficavam infelizes, além de não compreenderem totalmente as técnicas. E percebeu que os alunos queriam escrever, se expressar e rapidamente desistiu dos planos iniciais. “Passei a apenas mexer na linguagem, corrigir a gramática, eventualmente algumas sugestões, mas deixei os textos assinados pelos alunos, como estavam no original.” Os temas dos artigos publicados eram sugestões consideradas importantes pelo grupo e seguiam a rotina de um jornal comum, como uma reunião de pauta. Chaparro considera que foi um momento de troca de experiências entre ele e os alunos e que a única dificuldade é que todos os anos os mesmos alunos voltavam a frequentar a disciplina.

Aprendi muito, era muito bom conviver com pessoas idosas inteligentes, com boa saúde mental, gente que queria crescer, aprender. A ideia era que todo ano houvesse uma turma diferente, mas não consegui, a turma que começou foi até o fim, com a exceção de algumas pessoas que ingressaram no meio do caminho e de outras que, infelizmente, faleceram.

Analisando o *Reproposta*, desde a sua criação e sua participação, Chaparro relata que foi uma bela experiência. Desde a juventude o professor destaca a função social em tudo o que faz.

Não sou jornalista só porque eu gosto de escrever; sou jornalista porque acho que o jornalismo pode prestar serviços. Fiz o curso não para as pessoas passarem o tempo. Pensei na terceira idade, que em grande parte é excluída, que vive uma problemática muito mal discutida. E o jornal nasceu em função desta questão maior, levantar os temas que interessavam e seriam úteis à terceira idade.

Um dos fatores que pode ter contribuído para o encerramento do projeto do jornal *Reproposta* seria a falta de uma boa distribuição dos exemplares. Apenas um bom conteúdo não é suficiente para manter um jornal na ativa, é preciso alcançar o público leitor, especialmente o da terceira idade. Chaparro chegou a negociar com a direção do jornal *O Estado de S. Paulo* para que o *Reproposta* pudesse ser encartado como um suplemento do *Jornal da Tarde*. Contudo, não houve a concretização do acordo, em virtude de restrições comerciais quanto ao uso do nome da universidade. “O jornal *Reproposta* poderia ter um papel extraordinário, social e cultural, com muito lucro social. Enfim, foi uma grande desilusão e logo depois disso, o projeto encerrou-se por falta de verba.”



Ordem dos Músicos do Brasil
Conselho Regional do Estado de São Paulo

Diploma
De
Honra ao Mérito

A Ordem dos Músicos do Brasil - Conselho Regional do Estado de São Paulo
entrega o presente Diploma a

Izaura Marques

em reconhecimento ao trabalho realizado em prol da Arte e da Cultura
Presbitera

São Paulo, 15 de Março de 2013

Figura 2: Izaurinha ao receber o diploma da Ordem dos Músicos (2013)

Izaurinha, de atriz a repórter

Angela Balbão

E

m uma manhã de agosto, no auditório da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, da USP, meus olhos acompanhavam, maravilhados, aquelas senhoras, de microfone em punho, expondo, com desenvoltura, a ideia de fazer renascer o jornal *Reproposta*, feito pelos idosos, que havia começado em 1997. Na plateia, éramos todos calouros da USP Aberta à Terceira Idade buscando exatamente o que estava escrito em maiúsculo na tela à nossa frente: “Quando se esgota a proposta formulada na juventude, é preciso criar outras para os anos da terceira idade”. Ao final do dia, eu já estava engajada e matriculada na *Oficina de Dialogia Social* para terceira idade, ministrada pela professora Cremilda Medina, que, mesmo já desfrutando da merecida aposentadoria, assumiu mais essa tarefa. Como pesquisadora sênior, Cremilda Medina continua atuando em dois cursos da pós-graduação, PPGCOM/ECA e PROLAM, ambos na Universidade de São Paulo, orientando mestres, doutores, pós-doutores e coordenando o projeto de pesquisa Epistemologia do Diálogo Social. (Ver Anexo).

Logo no primeiro encontro que tivemos ouvi sobre Izaura Marques. A curiosidade aguçou meu espírito. Que mulher foi essa, que merece tantos elogios e deixou tanta saudade? Na distribuição da pauta, para meu espanto, a professora Cremilda dá a mim a tarefa de escrever sobre Izaura. Um friozinho começou na minha barriga e se espalhou por todo o corpo: estarei à altura dessa missão? E saí em busca de socorro. A veterana Etty Verissimo, que participou do início do *Reproposta* em 1997, estendeu-me a mão e marcou um encontro para conversarmos, com a presença de Carla, filha e fiel escudeira da Izaura e Esther Martirani, também veterana e autora de textos publicados em edições anteriores do *Reproposta*. Quando Carla chegou, minha curiosidade sobre como teria sido, fisicamente, o sujeito da minha tarefa, foi parcialmente atendida. Comparando as fotos, os mesmos olhos verdes de Izaura, atentos e sorridentes, o mesmo corpo miúdo e cheio de energia. E à medida que as histórias fluíam pela boca da filha, da Etty ou da Esther, Izaura ia se materializando na minha frente.

Nascida em Socorro, interior de São Paulo, em 1923, Izaura, estimulada pela mãe, teve uma infância recheada de poesias. Menina pequena, sonhava em ser atriz. A mudança da família para Campinas, também no interior de São Paulo, aconteceu na época em que Izaura cursava o primário. Nessa nova casa, como na antiga, tudo brilhava: o assoalho de tábuas, a mesa de madeira maciça e o famoso tacho de cobre, usado pela mãe, Dona Daura, para cozinhar as cascas de laranja com açúcar, doce preferido da menina. Enquanto o doce já cozido cristalizava ao sol, dona Daura tirava o avental e chamava pela filha. Era a hora de ensaiar a menina na arte de declamar. A colher de pau dava lugar ao caderno de poemas, lápis apontado e régua para marcar as pausas, e a pequena Izaura adorava esse momento tanto quanto o doce de laranja. A mãe sentia orgulho do talento da filha, que posicionava-se ereta e com voz delicada, obedecia as pausas e declamava com sensibilidade o poema *A flor do Maracujá*, de Catulo da Paixão Cearense (1863-1946).

Encontrando-me com um sertanejo
Perto de um pé de maracujá
Eu lhe perguntei: diga-me caro sertanejo
Por quê razão nasce branca e roxa
A flor do maracujá?

E quando Izaura terminava de declamar, mãe e filha, cúmplices daquele momento único, sentiam-se ainda mais unidas pelo amor à arte. Da plateia familiar, palcos da escola e festinhas infantis, Izaura passou a encantar os ouvintes da Rádio Educadora de Campinas. A mudança para a capital paulista, em 1936, trouxe novas perspectivas, permitindo que a jovem conseguisse alguns trabalhos na Rádio Bandeirantes.

Aos 18 anos, ao se abrigar da chuva no centro de São Paulo, Izaura descobriu que no local funcionava a Rádio Piratininga, relembra a filha Carla (depoimento, 2018): "Ajeitou a cabeleira loira e molhada, retocou o batom e procurou, sem hesitação, o chefe, que, no caso, era Otávio Augusto Vampré, diretor de radioteatro da Piratininga." A energia, o brilho do olhar e o poder de convencimento da jovem desmontaram os argumentos contrários de Vampré. O momento marca o início da vida profissional de Izaura, mais de meio século de atuações no rádio, TV, teatro e dublagem. Com um salário mensal de cem cruzeiros, Izaura atuava em três vezes por semana, em uma novela e um teatro de contos orientais. Uma característica importante da personalidade de Izaura era a capacidade de improvisação. Ao iniciar na Rádio Piratininga (1941) Izaura usou a criatividade para improvisar e aumentar um pouco mais uma "fala" que devia interpretar, obtendo mais evidência e conquistando o público. O autodidatismo e a força interior a fizeram enfrentar e vencer os desafios da profissão.

Em seguida veio a Rádio Difusora, onde comandava o programa *Namorados Valery* ao lado do apresentador Homero Silva. Também trabalhou na Rádio Tupi e na Rádio Pan-Americana com Oduvaldo Vianna.

Na década de 1940, o rádio era o meio de comunicação mais acessível no Brasil, pelo jornalismo dinâmico e o envolvimento mágico provocado pelas radionovelas. A importação de roteiros de Cuba e México já não dava conta, e provocou o início da produção brasileira de roteiros de ficção seriada para o rádio. Oportunidade para escritores e atores brasileiros. O talento de Izaura, tanto para escrever como para interpretar, fez com que fosse disputada por várias emissoras de rádios. Na Rádio São Paulo Izaura assinou as obras "Nuvens no Céu", interpretada pelo casal Geraldo Blota e Arlete Cardoso, e o monólogo "Uma Voz ao Telefone". Durante esse período Izaura também trabalhou na Di-

retoria do Ensino Agrícola. Na Rádio Cruzeiro do Sul (1947) atuou no programa "Cinema em Casa", de Cassiano Mendes, "Tudo isto e o céu também" e "O espectro da rosa".

A autora Ivani Ribeiro, primeira mulher a comandar um programa na Rádio Bandeirantes, e que viria a se tornar uma das mais importantes novelistas da televisão brasileira, foi grande incentivadora de Izaura, escrevendo papéis especiais para ela em filmes e novelas. O escritor Mário Lago também escreveu um papel para Izaura na novela "Tia Carolina", que fez muito sucesso. Para a Rádio Excelsior, Izaura escreveu uma adaptação do filme "Sétimo Veu".

Em entrevista para a *Revista Rádio Teatro* (1952) Izaura revela momentos que marcaram sua carreira, entre eles, a interpretação de Glória, em "A Marcha Nupcial", de Oduvaldo Vianna, na Rádio Pan-Americana, e a personagem Áurea, em "Tarde Demais para Viver", de Thalma de Oliveira. Contudo, saudades mesmo ela tinha da atuação em "Casa de Bonecas", peça escrita pelo dramaturgo norueguês Henrik Ibsen (1828-1906), e adaptada por Leonardo de Castro.

Em outra entrevista, para o *Jornal SP Norte* (2013), Izaura comentou sobre o trabalho como dubladora, até hoje, uma área restrita e difícil. Em geral, o material audiovisual (filme, novela etc.) é traduzido, revisado e dividido em aneis (roteiros em trechos de vinte segundos). A partir daí é feita a separação da voz que cada dublador vai trabalhar. Na década de 1960, entre as várias personagens a quem deu vida, Izaura destaca Kuru, o menino da série televisiva "Nacional Kid".

Izaura exercia, através da voz quase infantil, um encanto especial sobre as crianças. Entre as memórias afetivas, destaca-se a visita que Izaura fez a um garoto hospitalizado, cujo sonho era conhecer Zabelê, personagem interpretada por ela na novela "Entre dois mundos", de Agostinho Aguiar Leitão, na Rádio São Paulo. A felicidade que o menino demonstrou ao conhecer Izaura, dona da voz de Zabelê, lhe deu a certeza de ter feito a escolha vocacional correta, ou seja, a de poder levar, através da arte, entretenimento e emoção às pessoas. A televisão no Brasil tornou-se um meio eficiente para transmissão de informação e entretenimento – novelas, filmes e programas de auditório. Mas sua origem ba-

seou-se em dois outros meios de comunicação que surgiram antes dela: o rádio e o cinema. Ao contrário do que muitos apregoaram na época, o meio de comunicação rádio não teve o fim decretado, com o início da transmissão televisiva (TV Tupi, 1950). O rádio, o teatro e o cinema ajudaram a estruturar o conteúdo da programação na TV, assim como no início das transmissões muitos trabalhadores (técnicos e artistas) do rádio, também acumularam funções na TV. Izaura estava entre os artistas do rádio e teatro que integraram os elencos das novelas, shows e programas. Foram cerca de vinte anos (1954-1975) de atuação profissional: Rádio Excelsior, Rádio Nacional e TV Paulista (Canal 5), nos quais Izaura conquistou o público com sua imagem, além da voz, através da participação em novelas, programas sertanejos, humorísticos e até infantis. Graças ao jeito infantil, sempre curiosa e bem humorada, Izaura interpretava Lili, a menininha sabida, que contracenava com Ronald Golias, na "Praça da Alegria", que também tinha Izaura na voz do boneco do ventríloquo, além dos papéis que viveu na "Escolinha de Grupo", programas comandados por Manoel da Nóbrega nos anos de 1960. Além dos programas na TV e no rádio, Nóbrega organizava também uma caravana de artistas, conhecida como a "Caravana do Nóbrega", um grupo animado de conjuntos musicais, mágicos e atores, entre eles, Izaura, que percorriam a cidade nos fins de semana, fazendo atuações em circos da periferia.

Izaura casou-se em 1955 com Antônio Nunes, teve duas filhas, Camila e Carla que, quando pequenas, acostumaram-se a acompanhar a mãe aos estúdios. Durante a entrevista ao *Reproposta* (2006, p. 27) Izaura revela como enfrentou o período de censura na época da ditadura:



Figura 3: Izaurinha e a filha Camila

As peças que sofriam censura tinham que ser trocadas na última hora, dava um trabalho danado. Já na TV, você vai rir, quando estava esperando nenê só fazia cenas em off ou por trás de janela, coisas assim, porque era

proibido grávida na TV, decerto porque "lembrava" sexo.

O acolhimento na USP aconteceu quando Izaura passava dos 70 anos de idade. Um jornal feito por alunos da terceira idade, para a terceira idade foi o chamariz. Ansiosa, esperançosa e cheia de garra, ela convoca a filha Carla a levá-la até a ECA para a entrevista com o professor Manuel Chaparro, coordenador do curso A aventura de fazer jornal. No carro, durante o percurso, o coração de Izaura batia acelerado. Esse momento de expectativa ficou gravado na memória de Carla, e um sorriso surge em seu rosto quando ela lembra que o coração da sua mãe batia tão forte que podia ouvi-lo. De volta ao carro, Izaura não parecia tão otimista em ter conquistado uma vaga. O grupo entrevistado, segundo Izaura contou, era composto por uma psicóloga, uma doutora e outros alunos com formação superior à dela. Felizmente, o professor Chaparro, assim como o diretor Vampré em 1941, soube reconhecer o valor daquela senhora desinibida e jovial e deu a Izaura a oportunidade que ela agarrou com a determinação.

Durante o curso, com os colegas, entre eles Ety Veríssimo e Esther Martirani, com a orientação do professor Chaparro, surgiu a ideia da produção de um jornal que denominaram *Reproposta*, inspirando-se na frase de Paulo de Campo Torres de Carvalho, a mesma que, agora em 2018 me estimulou a participar da retomada do projeto iniciado em 1997: “Quando se esgota a proposta formulada na juventude é preciso criar outra para os anos da terceira idade”.

Esther Martirani, a psicóloga entrevistada que intimidou Izaura, lembra com saudade da colega de grupo e conta, com emoção, que também ela se assustou com o jeitinho decidido e enérgico de Izaura, mas com o convívio essa impressão se desfez e se tornaram grandes amigas. Reuniam-se para as tarefas pedidas, inicialmente pelo professor Chaparro, depois pela professora Cremilda, e desenvolveram um relacionamento de cumplicidade e afeto. Muitas vezes essas duas senhoras experientes e sonhadoras davam uma pausa aos compromissos domésticos e às leituras que o curso indicava e saíam para tomar um cafezinho e conversar sobre a vida.

Izaura mergulha na leitura e produção de textos, agora não mais na velha máquina de escrever, e sim no moderno computador presenteado pelos netos. Izaura não se intimidou diante do novo desafio e dominou a tecnologia para

continuar a contar histórias que encantavam a todos. Algumas reportagens, resultados de sua participação na oficina *Narrativas da Contemporaneidade*, foram publicados em 2000 e 2002, na série *São Paulo de Perfil*, tema do capítulo deste livro "A vida é apenas um passatempo, até o tempo passar", assinado por Kátiuscia Lopes, na época doutoranda do PPGCOM ECA/USP, sob orientação da organizadora e coordenadora da série, Profa. Dra. Cremilda Medina.

Izaura fazia da arte de escrever uma aventura e seus textos destacam a jovialidade e descontração. A filha Carla confessa que não conseguia acompanhar a mãe no ritmo da leitura. Entre 2012 e 2013 Izaura leu muito durante todos os dias, obras de diversos autores, de poesias e crônicas aos romances. Aos 90 anos encontrava-se, como sempre, sonhando com o amanhã e aproveitando cada minuto que a vida lhe concedia, fazendo cursos, escrevendo para revistas, cuidando e curtindo a família: filhas, genro, cinco netos e um bisneto.

Em julho de 2013, um câncer inesperado e agressivo derrubou Izaura. De todos os desafios de sua vida esse foi o único que ela não conseguiu vencer. Izaura nunca se permitiu parar, construiu seu caminho correndo atrás dos sonhos, naquele momento foi poupada pela família e pelos médicos de tomar conhecimento sobre a gravidade de sua doença. Entre os textos de Izaura, que me foram entregues pela filha Carla está a letra da música *O bêbado e a equilibrista* (BOSCO e BLANC, 1979) com o verso final modificado. Nunca saberemos o que Izaura realmente conhecia sobre sua doença, pois uma artista como ela, que utilizava a arte para levar alegria e encantamento às pessoas, poderia estar usando o talento para fingir que nada sabia, quem sabe para minimizar o sofrimento da família. No verso da canção *O bêbado e a equilibrista* (BOSCO e BLANC, 1979) "modificado" por Izaura, durante a época em que já estava doente, ela deixa transparecer certa consciência sobre a finitude da vida.

*[...] Mas sei, que uma dor assim pungente / Não há de ser inutilmente, a esperança / Dança na corda bamba de sombrinha / E em cada passo dessa linha pode se machucar / Azar, a esperança equilibrista / Sabe que o show de todo artista tem que ~~continuar~~ **terminar**.*

Referências

BERTONI, Estevão. Izaora Marques, uma atriz do rádio. In: **Folha de São Paulo**, 2013.

BOSCO, João, BLANC, Aldir. O bêbado e a equilibrista. In: **Essa Mulher**, álbum de Elis Regina. Gravadora WEA, Formato LP e CD, 1979.

MEDINA, Cremilda (org.). Entrevista Izaora Marques Piffer. Relíquia. In: **Reproposta**. São Paulo: CJE/ECA/USP, 2006.

RÁDIO TEATRO (redação). Entrevista Izaora Marques. In: Revista Rádio Teatro, nº 32, agosto de 1952.

PARTE IV
O PRESENTE CHAMA A
MEMÓRIA

*O presente e o futuro das vivências
exige o registro das marcas do tempo passado e da
cultura recorrente.*

Neuza Carvalho
Sonia Regina Cunha
Cremilda Medina
Sinval Medina



Figura 4: Esta é a "figueira da Glette", símbolo da época (1937/1969) em que a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (História Natural, Química e Psicologia Experimental), funcionava no palacete da Alameda Glette. Os "glettianos" perderam essa referência, com a demolição do prédio nos anos 1970.

Depois de adversidades e adversativas, o cadastro

S

Neuza Guerreiro de Carvalho

ou "uspiana" sim e tenho grande orgulho disso, mas durante muito tempo "desapareci" dos quadros da instituição. Porque saí da USP em 1951. Não fiz Mestrado (não existia na época) e nem doutorado. Sou apenas licenciada porque era um dos caminhos que a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras nos oferecia. Não estudei na Cidade Universitária, no belo campus do Butantã, porque ela não existia na época. Estudei no Palacete Glette e na rua Maria Antônia e a minha identidade ficou dispersa, perdida por aí nas mudanças de espaço. Mas eu tinha sim uma identidade USP. Pode até ter sido perdida no amontoado de papéis que a Administração Central guarda. Insisto: eu a tenho sim e está aqui. Durante 50 anos fiquei longe da *minha* escola da Glette, e não da instituição USP que sempre estive na minha memória. Comecei a voltar fisicamente no cinquentenário de nossa formatura sem mais o palacete Glette que fora demolido, mas ainda com a Figueira, única referência dos anos de formação profissional. Mas isso é uma outra história que já contei, recontei e continuo contando. Cumprido o meu papel com alunos durante 30 anos, cumpridas responsabi-

lidades com meu núcleo familiar próximo, em 2005 voltei à USP na Cidade Universitária para a USP Aberta à Terceira Idade.

Orgulho de uspiana e amor pelo espaço reacenderam com energia. Voltei a me sentir parte dela. Mas, formalmente, legalmente, eu não era “ninguém” ligada à instituição que sempre me foi tão cara. Aí apareceu a Alumni. O que é isso?

No final de 2016, foi ao ar o portal Alumni USP com o intuito de reunir os antigos alunos de Graduação e de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) da Universidade. Podem se cadastrar todos os antigos alunos da Universidade, mas apenas os graduados a partir de 1974 e os titulados de Pós-Graduação a partir de 1986 terão aprovação automática do cadastro. Os que estiverem fora dessa faixa serão validados pela sua unidade de origem, pois os dados anteriores a esses anos ainda não estão digitalizados. Aí surgiu a esperança de ter um lugar ao sol, ser uma ex-aluna USP que é meu direito. E poder dizer como contribuí para a sociedade com o que recebi da USP. Primeira pedra no caminho: não consegui passar pela página inicial do formulário para cadastro. Não havia nem a minha Faculdade (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras) nem o meu curso – História Natural.

Realizei atividades didáticas durante 30 anos em curso Secundário, Ginásial e Colegial como o proposto pela Licenciatura da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – USP. Desenvolvi um método próprio “Programação dinâmica de estudos para Ciências” com registro no MEC em 1973. Faço pesquisa e registro de autobiografia e biografia de seis gerações da minha família. Atuo na UATI com encontros para resgate de memória autobiográfica.

Reclamei, reclamei, reclamei. Nunca recebi resposta. Passou 2017 e eu envolvida com outros compromissos não voltei a pensar no assunto.

Neste 2018 não estou disposta a deixar problemas mal resolvidos e esse é um deles. Nos meus 88 anos não me resta tanto tempo para esperar que a burocracia me engula. E a partir de fevereiro comecei a batalha burocrática. Voltei ao assunto. Segunda pedra no caminho. Segue texto de um e-mail recebido:

Infelizmente pessoas formadas antes de 1976 não constam na base de dados da USP. Mas não quer dizer que você não tenha sido aluna da USP. Então, nos envie a documentação que comprove sua titulação na USP.

Como me formei em 1951, 67 anos depois seria pouco provável que eu tivesse todos os documentos. Mas eu tinha e tenho sim. E mandei todos em fevereiro mesmo. E para comprovação dos mesmo na USP meu argumento é que a Administração Central tem arquivos “de papel”. Certamente vai dar trabalho, deveriam estar em arquivos mortos, em porões empoeirados, mas eu não vou desistir. Não dei folga. Sempre cobrando, enviando tudo o que era pedido, não deixei que o assunto fosse esquecido. Contei sempre com a boa vontade de Victor, Rodrigo e Cláudia que acharam por bem resolver meu problema porque eu não deixaria a peteca cair.

Finalmente, no final de agosto, o processo chegou à etapa final, e eu fui cadastrada como ex-aluna USP com um número identificador 6111892 e até um e-mail pessoal e institucional vovoneuza@alumni.usp.br. Também tenho uma senha de acesso.

Não sei o que isso modifica minha posição na USP. Tenho claro que a burocracia vai ser um entrave, mas vou lutar para que de alguma maneira possa devolver em trabalho compartilhado tudo aquilo que recebi da USP.

Não é vaidade. É orgulho. É um direito que acredito, me dê maior possibilidade de participação.



Figura 5: Carteirinha Neuza Guerreiro

Obsolescência alimentar e receitas da vovó

Sonia Regina Cunha

Lembro direitinho da minha cara de espanto ao constatar uma fileira de pés de alface crescendo na água. Foi durante uma visita a uma instalação da NASA na Flórida, Estados Unidos, no final dos anos 1980. *Como é que o senhor faz isso? É hidroponia*, respondeu o guia vestido de astronauta. *O gosto da folhinha não fica aguado?* Associei a prática ao fato de que o mundo é feito de três partes de água para uma de terra. Desde pequena, gosto de observar as plantas. Houve uma época em que os galhos da goiabeira, jabuticabeira, abacateiro eram minhas poltronas favoritas para fugir do calor enquanto a leitura me levava numa incrível viagem pelo mundo da imaginação. Guardo sementes de tudo quanto é fruta para poder plantar e também como algumas delas, não a do abacate que dizem ser muito boa, mas acho muito grande. Gosto daquelas pequeninhas de uva e de girassol que fazem bem para a memória. *O que é que eu estava falando mesmo?*

Esse sonho de cultivar a terra me permitiu um encontro especial outro dia no trem que vai para a Cidade Universitária, zona sul da cidade de São Paulo.

Descobri em plena área urbana um shopping com uma horta (rural) no telhado. A terra utilizada para o cultivo é feita pelos próprios funcionários, através da compostagem dos restos de alimentos deixados na praça de alimentação.

Hidroponia, compostagem, agricultura "rurbana", palavras cada vez mais presentes no linguajar do século 21, porque tratam da produção de alimentos. Quanto mais natural, melhor. Quem diz isso é seu corpo.

Não importa sua idade, a alimentação é parceira constante do corpo e da mente. Você pode não lembrar o que comeu quando começou a andar, falar, ou até o que comeu ontem no almoço, mas os alimentos revelam as forças dominantes de seu caminhar até o momento presente. Um prato de comida é um contexto compreensivo da história de um lugar e seu povo. A narrativa da nossa própria história passa pelo fogão, geladeira e a mão do agricultor. O aumento da industrialização nesse processo diminui a singularidade histórica da cozinha cultural de cada povo que é moldado pelo espaço geográfico que ocupa no mundo. A onda de globalização provocada pelas guerras de dominação capitalista transforma as nações, uniformiza os pratos de comida, aumenta a fome e a obesidade fortalecendo a indústria farmacêutica.

E agora a receita da vovó



Cremilda Medina

tenção, que às vezes esquecemos da história coletiva e das memórias individuais que não se contaminam com os progressos do conhecimento científico ou das modas nutricionais. Acompanhando o texto de Regina Cunha, recupero, em 2018, lembrança de meus netos, jovens do mundo digital, pós-industrial, portadores de novas tendências da cultura contemporânea. Copio aqui uma passagem do meu livro de 2012, edição da autora (Cremilda Medina), *Casas da Viagem*, em que lembro de um mingau que uma tia, em Portugal, onde nasci, servia para os pequenos sobrinhos. Assim:

Da tia Lúcia ficou a memória gustativa das cozinhas da viagem, assinada no mingau de domingos à tarde na casa dos avós. No meio da tarde, chamava os sobrinhos e servia aquele creme ainda morninho, inesquecível. Saí em 1953, no fim da infância, da cidade do Porto, para vir morar na cidade gaúcha, Porto Alegre. Em janeiro de 1971, ancorava em São Paulo: com família formada, já professora universitário. Muitos acontecimentos se sucederam, mas vamos ao que interessa: em 2010, Alice, minha neta, foi para a Holanda fazer um intercâmbio de terceiro colegial. Às vésperas de fazer 18 anos, me escreveu pedindo a receita do mingau que

eu fazia quando ela e o irmão, Gabriel, eram pequenos e passavam o mês de férias de inverno comigo em Mongaguá, no apartamento do litoral sul de São Paulo. Alice também queria um lanche quentinho para o inverno holandês. Eu não tinha a receita, sabia de intuição como tia Lídia apresentava o creme. Minha neta fazia questão de insistir, mais canela, vovó, mais canela. Mandei por e-mail o lanche histórico que atravessou gerações. Pois não é que, no ano seguinte do século XXI, Gabriel, 22 anos, foi para Florença estudar italiano e molhos para macarrão – havia cursado gastronomia em São Paulo e se preparava para certas qualificações no mercado. Ana Flávia, minha filha, preparou um álbum para o Gabo levar na bagagem, Receitas do Coração. Toda a família colaborou e a parte Ximenes, pai do Gabo, que se expande em cinco filhos e uma filha, noras e genro, claro, avós quase lotou o caderno. No meio de tantos quitutes afetivos, mandei a abençoada receita do mingau que abraça com afeto a inesquecível tia Lídia. Permitam-me transcrever essa ingênua página culinária que viaja no tempo das misteriosas recorrências. Há experiências humanas, entre elas, as alimentares, que desconhecem a obsolescência:

Mingau da vovó

Querido Gabo,

Esta não é uma receita para um especialista e sim, uma memória de afetos da infância, sua, minha, nossa. Lembra das férias de julho, com vento vindo do mar, cobertores e roupa quente em Mongaguá? Por volta das cinco da tarde você e sua irmãzinha Alice me pediam para fazer um mingau. Então eu lembrava os domingos à tarde, na casa do meu avô paterno, o jornalista e pastor Armando, pai do Zeca e sobrinho do escritor português Alexandre Herculano. Ali, em Vila Nova de Gaia, a criançada – Artur, Dina, a mãe da Midinha, Arnaldo, minha irmãzinha Dina e eu – íamos à cozinha comer o creme da tia Lídia, a irmã solteirona do meu pai. Lá não se chamava mingau, era creme com canela. Adorávamos o lanche, mas nunca pedi a receita. Por intuição vim a fazer muito mingau no Brasil. Quando adolescente na casa dos meus pais, em Porto Alegre; depois, em São Paulo: para seu tio Daniel e sua mamãe. Mas nem a Ana Flávia nem o Dani eram

muito fã do mingau. Vocês, os netinhos amorosos, sim, me exigiam o quitute nas tardes frias de Mongaguá ou em São Paulo. Qual não foi minha surpresa quando a Alice escreveu da Holanda pedindo a receita. O desejo veio também inspirado no frio europeu. Nunca havia registrado os ingredientes e o modo de preparar de um prato tão banal. Que fazer? Improvisei como se estivesse na cozinha passo a passo da intuição histórica. Chega de conversa, lá vai a segunda tentativa:

Ingredientes:

Leite (*três quartos de litro?*)

Ovos (*três gemas*)

Maisena (*quatro colheres de sopa*)

Farinha de trigo (*uma colher de sopa*)

Baunilha (*duas colheres de cafezinho*)

Açúcar a gosto (*vocês adoravam leite condensado também*)

Uma pitada de sal (*que sempre salienta o gostinho do creme*)

Canela

(Se houver erro de cálculo, a corrigir no ato criativo...)

Modo de preparar:

Põe o leite a ferver; desmancha a farinha (maisena e trigo) em leite frio; quando começar a ferver o leite, mistura a farinha desmanchada no leite frio, mais o açúcar e/ou leite condensado e a pitada de sal; mexe sempre e avalia se ficou no ponto de mingau ou se precisa de um retoque de farinha, novamente desmanchada no leite frio. Quando está no ponto, acrescentar as três gemas também desmanchadas. Põe o creme em uma travessa ou nos pratos de sobremesa (*vocês tinham pratinhos especiais*) e polvilha com canela, *detalhe que vocês não dispensavam.*

Com um beijo doce como as lembranças da

Vovó Crê.

São Paulo, 30 de maio de 2011.

Vitrais do tempo

Sinval Medina

A ampulheta

*Se o ontem vira hoje
Ou vice-versa
Tanto faz
Nas frestas do tempo
A areia dos eventos
Tanto corre pra frente
Como para trás*

N

a minha adolescência, lá pelos anos 50 do século passado, eu ficava a imaginar como as mudanças do “progresso” haviam afetado meus avós. Eles haviam nascido num mundo sem automóveis e sem aviões; sem rádio e sem telefone; sem vacinas e sem antibióticos; sem salário mínimo e sem previdência social. Todos tinham vivas lembranças da Grande Guerra e da Gripe Espanhola, acontecimentos que haviam testemunhado já como adultos. Memórias da infância os remetiam à Revolução Federalista de 1893, com seu rosário de atrocidades. Inclusive a Lei Áurea, que libertou os escravos sem aliviar suas misérias. A mãe

do meu pai se referia à filha de cativos que a criara como beneficiária da "lei do ventre forro"; o pai do meu pai se orgulhava de dizer que nascera em pleno mar, filho de um jovem casal de camponeses analfabetos que deixara sua Andaluzia natal para tentar a vida na América. Fantasiava, pois veio ao mundo dois anos depois da chegada dos pais no Brasil. A primogênita, tia Ana, essa sim fora gerada na terceira classe do paquete "Colombo", que aportou em Santos trazendo meus bisavós no dia 22 de fevereiro de 1891. Meu avô Miguel foi o primeiro filho homem da família Medina nascido no Brasil. Veio ao mundo num pátio de estacionamento de vagões ferroviários da *São Paulo Railway* em Jundiá, empresa britânica na qual meu bisavô trabalhava como operário. Anos mais tarde a família se transferiria para o Rio Grande do Sul.

Os pais da minha mãe, já casados há mais de quinze anos e com sete filhos mudaram-se de Jaguarão, na fronteira com o Uruguai para Porto Alegre, após o assassinato do prefeito da cidade por motivos políticos. O morto, doutor Amaro, era primo do meu avô, Afonso Amaro de Freitas. Após a tragédia, em que morreu também um filho do prefeito, o clima na cidade se tornou irrespirável para os Freitas.

As histórias de família lembradas pelos antigos me atraíam como um livro de contos maravilhosos. Quando o avô ou a avô iniciavam um relato com expressões como "no meu tempo", ou "antigamente", ou "certa feita", ou "uma ocasião", meu coração batia forte. Mesmo as passagens que já ouvira antes me emocionavam. A cada repetição, a narrativa ganhava novas dimensões, misturando experiências vividas aos mais fantásticos voos imaginários. Reconheço com alegria que a minha opção por ser um contador de histórias tem raízes nessas memórias afetivas. Se, de um lado, elas permanecem vivas em minha lembrança, de outro refletem um mundo que há muito se dissipou nas brumas do passado.

Sinto-me, assim, uma espécie de ponte a ligar, pela experiência vivida, o século XX (a era das utopias) ao século atual (a era das incertezas). Isso me leva a refletir sobre os pilares que embasavam o universo cognitivo dos meus avós. Que noções eles usavam para interpretar o mundo e interagir com a realidade? Todos eles sabiam ler e escrever, mas só uma das avós terminara o "quinto livro", a

avançada “Seleta em Prosa e Verso”, que marcava, à época, o fim do curso primário. Todos eram nascidos em pequenas cidades do interior e haviam migrado para Porto Alegre, atraídos pelos confortos e oportunidades da vida urbana. Minhas avós não trabalhavam fora de casa. Mas trabalhavam muito. Uma teve onze filhos (dois mortos na infância); a outra, um do próprio ventre, mais dois adotivos. Além disso, quando meu avô prosperou nos negócios, tornou-se a encarregada do pagamento dos empregados, sem jamais receber um níquel para os seus alfinetes. Cozinheira e doceira de mão cheia, era leitora voraz de folhetins e da crônica policial dos jornais.

Além disso, com artes talvez aprendidas com a “mucama do ventre forro”, era mestra benzedeira, adivinhava o futuro com “sortes” e conhecia simpatias para os mais diversos males. Lembro-me de acompanhar de longe, em contrito silêncio, o ritual contra mau olhado em que ela, com uma brasa viva na ponta de uma tesoura murmurava, como que em transe, uma misteriosa oração. Repetia o gesto e as palavras sete vezes, com sete brasas, que ao serem depositadas em um copo d’água soltavam fumaça e chiavam por alguns segundos antes de se extinguir. Para a cura de dores do corpo, aproximava um pano do lugar afetado e, com agulha e linha, ia dando pontos enquanto dizia: “Que coso? Carne quebrada, nervo rendido, osso fora do lugar”. Tinha espalhadas pela casa imagens da Virgem com o Menino, do Coração de Jesus e de Nossa Senhora do Bom Parto. Diante de um Santo Antoninho de barro, de vez em quando, sem que eu soubesse o motivo, acendia uma vela. Raramente ia à missa, mas não perdia procissões e festas na Igreja. Entre outros motivos por ser meu avô um dos mais requisitados “festeiros” da paróquia, ainda que jamais confessasse ou comungasse.

Minha outra avó conhecia como ninguém as propriedades medicinais das ervas do campo. E prescrevia infusos, tisanas, decoctos com autoridade. Pata de vaca, melissa, carqueja, quebra-pedra, macela, boldo, cidreira, cipó milongo, arruda, urtiga. Folhas maceradas com um pano limpo sobre o fermento. Uma xícara bem quente com mel e limão ao deitar. Fazer um chá e tomar por água. Também receitava homeopantias. Acônito. Beladona. Nux Vômica. Prescrições feitas pelo espírito do Irmão Amaro, o primo farmacêutico e prefeito assassina-

do em Jaguarão, que transmitira a doutrina cardecista à família, e que “baixava” nas sessões realizadas todas as semanas em casa sob a direção do meu avô.

Cresci nesse ambiente de crenças que misturava o catolicismo doméstico dos meus avós paternos ao espiritismo de linhagem europeia dos avós maternos. Mas minha educação religiosa não foi além da primeira comunhão.

Suponho que sofreu a influência silenciosa do meu pai, que mesmo sem declarar publicamente, era agnóstico. Meu avô materno seguia a doutrina de Alan Kardec. Os livros do mestre francês foram, ao longo da vida, sua única leitura. A barbearia que abriu no bairro da Azenha ao chegar a Porto Alegre mal dava para sustentar a família. Os filhos mais velhos, ainda meninos, começaram a dar duro para ajudar nas despesas da casa. Mesmo a minha mãe, que era a sexta de uma irmandade de onze, teve uma breve experiência como operária em um laboratório farmacêutico.

Meu avô paterno era um homem de poucas letras, mas com uma ambição que o guindou da condição de pedreiro para construtor licenciado, o que equivalia, na época da República Velha, a engenheiro prático com permissão para assinar projetos de prédios de até três andares. Até hoje, quando vou a Porto Alegre, encontro casas que ele construiu e que ainda estão de pé. Ganhou e perdeu muito dinheiro ao longo da vida. Gostava de tentar a sorte. “Assinou” durante muito tempo um bilhete de loteria inteiro (sempre o mesmo número); frequentava o Hipódromo dos Moinhos de Vento vestindo ternos confeccionados por alfaiates famosos; apreciava casas noturnas e espetáculos das companhias de revista cariocas que visitavam a cidade. Não bebia uma gota de álcool. Tomava café e fumava charutos baianos. No verão usava chapéus panamá; no inverno, Ramenonis de feltro. Mesmo tendo assinado dezenas de carteiras de trabalho, jamais contribuiu para a previdência. Morreu sem aposentadoria, tendo como única renda o aluguel de duas casas que sobraram dos tempos de bonança.

Meu pai, filho único, também entrou cedo para o mundo do trabalho. Relojoeiro e ourives aprendiz na Casa Masson, a mais renomada do ramo na capital gaúcha, estudou à noite na Escola de Comércio Mauá. Tornou-se gerente regional de vendas de uma grande empresa multinacional. Não chegou à universidade, mas assistiu à formatura dos quatro filhos (minha irmã mais velha e

eu pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; as duas mais moças pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul).

Meu avô, ainda que não tivesse estudo, acompanhava de perto a trajetória escolar dos netos. Para orgulho dele, nos todos saímos bons alunos. Pedia a mim e à minha irmã mais velha que explicássemos o que havíamos aprendido. Deliciava-se ao ouvir nossas “lições de cor”, textos que éramos obrigados a memorizar para depois reproduzir na íntegra quando arguidos em classe; em geral trechos de História do Brasil, às vezes um soneto de Bilac ou os afluentes da margem direita e esquerda do Amazonas. Nossas exposições de “inteligência” o maravilhavam. Afeito a vigas e andaimes, caibros e pontaletes, cimento e tijolo, reconhecia com gosto que muito do que os netos sabiam ele ignorava. Quando, a partir dos meus oito anos, comecei frequentar a obra infantil de Monteiro Lobato, *O Tesouro da Juventude*, *A Pequena Enciclopédia de Conhecimentos Gerais*, o *Dicionário Enciclopédico Brasileiro* e outras fontes de cultura geral e divulgação científica que meu pai colocava ao nosso alcance, tornei-me professor do meu avô, explicando-lhe coisas como o funcionamento dos motores a explosão, o voo dos aviões e o “milagre” da telefonia. Volta e meia ele me pedia para repetir as “provas da esfericidade da Terra”, lembrando que em criança pensava que o planeta era plano. Ouvia-me ouvindo com admiração, repetindo sempre: “Quem diria, meu filho. O que é o estudo...”

A verdade é que não precisava entender o princípio da combustão interna para dirigir seu poderoso Chrysler 1929, nem cogitar por que um “aeroplano” não despencava do céu, nem quem fora Graham Bell para utilizar o telefone todos os dias. No correr dos anos as inovações tecnológicas foram se sucedendo. Veio a televisão; a aviação comercial entrou na era do jato; a telefonia, antes restrita a ligações locais, passou a ignorar distâncias, com os sistemas de discagem nacional e internacional. As “novidades do progresso”, como se dizia então, se sucediam cada vez mais velozes.

Ao fecharem os olhos, meus avós deixaram um mundo completamente diferente daquele em que haviam nascido. Hoje, o avô prestes a partir sou eu. E tenho a sensação encerrar meu ciclo sabendo menos que os meus netos no tocante aos avanços das últimas décadas.

Quando, em 1961, ingressei no curso de Comunicação Social, vivíamos ainda em plena era da mídia impressa. O jornalismo era visto como “gênero literário”. Os processos de produção ainda se baseavam nos princípios estabelecidos por Gutenberg quinhentos anos antes. O rádio e a televisão difundiam mais entretenimento do que notícias.

Meio século depois, quanta diferença... De fato, faço parte de uma geração em que os conhecimentos gerais eram o portal da cultura. Num certo sentido, éramos todos netos do Iluminismo e bisnetos da Renascença. Os conhecimentos antes adquiridos nos livros, hoje estão disponíveis na Rede, ao alcance de um toque no teclado. As respostas se tornaram acessíveis, mas precisam ser provocadas por perguntas criativas. A preservação do pensamento crítico, engendrado mais por dúvidas do que por certezas é, a meu ver o maior desafio na formação dos jovens nascidos na era digital.

Não sou, porém, saudosista. Sem me considerar analfabeto funcional diante das novas tecnologias, tenho consciência das minhas limitações em relação a elas. Procuo acompanhá-las na medida em que me são úteis. Aposentei há três décadas a máquina de escrever. Para um “reescritor” como eu, que faz e refaz inúmeras vezes o texto, o computador se tornou um auxiliar precioso. Não seria exagero dividir meus livros em A.C. e D.C., isto é, antes do computador e depois do computador. Os avanços tecnológicos me proporcionaram ainda outras facilidades. É o caso do Google, do qual faço uso com bom proveito. Antes dele, eu precisava ir a uma enciclopédia impressa para verificar a data da batalha de Alcácer Quibir ou a grafia correta do nome de Arthur Schopenhauer. Agora, busco os dados de que preciso na rede sem fechar a página que estou escrevendo. Também não dispenso o “bom e velho” e-mail (que, aliás, envelheceu com espantosa rapidez). E abandonei os mapas impressos (apesar do seu charme) pela facilidade dos aplicativos de localização. Assim, vou incorporando as novidades que me servem, sem me preocupar em saber como funcionam os robôs, algoritmos e assemelhados. Minhas avós não entendiam nada de ondas hertzianas, o que não as impedia de ir às lágrimas com as novelas do Rádio-Teatro Colgate Palmolive, ou de sonhar acordadas ao ouvir Francisco Alves e Orlando Silva, Dalva Oliveira e Aracy de Almeida.

Desde que os nossos ancestrais aprenderam a utilizar o fogo, os avanços tecnológicos se sucedem em ritmo cada vez mais veloz. Mas continuamos a nos mover com os mesmos sentimentos e emoções que remontam ao surgimento da espécie humana. Por mais distância que exista entre a vida material dos moradores das grandes cidades de nossos dias e os habitantes das cavernas pré-históricas, a alegria com que recebemos nossos recém-nascidos e a tristeza com que nos despedimos de nossos entes queridos em nada diferem. Até prova em contrário, nenhum ser dotado de inteligência artificial será capaz de tomar decisões não racionais, ou de se apaixonar perdidamente ou de sentir as dores do parto.

Em suma, o mundo mudou e continuará mudando, o que é muito bom. Mas ao mesmo tempo não mudou e não mudará. O que é ainda melhor.

PARTE V
O GESTO DA ARTE
E DO MITO

*Em busca da transcendência,
o toque artístico ou científico
perseguem desejos inconscientes*

Renata Bueno
Mário Lucena
Márcia Cabral
Etty Verissimo
Sonia Regina Cunha
Cremilda Medina

O rosto do tempo e da vida

Renata Bueno

N

ascida em 1977 em São Paulo, Renata Bueno viveu um ano e meio na Holanda e atualmente reside em Portugal. Já participou de exposições coletivas e individuais em galerias de São Paulo e Santos, na Pinacoteca do Estado, do XIV Salon de l'Éphémère em Fontenay-sous-Bois, na França, projetos de livro de artista em Berlin, Amsterdã e Veneza, na FUNARTE (SP), no SESC Santos, SESC São Carlos, em Beja, Sintra, Torres Vedras e Lisboa (Portugal), entre outras. Suas esculturas de grande escala já foram implantadas em uma praça pública no Butantã e no jardim do SESC Belenzinho, ambas em São Paulo. É autora/ilustradora de mais de 35 títulos publicados pelas principais editoras do Brasil além de ter traduções e títulos originais publicados na Espanha, França, Coréia e Portugal. O convívio com seu entorno é característica de seu trabalho que busca se relacionar e transformar seu meio.

O Retrato

Em contraponto com os “selfs” contemporâneos que tendem colocar a imagem como centro da experiência, a artista propõe o foco na experiência, fazendo retratos de pessoas com que convive. Olhar o outro, mas também olhar a

si mesma. Revelar à sociedade a importância de estar presente e de valorizar a relação. Envolver quem depois vai olhar o retrato, seja o idoso, seja um familiar, seja a criança que vai crescer com a semente de uma arte que se solidariza.

Sem a intenção de representar de forma realista, mas com propósito de troca e investigação poética. A arte não rotula, mas dinamiza, sensibiliza e proporciona a reflexão. Retratos no espelho, retratos ao vivo, monotípias em Retratos. Em 2009 a artista publicou o livro “Autorretrato” pela então editora Larousse no Brasil, com colagens de seu rosto produzidas ao longo de um ano. Desde então, frequentou lares de idosos em São Paulo; acompanhou a vida de um senhor holandês: fez retratos ao vivo em festas portuguesas e participou de encontros em teatros para retratar o público. Performances que ganharam animações realizadas pelo companheiro, Daniel Medina. Retratos expostos nas ruas, circulando em trens, invadindo bibliotecas, áreas de convívios, galerias.



Figura 7: Foto Ficha Tripla

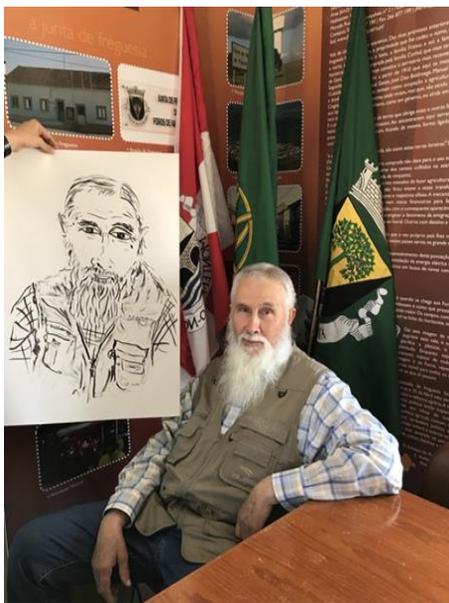


Figura 7: Foto Maria Joaquina

Retrato Solidário

Foros de Vale de Figueira – Portugal (2018)

Retratos formato - 70X90cm - tinta da china sobre papel

Exposição Outubro 2018

Galeria Municipal de Montemor-o-Novo, Portugal

(apoio Câmara Municipal de Montemor-o-Novo)

Antonio, Amélia, Cirila, Joaquina, Generosa, Bárbara Maria Santos, Augusta, Antonio Luisa Martins. Nomes que agora juntam-se aos desenhos, vão para a escola, retornam para os lares e invadem suas paredes. Reencontram cada pessoa. Pessoas tão diferentes que me trazem a memória de meus pais, meus avós. Histórias de vida que se misturam com a minha. Olhar o outro e também olhar a mim mesma. (Renata Bueno, 2018)



Figura 8: Retrato Barbara

Retrato Solidário

Foros de Vale de Figueira – Portugal (2018)

Retratos formato - 70X90cm - tinta da china sobre papel



Rosa Figueira

Figura 9: Retrato Rosa

Retrato Solidário

Foros de Vale de Figueira – Portugal (2018)

Retratos formato - 70X90cm - tinta da china sobre papel



Cecília Calvo

Figura 10: *Retrato Cecília*

Retrato Solidário

Foros de Vale de Figueira – Portugal (2018)

Retratos formato - 70X90cm - tinta da china sobre papel



Figura 11: *Retrato Antonio*

Retrato Solidário

Foros de Vale de Figueira – Portugal (2018)

Retratos formato - 70X90cm - tinta da china sobre papel



Figura 12: Retrato Aurora

Como fazer um amigo na Holanda

Retratos técnica mista sobre papel (Holanda, 2016)



Figura 13: Retratos técnica mista sobre papel (Holanda, 2016)

Trem sanfona

Livro de artista - Holanda

2016

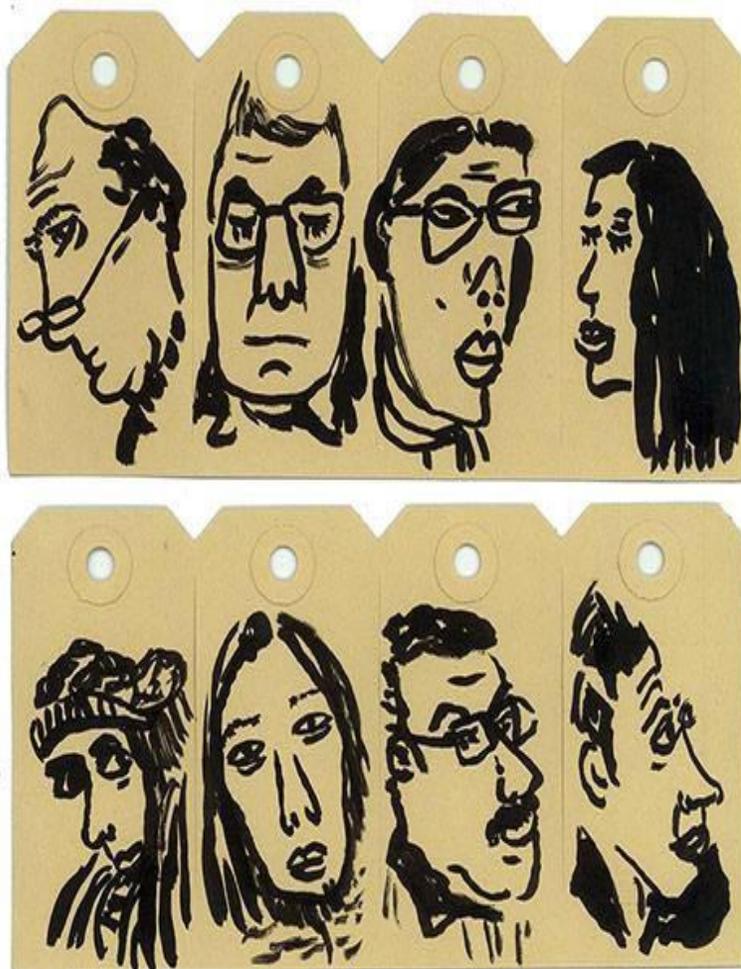


Figura 14: Retratos em etiquetas - Tinta da China

Morada São João (São Paulo – Brasil 2014 – 2015)
Retratos formato - 40X60cm técnica mista sobre papel



Figura 15: Retratos Morada S. João (Brasil)

A química visita o mito

Mário Lucena

B

otei o relógio para despertar às 15 para meia-noite, preocupada com a inscrição para o curso Encontros Culturais oferecido pela Escola Politécnica da USP no Departamento de Engenharia Química (PQI). Quarta tentativa. Dois anos disputando uma vaga. Angustiada, mesmo contando com a inestimável ajuda de um neto.

Preciso entrar, pois no mesmo dia, às quartas-feiras, confirmei presença em um curso na Veterinária. Ir de Interlagos para a USP-Butantã para participar só de um curso não compensa. Quero passar o dia. Meditação na parte da manhã, na Veterinária, almoço na Odontologia e, à tarde, Encontros Culturais na Química.

Vó, a senhora já repetiu mil vezes essa história. Fica sossegada, vai dar tudo certo. Meu neto é muito tranquilo. Pacientemente expliquei, basta um cochilo para a vaga evaporar. Aconteceu no semestre passado. Botei água para ferver e me distraí uns minutinhos com o chá. Quando olhei a hora, meia-noite e dez. Nervosa, levei mais uns dez minutos para enviar o e-mail. Que raiva. A vaga virou fumaça.

Foi uma reação química, só. Brincadeira. Mas do jeito que a senhora fa-

la, parece mais fácil passar no vestibular para Medicina. Meu neto se divertia com minha odisséia juvenil para entrar em um dos cursos oferecidos para o público da terceira idade pela USP Aberta à Terceira Idade-Butantã. Por mais que explicasse, não entendia a relação da Veterinária com Meditação Dirigida e muito menos sonhos, contos, lendas, fantasias... e a realidade com a Química. Li o enunciado do curso:

Com o passar do tempo, as atividades rotineiras necessárias para a subsistência muitas vezes embotam a capacidade criativa do ser adulto: a imaginação adormece e a realidade assume o controle, imperiosa, um peso sobre nossos ombros. Como consequência, a vida transcorre em cores esmaecidas. Isto acontece com uma maioria expressiva. O resgate da imaginação é importante. Então, para que possamos ver, novamente, o mundo com um olhar ameno e otimista, abrir as portas para uma vida feliz, propormos para os alunos da terceira idade reflexões e debates em torno do tema...

Legal, vó, entendi. Esse cursos para velhos são novos? Esses cursos existem há anos, mas pouca gente sabe. Descobri a USP Aberta à Terceira Idade porque voltei a frequentar a USP. Várias pessoas falaram bem do Encontros Culturais. O professor é um homem sensível. É químico, mas também é músico e psicanalista, por isso tem essa escrita poética, essa prática humanizada.

Vó, vai dar tudo certo. Tem que dar ou desisto de tudo. Imagine se vou conseguir meditar caso fique mais uma vez de fora do Encontros Culturais. Pode dormir sossegada. São 45 vagas, a sua será a primeira, prometo. Não precisa de despertador. Deixei o formulário de inscrição preenchido e a zero hora disparo o e-mail. A zero e um, reenvio. Não vai ter erro.

Tentei dormir, mas o sono não veio. Liguei a TV, adormeci na poltrona e sonhei que mais uma vez minha inscrição foi rejeitada. Despertei assustada. Meu neto, que hoje faz engenharia na Poli, riu do meu pesadelo. Tranquilizome. Enviou os e-mails conforme planejara.

No lugar da confirmação, recebi uma resposta gentil, padronizada, agradecendo meu interesse, mas informando que todas as vagas estavam preenchidas. Fiquei muito triste. Meu neto não se conformava. Tem alguma coisa errada. Só sossegou quando conseguiu o telefone do professor Terron.

Liguei. Me chamo Harumi, há dois anos busco uma vaga no seu curso, este semestre tive o cuidado e enviar minha inscrição a zero hora e, para ter certeza, reenviei a zero e um. Se o critério é a ordem de chegada, como consta no folheto, é impossível 45 pessoas terem se inscrito antes de mim. Sua secretária deve ter se equivocado ou, como diz meu neto, seu computador deu pau.

O professor Luiz Roberto Terron não duvidou. Harumi, aceito sua participação, mas a sala já está lotada. Fui admitida no curso mais cobiçado pelos idosos frequentadores da USP Aberta à Terceira Idade. No primeiro dia procurei chegar mais cedo. Não adiantou correr. Lotada estava longe de ser a palavra correta para descrever a sala entulhada de velhos. Um aluno testemunhou meu espanto. Aqui é assim, uma hora antes a sala já se encontra repleta. Tem algumas cadeiras vazias, mas estão reservadas, são de pessoas que sentam nelas há muitos anos. Algumas há mais de dez, como eu. Muito prazer, Bill. Com jeitinho dá para colocar uma cadeira ao lado da minha.

A situação deprimente testemunhada por Harumi, em nada afetava os outros alunos. Faziam festa, espremidos em um local que lembrava uma cela abarrotada. Um curto-circuito e a população idosa de São Paulo sofreria drástica redução. Tudo inadequado. Um tablado na entrada exigia dos velhos o perigoso exercício de subir de um lado e saltar do outro, mas não faltavam mãos, braços e ombros amigos para auxiliar os alpinistas. A sala, no segundo piso do Bloco 22, desafiava o idoso a galgar dois lances de escadas apoiados em bengalas, auxiliado por andadores, disputando corrimãos.

Onde vou arrumar uma cadeira? Pode pegar em qualquer sala, depois é só devolver. Acabei me acomodando, melhor, me equilibrando sobre um banco alto de madeira. Mas não podia me mexer. Travada. Eu e o banco.

O panorama, na perspectiva de quem entrou e sentou, era muito pior. Sala remendada, janelas cobertas com papel para impedir o excesso de luminosidade, persianas tortas, ar condicionado barulhento do tipo ou eu ou o filme. Votação. O ar condicionado perdeu e os ganhadores assumiram o sufoco.

A tela se revelou quando todo mundo entrou e a porta foi fechada. A tela vivia escondida atrás da porta certamente por vergonha. Não era mais uma tela retinha. No decorrer dos anos criou uma barriga. Várias barriguinhas. Descia

em ondas. Em consequência, filme e legendas pareciam projetados em dunas. O efeito especial era péssimo para a leitura, mas aparentemente todos tinham um bom ouvido para outras línguas, pois ninguém reclamava.

A primeira aula do semestre é concorrida, pois todos querem matar a saudade. Depois cai a frequência. A seleção dos filmes feita pelo professor é importante, mas as pessoas valorizam mais a socialização. Aquele aglomerado de velhos se socializava. Barulho infernal. Falatório no volume de surdos. O curso anunciava 45 vagas, mas Harumi contabilizou mais de 60 almas, sem contar os espíritos. Não havia mais um único espaço vazio. Durante o semestre, umas 100 pessoas passam pelo curso. O milagre da multiplicação estava diante do olhos de Harumi. Bill frequentavam o curso desde seu início, 2006, quando focava mais a música do que o cinema. Os encontros ocorriam apenas nas últimas sextas-feiras de cada mês. Harumi, em poucos minutos, sentiu-se acolhida, protegida pelo americano que se apaixonou por uma artista plástica brasileira e se mudou de mala e cuia para São Paulo. Ao descobrir a USP Aberta à Terceira Idade, Bill fez da USP sua segunda morada. Frequentava cursos todos os dias, mas seu grande temor era o curso do professor Terron acabar por falta de sala.

Como pode faltar salas para cursos dentro de uma Cidade Universitária? O coordenador da USP Aberta à Terceira Idade, responsável pelos cursos de Envelhecimento Ativo no Hospital Universitário, Egídio Lima Dórea, não tem uma sala para chamar de sua. A cada semana, os alunos atrasados se viam perdidos no labirinto hospitalar, subindo e descendo escadas, abrindo e fechando portas de salas e auditórios e, quando davam sorte, encontravam os colegas a tempo de assistir o final da aula, mas muitos voltavam para casa sem encontrar a turma, mas conhecendo palmo a palmo o hospital e, em algum momento, cruzado com Bill pelos corredores. A mais nova e o mais antigo aluno da classe se enturmaram antes do gongo anunciar o início da aula. Bill era o mais antigo, não o mais velho, este lugar pertence a vovó Neuza, 88 anos, dona de uma cadeira cativa na aula do professor Terron, e professora sem sala do curso *Encontro de Resgate de Memória Autobiográfica*. Cada aluno, descobriu Harumi, se inscreve uma única vez para o curso Encontros Culturais e ganha o direito de frequentá-lo até o fim da vida ou o fim do curso, o que acorrer primeiro. Mas todos espe-

ram que o curso continue para, quando estiverem do outro lado, onde a vista é melhor, poderem dar uma olhadinha. Bill acaba de trocar de lado. A cada semestre, um ou dois "terroristas" faz a travessia, um ato gentil, de solidariedade com os novos alunos velhos.

Centenas de pessoas, nesses 12 anos de curso, passaram pelo Encontros Culturais. Significa que centenas de pessoas ganharam o direito de frequentá-lo até o fim da vida. Logo, as vagas no catálogo não eram reais. Harumi protestou. Não é certo anunciar 45 vagas quando não existem nenhuma. Terror concordou. Para o primeiro semestre de 2019, o Encontros Culturais oferece aos viajantes cinco vagas reais. Viajantes porque o tema será *As Nossas Viagens da Vida*.

A melhor notícia. A situação caótica encontrada por Harumi não existe mais. O curso, graças a luta de uma funcionária do Departamento de Química, o PQI (Politécnica Química Industrial), ganhou nova sala. Melhor, um auditório novinho em folha, com cadeiras confortáveis que lembram a primeira classe de um avião da Panair, ar condicionado silencioso, som de alta qualidade, tela retina e cortinas impecáveis. Mais assentos do que pessoas.

O calor humano continua o mesmo, pois a socialização é um caso a parte, extrapola a sala de aula. Harumi descobriu logo no primeiro dia ao ler um dos avisos destacados na lousa: R\$ 10,00 para o café, passar para a Katharina. E quem não toma café? Toma chá, leite, água... Dez reais para o semestre inteiro. Harumi pagou e ficou imaginando como e onde o café seria servido. Bateu duas horas e o professor pigarreou, tocou no teclado do computador e surgiu na tela ondulante uma imagem estática anunciando o filme. Vai começar, sussurraram. O povo acelerou a fala para finalizar as conversas em andamento e o mercado de peixe explodiu como pregão na Bolsa do Café em Santos.

Olhar intimidador, nomes pronunciados em tom ameaçador, pigarros. Em segundos a sala emudeceu e murchou como uma folha de alface fora da geladeira. Antes do filme começar, o professor saudou os velhos e novos alunos e lembrou a todos sobre a importância do Código de Ética dos Encontros Culturais e repassou um por um. Aqui você pode ser tudo, menos: *chegar atrasado*, pois atrapalha, tira a atenção dos que chegaram na hora; *ser rebelde*, conversar, não parar quieto, proporcionar atrasos; *ser tagarela*, cochichar, conversar duran-

te o filme ou tumultuar o debate falando fora da vez, desrespeitando os colegas; *ser papão de tempo*, ao se alongar na exposição de ideias acaba roubando o tempo dos outros que também querem falar; *estar por fora*, vem para a aula sem ter lido o material e faz perguntas desnecessárias; *estar sempre certo*, pois ninguém é dono da verdade e ouvir outras opiniões podem abrir seu leque de ideias; *ser carente*, chamar a atenção falando alto ou fazendo piadinhas e gracejos fora de hora; *ser desatento*, esquecer de desligar o celular e, pior, receber uma chamada e atender.

Alguém pode apagar a luz, por favor? Todo mundo engessado. Uma sinfonia de ruídos guturais, estomacais, naturais, mas nenhuma palavra. Harumi, impressionada, identificou o zumbido de uma mosca cruzando a sala. Pá.

Dublê de Anjo. The Fall. Imagens espetaculares. Um filme que Harumi jamais alugaria em uma videolocadora. Todos atentos a cada movimento, cada fala. Fotografias exuberantes e trilha sonora irritante. Quem foi o desatento que esqueceu o celular ligado? Verdadeira catarse. A sala ria de si mesma. Da sua seriedade de almanaque. Do seu brinquedo. Mais da metade da sala mexe e remexe em bolsas e bolsos para evitar o carão de mais uma chamada. Carão dado, filme recomeçado.

Fruto de pesquisa exaustiva de um cinéfilo apaixonado, o filme é uma produção americana com parceiros da África do Sul e da Índia. Tomadas em 22 países, incluindo o Brasil. O suprassumo da fantasia fora das cercanias da Disney.

Toc, toc, toc ignorados. Agitação. Toc, toc, toc repetidos, mais irritantes do que toque de celular e ignorados pela segunda, terceira, quarta... Porta forçada, empurrada, colocando em risco a integridade física de quem nela se apoia por falta de espaço. Pausa. Luz acesa. Suspense. Porta aberta. Duas senhoras felizes. Aqui é a sala do professor Terron? Sim. O filme já começou? Sim. Podemos entrar? Não. Também não podiam bater nem empurrar a porta. Não admitimos alunos atrasados. Atrapalham. Somos obrigados a parar a execução do filme. É inadmissível.

— *Desculpe, professor, só atrasamos porque nos encaminhamos para a Politécnica e ficamos horas perdidas até descobrirmos que era aqui, no PQI, e olha que so-*

mos professoras da USP, imagine quem não conhece. O endereço está no programa. As senhoras são alunas do curso? Inscreveram-se no site? Foram convocadas por mim?

— *Na verdade, fomos à Pró-Reitoria e nos orientaram a procurar o senhor.* Errado. O correto é se inscrever no site. Vagas só para o próximo semestre.

— *Mas, professor, somos colegas, docentes da FFLCH.* Orientem-se pelo site, no próximo semestre abriremos vagas e as senhoras serão muito bem-vindas. A classe acompanhou todo o diálogo no mais absoluto silêncio. Um respeito hostil e ensurdecidor. Porta fechada, nova catarse. Trocas de olhares cúmplices entre alunos e professor. Harumi compreendeu a lição, melhor faltar do que atrasar. O filme seguiu seu rumo e quando terminou outra advertência para quem se mexia no assento. O filme só acaba depois do último letreiro. A música de fundo é tão importante quanto qualquer imagem. Permaneçam nos seus lugares. Hora do café e de devolver as cadeiras para suas respectivas salas. Surpresa. O valor, R\$10,00, referia-se apenas a bebida, a comida, cada um contribuía com alguma coisa. Harumi se viu diante de um banquete nababesco na cozinha do Bloco 22. A mesa do café era praticamente do tamanho da cozinha. Tomada por quitutes requintados. Doces e salgados. O café era só um detalhe. Abordada por dezenas de pessoas, Harumi compartilhou fatos curiosos e causos de todo tipo. Sentiu-se em casa. Comeu e bebeu. Se empanturrou. Foi o dinheiro mais bem aplicado de sua vida.

Terceira e última etapa do curso, debate. Menos da metade da turma atendeu ao chamado. A maioria dos desertores deu como desculpa a necessidade de pegar netos na escolinha. O restante se dividia entre consulta médica e fuga do trânsito. Harumi se arrependeu de não ter seguido o último bloco, permaneceu, mas descobriu que fez péssimo negócio, levou horas para chegar em casa.

Antes de abrir o debate, Terron instou os alunos novos a se apresentarem. Para surpresa de Harumi, quatro foram admitidos no segundo semestre de 2017. Na sua vez, resumiu sua vida em poucas palavras. Socióloga, trabalhou com RH e pesquisa de mercado, viveu alguns anos fora do país, casou com um holandês, formou uma linda família, fez pós no CITRAT para atuar com tradução depois da aposentadoria, pois não se imaginava parada. Descobriu a USP

Aberta à Terceira Idade quando procurava um curso de holandês para treinar a língua. Fez outros tantos cursos, em diversas faculdades, e seu sonho era conseguir uma vaga no *Encontros Culturais* do qual só ouviu bons comentários.

O debate é outro filme. Um rico aprendizado a partir das visões distintas de cada aluno. Terron é o grande maestro. Seu jeito de ser, seu exemplo, faz toda a diferença. Toda opinião deve ser ouvida e respeitada. O diferente contribui com o todo. Compreender o outro é compreender a si mesmo. Aceitar é a palavra chave. Debater é o "x" da questão. E o segredo guardado a sete chaves se chama socialização. Além do café, tem a noite da pizza, o almoço de confraternização, festa de encerramento e festas temáticas de acordo com a disposição da turma.

A cada semestre, um tema orienta os debates. No primeiro semestre de 2018 foi *Profissões*. Independente do tema, a mitologia está sempre presente. O engenheiro químico, professor sênior, Luiz Roberto Terron, fez bacharelado em instrumento (piano) e é psicanalista clínico. Psicanálise rima com mitologia. No segundo semestre de 2018, a *Jornada do Herói* pautou os debates. Os alunos tiveram como tarefa ler *O Herói de Mil Faces*, de Campbell, e a *Jornada do Escritor*, de Vogler. Com base nessas leituras, discutiu-se em sala de aula a função de cada personagem na trama apresentada no filme. Do herói ao mentor, passando por pícaros, sombras, aliados e antagonistas. Um rico aprendizado, uma viagem incrível. No primeiro semestre de 2019 o tema será *Viagens*. E o que é a viagem se não um chamado à aventura, um desafio que proporciona ao viajante vivenciar transformações, experimentar todas as etapas da *Jornada do Herói*, da química ao mito.

Para conectar pessoas

Márcia Sant'Anna Cabral

Chego correndo atrasada para o nosso bate papo e ele já está lá, sentado no banco, cercado de alunos, como em todas as vezes que estive com ele no Bloco 22 do Instituto de Química. Me aproximo, peço desculpas pelo atraso. Como tempo é curto pergunto: podemos começar nossa conversa? *Claro que sim*, responde Luiz Roberto Terron, o professor responsável pelos Encontros Culturais, um dos cursos mais requisitados pelos idosos ou seniores que frequentam a USP Aberta à Terceira Idade. Ele avisa, porém, que a entrevista terá que ser feita em etapas. *Falaremos um pouco hoje e depois vamos complementando a conversa conforme haja tempo disponível, pois ainda teremos duas aulas até o final do curso e a de hoje já vai começar*. Terron é uma unanimidade entre seus alunos. Ele ministra o curso há 12 anos e a cada ano, apenas cinco novas vagas são abertas, pois a turma de 50 alunos não desiste e assim quase não há “calouros” nos *Encontros Culturais*, realizados às quartas-feiras em um auditório confortável do Instituto de Química. Antes do início da aula, ele checa o projetor, fecha as cortinas, verifica a luminosidade da sala, o funcionamento do ar condicionado, anda de um lado para o outro e explica os critérios que o fizeram esco-

lher o filme que será exibido aos alunos. Fala um pouco sobre a ficha técnica do filme e relembra os pontos a serem observados durante a exibição e que serão discutidos, mais tarde no debate complementar, uma vez que durante esse semestre de 2018, o tema dos *Encontros Culturais* fala sobre a *Jornada do Herói, ou como escreveu Vogler, a nossa jornada da vida*.

A Jornada do Herói não é uma invenção, mas uma observação. É o reconhecimento de um belo modelo, um conjunto de princípios que governa a condução da vida e o mundo da narrativa do mesmo modo que a medicina e a química governam o mundo físico. (VOGLER, 2006, Prefácio)

No final da década de 40, o antropólogo, estudioso de mitologia, escritor, conferencista e professor universitário americano Joseph Campbell (1904-1987) escreveu o livro chamado *O Herói de Mil Faces* no qual estudou diversos mitos de heróis de várias civilizações. Campbell descobriu um elo recorrente: os mitos heroicos seguem um padrão cíclico, uma sequência de etapas que ele chamou de "monomito", ou *A Jornada do Herói*. No fundo, Terron considera que o herói somos nós, seres humanos, e as jornadas percorridas nas aventuras ou desventuras são aspectos das nossas próprias vidas. Além da seleção cuidadosa dos filmes – Terron assiste cerca de 60 películas e pré-seleciona 16 filmes para cada um dos módulos de quatro meses do curso – de vários gêneros, comédias, dramas, aventuras e de vários países como Japão, Estados Unidos, Argentina, Índia, Espanha. Providencia para os alunos uma apostila com orientações, calendários de exibição dos filmes, regras para os debates e promove a interação e conexão entre os alunos o tempo todo, criando atividades e eventos coletivos como jantares em pizzarias e um almoço comemorativo quando o curso *Encontro Culturais* completou dez anos de funcionamento. No segundo semestre de 2018, a proposta para os alunos: *Vamos rir e nos emocionar com as trajetórias dos personagens e verificar que o ser humano tem sentimentos semelhantes, não importando a época em que viva nem onde esteja. E nós, participantes do curso, vamos rever nossas próprias trajetórias*. Em outra oportunidade perguntei a ele qual havia sido sua motivação para continuar dando aulas para os idosos, mesmo aposentado e a que ele atribuía o sucesso do seu curso. Antes de responder, ele cumprimentou e

abraçou meia dúzia de alunos que vieram até ele e depois me disse: *gosto de trabalhar com a terceira idade, sempre gostei e por essa razão estou fazendo isso há 12 anos. Agora, a segunda parte da pergunta é mais difícil e é melhor você perguntar para os alunos.* Insisto. Me diga pelo menos o que você acha que deu certo nos seus Encontros Culturais? Ele sai andando apressado, mas responde: *Acho que a fórmula do curso para promover conexões entre as pessoas e construir relacionamento entre os participantes, acabou dando certo.*

Referência

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor** : estruturas míticas para escritores. Tradução de Ana Maria Machado. 2ª .ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006

Para além do real tocável

Etty Veríssimo

S

ou judia, culturalmente, tradicionalmente. Tive uma mãe judia, daquelas de livro, protetora, alimentadora, bem brava. Ao longo da vida, fui mudando de crença: me tornei católica, mais para poder casar de véu e grinalda que por convicção. Conheci o espiritismo e gostei de suas afirmações.

Para fazer a coisa bem feita, como leonina, fui estudar a doutrina. E fiquei no centro espírita por muitos anos. Descobri uma lógica que não existia nem no judaísmo nem no catolicismo. Mais tarde, fui apresentada ao budismo e aí misturei tudo para formar uma crença minha, particular, onde o mais importante é praticar o bem e respeitar os outros. Não posso negar que o judaísmo é o mais forte em mim. Me debulhei em lágrimas a primeira vez que pisei em Israel. Não posso assistir filmes sobre o Holocausto sem chorar.

Meu sangue ferve se falam mal dos judeus, apesar de reconhecer que nem sempre estão certos. Não acredito em santos nem na confissão apesar dos esforços da bondosa Irmã Carolina, de quem fui aluna por três anos. Por curiosidade, passei pela Umbanda, pelo Candomblé. Tenho parentes e amigos evangélicos e protestantes. Observei que todos têm em comum o temor ao ser divino, bondade, respeito. Neste caldo de religiões que é o Brasil, ninguém permanece

imune à mistura. Por preconceito, nunca me aprofundei no Islamismo. Sei que não é a doutrina terrorista pregada pelos membros do Hezbollah e da Organização para a Libertação da Palestina (OLP). Sei que um islamita é temente a Deus, faz o bem, tem respeito pelos outros seres humanos.

Para por mais lenha na fogueira, minhas raízes africanas e ibéricas incorporam várias crendices: convidado não pode abrir a porta, é preciso ter uma arruda em casa etc. e muitas outras recomendações de benzedeira.



Figura 16: *Casamento da Etty Verissimo*

O mapa das religiosidades

Sonia Regina Cunha

S

almente um coração carregado por imensa afetividade humana, como o da Etty Veríssimo, para nos levar por uma caminhada reflexiva sobre a diversidade religiosa global. Assim, sem a pretensão de exaurir o tema religião, talvez complementar a ideia original, apresento alguns dados do último "Atlas da Religião da População Brasileira", publicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), em 2010.

O primeiro censo oficial sobre religião no Brasil data de 1970, quando a maioria da população afirmou pertencer à religião católica apostólica romana, herança do processo de colonização e do estabelecimento como religião oficial até a Constituição da República (1891).

Não ocorreram mudanças significativas no censo de 1980, que registrou um total de 89% de seguidores da religião católica apostólica romana. Mas, na década de 1990, esse segmento, embora majoritário (83%), perdeu espaço para os evangélicos (9%) e pentecostais (6%). Em 2000, aparecem os sem religião (7,4%) e os espíritas (1,3%). Cresce o número de evangélicos (15,4%) e diminui o percentual de pessoas da religião católica romana (73,6%).

A partir dos resultados do IBGE elaborei as Tabelas 1 e 2. Esses dados

de 2010 apontam para um aumento da diversidade dos grupos religiosos no Brasil, principalmente nas áreas urbanas mais populosas. Há um aumento no número de evangélicos, embora a parcela católica ainda permaneça majoritária. Para complementar o estudo do IBGE apresento a Tabela 3 que sintetiza as religiões no mundo, a partir de três eixos: o monoteísmo, o panteísmo e o não-teísmo.

Apesar da apresentação em formato de dados estatísticos, considero as religiões como sistemas complexos e dinâmicos, e não, unidades de conhecimento atomísticas, e alguns desses sistemas tornam-se visíveis apenas quando observados fora do particularismo. As informações a seguir são inspirações para futuros encontros humanos, diálogos possíveis e estudos, que resistam às generalizações comparativas e à fragmentação do conhecimento.

Referências

BRASIL. IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: IBGE/MPOG, Min. Planejamento, Orçamento e Gestão/Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010.

CANADIAN CENTRE FOR ECUMENISM. **Summary Table of World Religions**. Canadá: CCE, The source for ecumenical & interfaith resources, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/2VkJXohf> Acesso em: 18 dez. 2018.

Tabela 1: Grupos de religião no Brasil (IBGE, 2010)

Composição dos grupos de religião no Brasil (IBGE, 2010)		
Católicas		
Apostólica Romana	Apostólica Brasileira	Católica Ortodoxa
Afro-brasileiras		
Candomblé		Umbanda
Evangélicas		
Evangélicas Missão	Evangélicas Origem Pentecostal	Outras religiosidades cristãs
Luterana	Assembleia de Deus	Jesus Cristo dos Santos Últimos Dias
Presbiteriana	Cristã do Brasil	Testemunha de Jeová
Metodista	Brasil para Cristo	
Batista	Evangelho Quadrangular	
Congregacional	Universal do Reino de Deus	
Adventista	Casa da Bênção	
Outras Evangélicas	Deus é Amor	
	Maranata	
	Evangélica Renovada não determinada	
	Comunidade Evangélica	
	Outras Igrejas Evangélicas Pentecostal	
Budismo		
Espírita		
Hinduísmo		
Islamismo		
Judaísmo		
Messiânica Mundial		
Tradições indígenas		

Elaboração: CUNHA, 2018

Referência

BRASIL. IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: IBGE/MPOG, Min. Planejamento, Orçamento e Gestão/Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010.

Tabela 2: Total por grupos religiosos no Brasil (IBGE, 2010)

Total população brasileira por grandes grupos de religião		
Católica Apostólica Romana		123.290.172
Evangélicas	Missão	7.686.827
	Pentecostal	25.370.484
	não determinada	9.218.129
Espírita		3.848.876
Umbanda e Candomblé		588.797
outras religiosidades		5.185.065
sem Religião		15.335.510
TOTAL		190.755.799

Elaboração: CUNHA, 2018

Referência

BRASIL. IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: IBGE/MPOG, Min. Planejamento, Orçamento e Gestão/Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010.

Tabela 3: Sumário das religiões do mundo (tradução da tabela original por CUNHA, 2018)

* AEC = Antes da Era Comum

** EC = Era Comum

	Monoteísmo					Panteísmo	Não-teísmo
	Zoroastrismo	Judaísmo	Cristianismo	Islamismo	Sikhismo	Hinduísmo	Budismo
Pictograma							
Data	1200 – 1700 AEC*	1812 AEC	32 EC**	622EC	1499EC	3000 - 1500AEC	523AEC
Origem	Pérsia (Irã)	Israel	Jerusalém	Arábia	Punjabi	Índia	Índia
Fundador	Zaratustra	Abraão	Jesus Cristo	Moham med	Guru Nanak Dev	não tem	Buddha
Escritura	Avesta	Torah	Bíblia	Quorân	Sri Guru Granth Sahib	Vedas	Tipitaka
Divindade	Ahura Mazda	Jeovah	Deus	Allah	Truth	Brahman e muitos outros deuses e deusas	
Atitude	soldado da batalha cósmica	imitar Deus	amar a Deus e o próximo	imitar Mohammed	positivismo e otimismo	servir comunidade, a família e o universo	fim do sofrimento
Salvação/ Liberação	bom pensamento e boas ações	oração, estudo, bondade, arrepender	fé, esperança e amor	fé, oração (5xdia), boas ações	virtudes e ser verdadeiro	educação (iluminismo) desapego	educação (iluminismo) sem paixões
Depois da morte	paraíso/ inferno	paraíso/ inferno	paraíso/ inferno	paraíso/ inferno	reencarnação	reencarnação (carma: o que se faz em uma vida afeta na próxima)	renascimento até Nirvana (carma: o que se faz em uma vida afeta na próxima)
Calendário	Fasli, Shenshai e Kadmi (solar)	Judeu (lunar-solar)	Gregoriano e Juliano (solar)	Hijri (lunar)	Nanak shahi (solar)	Samvat (lunar-solar)	Budista (lunar-solar)

Elaboração: CUNHA, 2018

Referência

CANADIAN CENTRE FOR ECUMENISM. **Summary Table of World Religions.** Canadá: CCE, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/2VkJXohf> Acesso em: 18 dez. 2018.

Tudo me quieta, me suspende

Sonia Regina Cunha

S

entei no canto do sofá, meio sem jeito, a escutar a voz dela. O rosto estava tranquilo, mas os olhos inquietos observavam a dinâmica do ambiente ao redor. Contou que estava bem, embora tivesse que fazer mais um exame, complexo, e com sedação. Naquele momento lembro de ter fechado os olhos rapidamente para agradecer do fundo do coração por ela estar bem, ativa e falante.

— *Foi bom você vir porque tem um texto do Delfim sobre governo e religião para você passar para a Etty.* Levantou rapidamente, foi até a mesinha onde estavam os jornais do dia "Folha" e "Estado" lidos e com anotações.

Cremilda estava na UTI do Hospital Samaritano de São Paulo, desde a noite de segunda-feira, dia 3 de dezembro de 2018, quando teve uma isquemia transitória. Esse meu encontro com ela foi na tarde de quarta-feira quando ela foi para o quarto. *Será que estou sonhando?* perguntei lá dentro. *Como é que a professora consegue manter essa capacidade cognitiva?* Como se pudesse ler meus pensamentos ela respondeu:

— *Não estou doente, ia para casa aguardar para fazer o exame na sexta, mas o*

Sinval me convenceu a ficar no hospital.

Cremilda está ótima e o texto do Delfim me ajudou a refletir sobre o momento atual do Brasil. A religião faz com que nós acreditemos num ser divino que estabiliza e mantém a ordem entre os humanos, através da fé, sentimento poderoso que fortalece a esperança. Minha fé de que a saúde da Cremilda estava perfeita me fez fechar os olhos e agradecer ao Universo. Uma corrente de energia positiva percorreu meu corpo e iluminou meu pensamento. Quem me ajuda a explicar essa sensação é Guimarães Rosa (1994, p.15):

O que mais penso, testo e explico: todo-o-mundo é louco. O se-nhor, eu, nós, as pessoas todas. Por isso é que se carece principalmente de religião: para se desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara da loucura. No geral. Isso é que é a salvação-da-alma... Muita religião, seu moço. Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele, de Cardéque. Mas, quando posso, vou no Mindubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles. Tudo me quieta, me suspende.

E o texto do Delfim? você me pergunta. Pois, Cremilda não deixa ponta solta. Delfim Netto (2018) avança para além da religião e nas entrelinhas pondera sobre o governo eleito. Se por um lado temos a quietude emanada pela certeza da crença num ser superior, por outro temos a incerteza da ciência que exige renovada pesquisa empírica sempre a buscar um novo conhecimento, sem que isso denote nenhuma contradição.

É possível ser, ao mesmo tempo, um bom católico, um honesto protestante pentecostal ou um gentil muçulmano na vida privada (o que exige humildade) e um brilhante cientista da vida pública (orgulhoso de seus feitos), desde que estas esferas continuem separadas (DELFIN NETTO, 2018, p.2).

Em outras palavras, a certeza daqueles brasileiros que compõem a bancada evangélica não lhes avaliza para decidir como deve ser a política pública de gênero, porque independente da vontade de uma pretensa maioria, a ação pública deve tentar compreender o todo consensualmente e respeitar o livre-alvedrio.

A propósito, durante os encontros na *Oficina de Dialogia Social*, Etty Veríssimo decidiu escrever sobre religião. Através de uma pedagogia pluralógica a professora Cremilda sugere aos alunos-autores que atravessem os muros da escrita isolada e caminhem ao encontro das raízes histórico-culturais, dando voz aos protagonistas, observando o contexto social e, se possível, apresentando fontes que tragam diagnósticos/prognósticos (não necessariamente nesta ordem). Para enriquecer o trabalho de elaboração das narrativas, Cremilda oferece a cada aluno, artigos de jornais, ensaios e livros, cuja leitura e análise amplia a compreensão reflexiva de cada um sobre o assunto escolhido. Além do texto escrito pelo Delfim, Etty também recebeu o livro *Guia das Almas*, da série *São Paulo de Perfil*, que apresenta uma incrível cartografia religiosa, com mais de trezentas páginas, algumas ricamente ilustradas pelos *curumins* da aldeia guarani paulistana Morro da Saudade. A seguir transcrevo a introdução escrita pela professora Cremilda Medina para o *Guia das Almas*, onde ela pontua a questão da subjetividade humana, e de como a religião ajuda os inconformados a carregar o fardo da vida.

Referências

DELFIN NETTO, Antônio. Governo e religião. In: **O Estado de São Paulo**: p.2, 5 dez. 2018.

GUIMARÃES ROSA, João. **Grande Sertão: Veredas**. São Paulo: Editora Nova Aguilar, 1994.

MEDINA, Cremilda (org.). **Guia das Almas**. Série São Paulo de Perfil, nº 13. São Paulo: CJE/ECA/USP, 1993.

Guia das Almas, o número 13 de uma coleção

Cremilda Medina

Introdução que escrevi para o livro Guia das Almas, sobre religiões, em 1993, aqui republicada a propósito das confissões de religiosidade de Etty Verissimo.

U

m cientista norte-americano abjurou numa revista especializada os idiotas da subjetividade. Francis Slakey, administrador científico da Sociedade Americana de Física, apontou, em 1993, em texto publicado na *New Scientist*, para os alarmantes sinais do declínio da racionalidade. "Precisamos defender a ciência contra a superstição e a subjetividade. (...) Só a objetividade alerta pode impedir a morte da razão". Slakey lança-se veemente contra o irracionalismo.

O problema é que em se tratando de humano ser não oscilamos apenas entre o racional e o irracional. Slakey esquece que esta oposição não sai da mesma esfera. Mas para além da racionalidade ou da consciência científica há os contornos fluidos do consciente e do inconsciente. Esses que se deixam impregnar das camadas profundas da intuição e da emoção, esses que se chamam de

artistas, sábios ou místicos, nada têm de idiotice. Que o digam os fruidores e estudiosos da arte incomum dos psiquiatras ou ex-psiquiatras.

Nos domínios misteriosos da não-consciência, da não-racionalidade (o que não é sinônimo de irracionalismo), a humanidade tem inscrita a linguagem mítica, por sinal, fonte inesgotável de todas as artes.

Bem no momento em que o cientista ortodoxo expunha sua tese de rigoroso racionalismo, os estudantes de Jornalismo da Universidade de São Paulo decidiram pautar o mundo das subjetividades religiosas em São Paulo. Talvez por coincidência, talvez por superstição, o nº 13 da série livro-reportagem traz a marca dos sentimentos religiosos que povoam a alma da grande cidade. O desafio deste volume parecia não caber em um templo da racionalidade como a Universidade de São Paulo. Mas à medida em que corações e mentes foram se plasmando em histórias humanas, descobre-se a vitalidade dos desejos coletivos expressos no ato de rezar. No fundo, bem no fundo, a religião carrega esse desejo dos inconformados com a História que lhes é dado viver. O grito dos desajustados toma forma de mito e mora na subjetividade humana apesar dos saques de todos os poderes constituídos, que querem se apropriar da esperança e transformar em riquezas.

Guia das Almas expressa um itinerário muito privado e respeitoso que ultrapassa os limites do mapeamento sociológico das religiões para lançar sondas no presente imponderável. Os repórteres se despojaram dos preconceitos: eis o aprendizado que se deve ao tema de 1993. Rigorosa e solidariamente a reportagem foi convidada a participar do banquete dos sonhos, convite que agora se estende ao imaginário criativo de todos os leitores do *São Paulo de Perfil*.

Referências

MEDINA, Cremilda (org.). **Guia das Almas**. Série São Paulo de Perfil, nº 13. São Paulo: CJE/ECA/USP, 1993.

SLAKEY, Francis. Repúdio à razão cria os idiotas da subjetividade. In: **Folha de São Paulo**: 3 de outubro de 1993. (p. 6-14).

PARTE VI
MOBILIDADE:
EXPECTATIVAS

*A Reproposta e seus autores se tecem
num processo inquieto e se interrogam
quanto ao futuro.*

Mário Lucena
Cremilda Medina

Vou entrar nesse trem

Mário Lucena

Confortavelmente esparramado no sofá, diante da TV, assistia ao futebol quando minha filha invadiu a sala. Pai, sabia que a USP oferece cursos gratuitos para a Terceira Idade? Legal. Se tiver uma propagandinha dos cursos posso colocar no quadro de aviso do Centro Comunitário. Filha, cuidado, o controle remoto, desligou a TV. Não foi acidente, Júlia desligara propositadamente. Pai, o senhor já é velho. Esses cursos vão fazer bem ao senhor. Tecnicamente estava certa. No Brasil, de acordo com o Estatuto do Idoso, Lei 10741 de primeiro de outubro de 2003, somos oficialmente velhos a partir dos 60 anos, mas daí a me considerar Terceira Idade faltavam séculos.

O controle, por favor. E chega dessa conversa. Estendi o braço, mas a mão autoritária retornou vazia. Mamãe não aguenta mais ver o senhor assim. Assim, como? De pijamas, largado no sofá, bebendo cerveja e assistindo a jogos de futebol o dia inteiro. Exagero. Sua mãe nunca falou nada sobre isso. Nunca falou porque tem medo que o senhor se torne o tipo de velho que ela detesta. Que tipo? Os que passam o dia no bar falando asneiras, jogando dominó, bebendo e mexendo com as mulheres. Júlia me convenceu a ligar o computador para pesquisar sobre os cursos oferecidos pela USP Aberta à Terceira Idade.

Um frescor juvenil percorreu minha espinha. *Coração de Estudante*, Minas, doces memórias de goiabada cascão e queijo no pão, Belinha na janela, poesia no muro, beijo escondido no portão.

Pai, o senhor está chorando? Ainda não me acostumei com essas lentes novas. *Posso ver suas anotações?* Detesto filho agindo como pai e mãe. *O senhor só escolheu cursos na USP Leste. Na USP Butantã e no Largo de São Francisco não havia nada interessante?* Só me interessam os cursos da USP Leste. É o lugar onde vivo. *O senhor sabe como chegar lá?*

Cresci nesse mato. Conheço a região como a palma da mão. Tomei o trem no Brás, Linha 12, sentido Calmon Viana. Nem cheguei a cochilar. Olhava a paisagem. Não havia mais mato. Tijolos, cimento, asfalto e concreto. Na terceira parada os autofalantes anunciaram Estação USP-Leste. A universidade? É só cruzar a passarela. Obrigado. *Volver a los 17 después de vivir medio siglo...*

O campus começou a ser construído em 2004, na área do Parque Ecológico Tietê. Aqui já é a USP Leste? Tem um elevador ali. Juntei-me a outros candidatos da Terceira Idade. Antes do elevador tocar o chão, fiz um novo amigo velho, Bill, surpreso com minha mocidade. É bom começar cedo.

Segurei a porta enquanto Bill manobrava o andador. A maioria descobre a USP Aberta à Terceira Idade depois dos 70 anos. Falta divulgação. Sabe o que significa USP Aberta à Terceira Idade? Urgente, atividades para Idosos. Sabe por quê? Para manter o alemão distante. Riu e me apresentou o alemão. Não era o irmão do Chico Buarque, mas o Alzheimer.

Será que vamos encontrar vagas? São mais de dez mil somando os *campi* da capital e do interior. Bill era bem informado. Quem abriu as portas da USP para nós? Ecléa Bosi, uma psicóloga que enxergava longe.

A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer... conhece? É do Arnaldo Antunes (2009). Velhice está na moda. Bill breiou o andador de rodinhas e fez uma careta. Uma espécie de sorriso iônico. Quando Ecléa Bosi idealizou a USP Aberta à Terceira Idade, a velhice apenas engatinhava. A USP Aberta à Terceira Idade existe há quantos anos? Outra careta. Desde o início dos anos 1990 do século passado. Arnaldo era um Titã Cabeça Dinossauro. Não entendi nada.

A USP Aberta à Terceira Idade, nasceu com o propósito de abrir vagas nos cursos de graduação da USP para idosos interessados em sentar lado a lado com jovens calouros. Foram heróis os primeiros professores a abraçar a ideia, os primeiros jovens a acolher os velhos, os primeiros velhos a atender ao chamado.

O *Estatuto do Idoso* e os quatro pilares do envelhecimento ativo, saúde, aprendizagem, participação e segurança, foram construídos no início dos anos 2000. Dez anos antes, Ecléa Bosi abriu as portas da USP para os idosos.

A passo de andador turbinado com rodinhas alcançamos o prédio dos auditórios, Verde, Vermelho e Azul. Impressionava a quantidade de velhos por metro quadrado no átrio. Beijos, apertos de mão, abraços apertados. Jovens voluntários saltitavam entre maritacas idosas tentando manter um mínimo de silêncio e ordem, mas a algazarra só aumentava com a comemoração dos matriculados. Ecléa Bosi chama isso de intergeracionalidade. Velhos e jovens sob o guarda-chuva da universidade. Essa cumplicidade intergeracional só existe porque aqui temos o curso de Gerontologia. Muita gente confunde Gerontologia com Geriatria, mas são coisas bem diferentes.

Festa, encontros e reencontros, assédio de alunos de graduação, mestrado e doutorado para extrair novas informações dos calouros velhos. Pilhas de questionários preenchidas por mãos trêmulas e opiniões firmes para auxiliar nas monografias e dissertações dos jovens formandos. Um laboratório vivo e borbulhante. Pegamos senhas e fomos encaminhados para o auditório Verde. Entendi o motivo de haver tantos velhos do lado de fora, dentro não havia mais espaço. Uma sufocante alegria de viver. Passei mal com a dose excessiva de entusiasmo. Recuei. Afastei-me da multidão e o celular chamou minha atenção. Havia um monturo de mensagens. Li apenas as da minha filha: *Pai, liga pra EACH antes de sair de casa. Devem ter suspenso as matrículas. Morreu Ecléa Bosi. A USP decretou luto oficial.* Li, reli e respondi: Que diacho é EACH? *Estou na USP Leste. Nenhum luto por aqui. Celebram a vida com intensidade.* Enviei. Respirei fundo, tentei assumir o controle do meu corpo, mas não fui capaz. Sequei os olhos na gola da camisa polo. Morreu Ecléa Bosi.

O celular voltou a vibrar: *EACH é onde o senhor se encontra. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. USP-Leste, com hífen, é a estação de trem da*

CPTM. USP Leste, sem hífen, não existe. Fez a matrícula?

Matrícula. Corri de volta para o auditório. Avistei Bill. Feliz. *Caçula, vai se inscrever em quais cursos?* Ganhei um apelido. Caçula. Recordando os Anos 70 e Turismo Social. Coincidência. Eu também. Esses cursos trabalham com a memória. Não é coincidência, Bill, é sincronicidade. Pensava no fato de Ecléa Bosi partir no dia das inscrições para a USP Aberta à Terceira Idade da EACH, dia 10 de julho de 2017, dia de festa, de vida à transbordar.

Chamaram a senha anterior a minha. Cutuquei Bill. Ergueu o braço e desceu com seu andador de rodinhas ladeira abaixo como um guri montado em um carrinho de rolimã. Chamaram a minha. Ultrapassei Bill e recebi aplausos. Espero lá fora. Feliz diante do novo desafio, olhava o campus desmatado e me via bandejando ao lado da molecada.

O celular vibrou: *sucesso? As pessoas aí já sabem sobre a morte da professora Ecléa? Como está o clima?* Respondi: Clima ótimo. Ecléa Bosi não morreu. Presente em cada velho aluno e em cada aluno velho de quaisquer USP Aberta à Terceira Idade. Vive mesmo naqueles que desconhecem seu nome e sua história. Em cada monitor, colaborador, professor. Em cada profissional que atua para manter vivo seu projeto intergeracional. Vive em cada voluntário que atua para manter o velho ativo e intelectualmente saudável. Obrigado pela dica. Precisava dessa chacoalhada. Fiz matrícula, sim. Vou entrar nesse trem. Beijos.

Referência

ANTUNES, Arnaldo, JENECCI, Marcelo, ORTINHO. Envelhecer. In: *Álbum Iê Iê Iê*. Gravadora Rosa Celeste. Formato CD, 2009.

A carruagem não lotou

Cremilda Medina

Há sempre um antes e um depois no tempo presente. Ainda não havia sido implantado o projeto para a terceira idade na Universidade de São Paulo e meus alunos da graduação e orientandos da pós-graduação (PPGCOM ECA/USP e PROLAM/USP), já liam e frequentavam as aulas de Ecléa Bosi. A sua excelência antropológica, reconhecida na interface científica com a comunicação social, atraía os estudiosos da dialogia social, como era o meu caso na linha de pesquisa desenvolvida desde os anos 1960. E logo na década posterior, Ecléa, que perdemos em 2017, nos legara seu imprescindível livro *Memória e sociedade, lembranças de velhos* (1979). Fazíamos intercâmbios acadêmicos e os alunos mediavam uma relação constante.

Mas lembro agora um especial momento: o casal Bosi veio jantar em casa no início deste século e no inesquecível convívio doméstico, Alfredo, entusiasmado com um dos romances do Sinval Medina para o qual escrevera uma apresentação na capa (*O herdeiro das sombras*, 2001) mantinha o papo informal no alto nível da literatura, sua área de consagração; Ecléa, ao meu lado, preferia conversar a respeito do projeto na ECA que eu realizava com os alunos de gra-

duação, a saga contemporânea da série *São Paulo de Perfil* (27 livros-reportagem a partir de 1987). A essa altura, nossa convidada já havia implantado o Programa da Terceira Idade e eu integrara os idosos na disciplina *Narrativas da Contemporaneidade*, cujo resultado semestral era a edição de livro sobre contextos atuais e raízes histórico-culturais de São Paulo. Esse encontro simboliza hoje, lembrado à distância, não uma simples troca de opiniões aleatórias e sim, o cruzamento fértil entre arte, ciência e comunicação que o casal Bosi e o casal Medina celebravam.

Pois bem: a inspiração da pioneira Ecléa Bosi no acolhimento da vitalidade de razão, emoção e ação da terceira idade me motivou a reunir jovens aprendizes e maduros entusiastas numa oficina que atravessou o final do século passado e primeira década do século XXI. O volume 23 da série *São Paulo de Perfil* já traz as digitais de autores da terceira idade: Izaura Marques Piffer, João Jorge Escudeiro da Silva, Hilda Gertrudes H. da Silva, Regina Célia W. Rocha, Vera Vicente de Azevedo. *Ó Freguesia, quantas histórias*, publicado em 2000, citava os 500 anos de Brasil no primeiro bairro de São Paulo, a Freguesia do Ó. A pauta do livro-reportagem ia em busca dessa saga de cinco séculos refletida nas histórias dos habitantes contemporâneos. E, na primeira abordagem, o grupo etário misto chega à pracinha em frente à igreja, todos à minha volta para iniciar o trabalho de campo e receberem a orientação de pesquisa. É simples: cada um se disperse e vá em busca de uma história, personagens locais, informação imediata; nos encontramos às 17 horas neste mesmo local. Quem disse que os estudantes de graduação (já então hábeis internautas) se desatam de meu acompanhamento?

Os idosos imediatamente vão à vida. Mexidos como só. Meninos e meninas da idade energética percorrem então ladeiras, casas, a igreja, a escola etc. sob a minha coordenação. Coletam-se indicações para as visitas posteriores e escolhem-se os temas dos futuros autores. Chega o horário aprazado para voltar à Cidade Universitária e nada dos alunos da Terceira Idade. Esfogueados, olhos brilhando e faces coradas, começam a aparecer, isoladamente, de uma rua e de outra e de outras. Os orgulhosos repórteres apresentam súmulas das histórias encaminhadas e com agenda de visitas marcada. Todos irão produzir com estilo

autoral o livro-reportagem *Ó Freguesia, quantas histórias*. (Eu aprendi que minha expectativa de que os idosos só cultivariam suas próprias histórias estava completamente furada. O interesse pela descoberta da história do Outro move músculos revigorados.)

Logo a seguir, no título *Sagas do Espigão, 90 anos de medicina e vida* (2002), viria a conhecer Etty Veríssimo, uma aluna do programa que não só marcaria presença nessa década (*Caminho do café. Paranapiacaba: museu esquecido*, 2003), como chegaria a minha casa, em 2018, para me convocar, com sua energia inesgotável, à retomada desta *Reproposta*. E é assim que deixo as rápidas reminiscências e chego ao presente.

Um surpreendente telefonema e a voz de Etty reacende a chama da oficina que fora suspensa na graduação, quando me aposentei em 2011 e só passei a atender cursos de pós-graduação, orientandos de mestrado, doutorado e pós-doutorado, com dedicação continuada à pesquisa e a compromissos esporádicos em outras universidades. Como professora sênior da USP, mantive o grupo de estudos da Epistemologia do Diálogo Social, mas não mais ofereci a disciplina de *Narrativas da Contemporaneidade*. De repente, o apelo enfático da ex-aluna querendo marcar uma visita com o coordenador do programa da Terceira Idade, Doutor Egídio Dórea, que sucedera a professora Ecléa Bosi após sua morte em 2017.

Chegaram os dois, Etty ressuscitou nossos sucessos anteriores, o jornal *Reproposta*, criado pelo meu colega Manuel Chaparro, cuja história aqui vem narrada no capítulo *Baú de Experiências*; depois as edições da revista impressa de mesmo nome e os livros da série *São Paulo de Perfil* que comigo realizaram. Lembranças sem fim que trocamos naquela tarde do primeiro semestre de 2018. Natural do Egito, Etty fez sua vida no Brasil, exerceu a profissão de secretária executiva e se encantou com o programa da USP que vem cursando várias disciplinas a partir de 2001. Ao que tudo indica, pela emoção de seus olhos, o Jornalismo e a ECA ocupam um lugar especial nas suas preferências. Sem desmerecer as ocupações lúdicas que a inspiram como leituras, música, cinema. Como resistiria eu a essa paixão da re-*Reproposta*? Ao seu lado, com fala discreta mas decisiva, o médico e professor Egídio Dórea reafirma a importância do projeto e in-

siste com delicadeza para que entre nessa carruagem que, afinal, não havia enferujado. Baiano da capital, nasceu em 1965, no mesmo ano de minha filha Ana Flávia, o que me emociona, nele percebo uma maturidade jovem, formado em medicina na Bahia, o único varão em sete filhos, sensível à música e ao cinema, guerreiro que se lançou ao desconhecido em São Paulo, gosta sim de viajar, e também estudar, pois veio cursar residência no Hospital das Clínicas e por aqui ficou. O interesse por idosos vem de cursos em Vancouver ou estudos em Madri, após o doutorado em Nefrologia no Hospital Universitário da USP. No seu carinho e dedicação aos idosos Ecléa Bosi viu a substituição natural para a coordenação do Programa da Terceira Idade e eu o conheci nessa primeira visita, olho no olho, confiança mútua e aliança indiscutível. Pronta, estava convencida. Vamos ao trabalho.

Neste livro, ora publicado, ex-alunos do início do século ou do final do século passado, bem como novos interessados que se agruparam no projeto oferecem agora, às vésperas do Natal de 2018, suas narrativas, em grande parte, recuperando a memória de autores de outras fases. Mas, no fundo, o que está em pauta é a autoria do escrever-se com a estética, sensibilidade e informação acumuladas na terceira idade.

Foram oito semanas de *Oficina de Dialogia Social* em tempos difíceis no Brasil em que o ambiente estava polarizado, pouco propício ao pluralismo dialógico. Venceram-se as contingências maniqueísta ou dicotômicas e mergulhamos nas inquietudes, nas interrogantes do cotidiano para daí extrair histórias de vida, contextos coletivos, identidades culturais e diagnósticos especializados que pavimentam a "arte de tecer o presente".

Etty Veríssimo assumiu a liderança dos encontros preparatórios e da oficina de oito semanas que alcançou as duas primeiras de dezembro de 2018. Contou como eu contei com a parceria incansável de uma experimentada profissional de televisão, professora universitária da área e hoje minha orientanda no doutorado em Ciências da Comunicação. Em matéria de articulação em rede, contatos presenciais e serviço de informações para o grupo, Sonia Regina Cunha, autora de um texto que ambas dividimos nesta edição, foi decisiva no *signo da relação*, eixo fundante da dialogia social. Insisto, se escrever a história do outro

oferece dificuldades estilísticas, o ponto de partida é o mover-se no "ato relacional". Sair da claustrofobia individualista, muitas vezes reforçada pela comodidade das tecnologias, e lançar-se ao desconhecido, enfrentar as diferenças, compreender outras circunstâncias, exercer, como diz a doutoranda Regina, a "curiosidade epistêmica", ou como digo eu, "estar afeto a". Assim se posicionou outra ex-aluna que aderiu de imediato, Esther Alves Martini, psicóloga de primeira formação, mãe de sete filhos, aos 54 anos retomou a academia e se dedicou aos estudos de linguística. Posteriormente, participou da primeira equipe do jornal e ainda fez parte do grupo de teatro da USP Aberta à Terceira Idade. Diz ela hoje: aos 90 anos, animei-me com o ressurgimento do saudoso jornal *Reproposta* e espero continuar fazendo parte do grupo, apesar do peso da idade.

A autora que segue Esther nos textos da revista, não pode alegar o peso da idade, mas talvez o peso de dois títulos de doutores. A velha guarda do projeto conhece bem a dedicação de uma aluna minha na graduação, que assina textos nos livros-reportagem da série *São Paulo de Perfil* e acompanhou com carinho seus jovens colegas e, principalmente, os da terceira idade. Katiuscia Lopes defendeu o trabalho de conclusão, o mestrado e o doutorado em Ciências da Comunicação com reconhecidos méritos das bancas, orgulho de sua família e de meu grupo de pesquisa por sua integração sensível e rigorosa. Pensei que minha ex-orientanda fosse seguir a carreira profissional na área de excelência que já demonstrara da graduação ao doutoramento. Mas, ousada guerreira, casou, se deslocou com o companheiro para Cascavel, no Paraná, e, após breve trabalho na comunicação social e na docência universitária, deu uma guinada e fez vestibular para medicina. Quando a convidei para escrever um depoimento sobre seu contato com os idosos no começo deste século, me pediu uma semana a mais, pois estava defendendo o trabalho de conclusão de curso em medicina. Ou seja, agora a professora doutora pela Universidade de São Paulo é outra vez doutora Katiuscia, médica. Conheço outra batalhadora da área de comunicação que vem e volta ao convívio do grupo de Epistemologia do Diálogo Social, seja nas disciplinas de pós-graduação, seja na oficina de *Narrativas da Contemporaneidade*. Cecília Borges, experiente profissional em revistas segmentadas, aprendeu a gostar de escrever sobre tudo, afinal mexer com palavras, confessa, ajuda a contar fatos e

histórias, lhe traz um prazer imenso. Se lhe peço uma pequena biografia, exerce esse fascínio: *Nasci em Araçatuba, interior do Estado de São Paulo, a 20 de janeiro de 1955. Era pra me chamar Sebastiana, já pensaram? Em vez de Cecília, a padroeira dos músicos (secreto desejo de minha mãe, que me tornasse, de alguma maneira, música), teria o nome do santo do dia, costume da época. Saí ganhando, sem dúvida alguma. Gosto do meu nome e desta ligação com a música, sem a qual não vivo, sem necessariamente ser uma profissional.* Ganhamos, pois, a Cecília das palavras e narrativa aqui registrada da história de Manuel Chaparro, o criador do primeiro jornal *Reproposta*.

Os reencontros misteriosos cruzam tempos e espaços. Assim chegou ao grupo Angela Balbão que, originária da área de Biblioteconomia da ECA, hoje Ciências da Documentação, nos conhecemos dos tormentosos anos 1970 em que por conta da repressão da ditadura militar, saí da USP em 1975 para voltar com o processo de anistias em 1986. Angelita saiu formada em 1973 e fez carreira na docência, em editoras e se especializou em audiolivros. Foi numa circunstância dolorosa da vida doméstica, em 2014, que se descobriu como cuidadora de idosos, quando seu marido foi vítima de um devastador AVC. Depois veio a descoberta dos cursos da terceira idade na USP, de dança a astronomia. No ano da graça de 2018, a adesão à *Oficina de Dialogia Social* resultou no prazer de contar a história de Izaurinha que, de radioatriz se tornou repórter. Nessa de recomposição das aventuras do humano ser, curioso é percorrer os caminhos épicos de Neuza Guerreiro de Carvalho, aluna pioneira do programa, licenciada em História Natural pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, turma de 1951. Após exercer atividades didáticas durante 30 anos, criar material pedagógico sob a rubrica “Programação dinâmica para estudos de ciências”, registrado no MEC em 1973, aposentada em 1980, a partir de 2005 até 2015, aderiu com certa voracidade aos cursos da terceira idade. Hoje oferece seu próprio curso na USP, “Encontros para resgate de memória autobiográfica”. E ela própria conta um incidente da sua biografia nesta edição. A memória é um dos chamamentos da vocação literária. Por isso mesmo, o convite ao escritor Sinval Medina, autor de 29 livros, entre romances, ficção e poesia para crianças, ensaios e obras de referência, que parceiro de vida inteira aceitou colaborar com a ensaística da edição: um

mergulho no tempo em que as recorrências e atualizações constroem uma bem urdida trama cotidiana.

Essa busca na memória afetiva tanto pode emergir na rede de um pescador da terceira idade, como pode ser a isca para uma jovem artista ir em busca de sentidos nos rostos de idosos. Assim o faz Renata Bueno, colaboradora desta edição, que tem dedicado uma parte de sua criação ao *signo da relação* com mais velhos. Paulistana, autora, ilustradora de 35 livros para crianças, publicados no Brasil, Espanha, França, Coréia do Sul, China e Portugal, tem participado também de exposições coletivas individuais em São Paulo, Berlim, Amsterdã, Fontenay-sous-Bois (França) e Veneza. Há, porém, um trabalho que lhe dá muita inspiração: em São Paulo, na Holanda e em Portugal (onde reside atualmente) tem pesquisado e exposto retratos colhidos em lares de idosos. Performances decorrentes dos rostos retratados, com a presença dos modelos, fazem parte, além das exposições, de convívios públicos fixados em animações do companheiro Daniel Medina. O olhar do outro e também o olhar da própria artista plástica se condensam numa ação relacionadora. Eis aí a coluna vertebral de minha pesquisa de várias décadas na USP e iniciada como docente na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1967. Reconheço que não menos desafiadora é a "ação pedagógica ou o ato relacionador educando-educador". Cada novo momento é permeado de incertezas, inseguranças. A situação se repete a cada novo momento de ensino-aprendizagem, não importa o tempo de experiência. Recebo nesta oficina um aluno não familiar como Mário Lucena; os primeiros encontros na USP me põem diante uma incógnita; ele, sério, discreto, silencioso, eu, percorrendo caminhos sem farol; percebo que me examina, evito provocar sua fala; seguimos uma travessagem tênue, sem âncoras. Mas o signo da ancoragem acontece: Mário me entrega o primeiro texto, leio com prazer e o devolvo, na semana seguinte, com leitura exposta à acolhedora recepção coletiva. Estavam abertas as portas para a interação social criadora, com as chaves da utopia pedagógica. Autor desde primeira hora, o psicólogo de formação, paraibano de Esperança, radicado em São Paulo desde os anos 1970, atualmente se dedica à atividade editorial. Presença constante nesta oficina, trouxe ao grupo os livros publicados pela editora que dirige, *Portal do Envelhecimento*. Me foi dado escolher um dos títulos;

não tive dúvida, peguei o mais desafiante – *O alemão veio me visitar, acolhendo o visitante indesejado*, de Rosana Leal (2018). E chego à autora que encerra a edição com um cuidadoso serviço das disponibilidades do programa da USP. Márcia Sant'Anna Cabral chegou de mansinho, no meio da oficina, aderiu de peito aberto à proposta e se ofereceu para captar as informações dispersas nas unidades da USP, *campus* da capital e *campi* do interior, para que o Portal de Oferta, último parte deste livro, a USP se pusesse à disposição dos idosos em 2020. Num carona que me deu da Cidade Universitária à minha casa, Márcia relatou experiências de seu ofício. Profissional de marketing, cultiva agora o sonho de agregar aposentados em projetos que lhes deem sustento material e simbólico. Acredita, como o grupo que aqui se reuniu, na afirmação vital da inteligência na terceira idade, se não houver limite de saúde absolutamente restritivo. Pronto. Ufa. O antes e o presente estão relatados. E o depois? O futuro, quem sabe? Que venha 2019.

São Paulo, 13 de dezembro de 2018.

Referências

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

CUNHA, S. Regina S.; MEDINA, Cremilda. A curiosidade epistêmica jornalística e a narrativa autoral. In: **Anais Intercom Curitiba**, set. 2017.

LEAL, Rosana. **O alemão veio nos visitar**. Acolhendo o visitante indesejado. São Paulo: Portal Edições Envelhecimento, 2018. (2ª Ed.)

PARTE VII

PORTAL DA OFERTA

*Aos novos estudantes seniores,
um convite para o ingresso nas atividades,
oficinas e cursos da USP Aberta à Terceira
Idade.*

Márcia Cabral

USP à sua disposição

P

Márcia Cabral

precia uma tarefa simples e eu rapidamente me comprometi a fazer este artigo sobre os serviços oferecidos pela USP Aberta à Terceira Idade, para o *Reproposta*, em versão digital. Imaginei que uma visita à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária, responsável pela USP Aberta à Terceira Idade, para levantar as informações e mais algumas entrevistas com os alunos seriam suficientes para a escrita deste capítulo. Entretanto, o calendário de cursos para 2019, ainda não estava finalizado e os dados sobre os alunos idosos não estavam acessíveis. Assim, decidi escrever este texto com as informações disponíveis no site da USP Aberta à Terceira Idade, utilizando também algumas informações das redes sociais sobre envelhecimento e longevidade e, claro, os depoimentos dos alunos e alunas.

Dois colegas, Mário e Etty, gentilmente me passaram referências de alguns cursos onde eu poderia falar com os alunos e lá fui eu desbravar a Cidade Universitária no Butantã, depois de quase 12 anos sem frequentá-la, embora esporadicamente eu visitasse a FEA USP para participar de algumas palestras e debates. Mário, inclusive, me ajudou com orientações sobre as estações de Metrô e com indicações de quais ônibus circulares eu deveria tomar para chegar aos lo-

cais de forma mais rápida. Etty, generosa, me cedeu sua apostila para que eu pudesse conhecer e avaliar um pouco melhor o conteúdo das aulas.

Por volta das duas da tarde de uma quarta-feira quente e abafada do mês de novembro, abrigada à sombra das marquises do Instituto de Química da USP, observo a chegada dos alunos da Terceira Idade. Caminham sozinhos ou em grupos, formam rodinhas de bate-papo, lotam a cantina e seguem para a aula de Estudos Culturais com o professor Luiz Roberto Terron. Estes alunos fazem parte do grande contingente de idosos que frequenta os mais de trezentos cursos e atividades oferecidos nos diversos *campi* na Capital e no Interior, da Universidade de São Paulo. Na cantina, sento-me ao lado de Silvia e entre um café e uma água me conta que frequenta os cursos da USP Aberta à Terceira Idade há dois anos e que não perde os Encontros Culturais por nada. Profissional aposentada de artes manuais Silvia organiza a agenda para poder continuar tomando conta do neto alguns dias da semana, ajudar o marido na clínica da família, e ter a tarde de quarta-feira livre para frequentar os Encontros Culturais. Uma voz interrompe nossa conversa para avisar que a aula de Estudos Culturais vai começar.

Hoje, no Brasil, as pessoas com mais de 60 anos já representam 15% da população, totalizam cerca de 30,2 milhões de pessoas, mais do que a população do Chile e do Uruguai juntos e são responsáveis por 20% do consumo no País, conforme dados divulgados no Fórum Internacional da Longevidade (2018). Atenta a essa realidade, a USP Aberta à Terceira Idade desenvolve ação estratégica efetiva voltada para o Envelhecimento Ativo utilizando a abordagem cada vez mais difundida da "resiliência: ter acesso às reservas necessárias para se adaptar, suportar ou crescer a partir dos desafios encontrados na vida" (KALACHE, 2017, p.160).

A aula de Estudos Culturais acontece no auditório do Instituto de Química, naquele dia quase lotado com cerca de 50 alunos. Sento-me atrás de Beti Rozenfeld que havia colocado a bolsa na poltrona ao lado como quem reserva o lugar para um colega. E assim que a poltrona foi ocupada Beti colocou a bolsa no lugar vago ao meu lado.

— *Oi, disse ela, espero que não se importe que eu coloque minhas coisas aí com você, pois elas atrapalham muito a passagem se eu deixá-las aqui no chão.* Beti é

comerciante aposentada de loja de roupas e frequenta as aulas do professor Teron e os cursos da USP Aberta à Terceira Idade há mais de dois anos através de convite de amigos que já eram alunos:

— *Gosto muito dessa integração entre pessoas da minha idade e de outras gerações, conta Beti com entusiasmo. Este ano, resolvi fazer um curso sobre o Oriente Médio e adorei conviver com a moçada da graduação... eles me divertiam e me fizeram refletir sobre temas que nunca havia pensado. Aprendi muito com o conteúdo do curso e com a proximidade com os jovens.*

Além das disciplinas regulares oferecidas nos cursos de graduação como a que a Beti teve oportunidade de participar, a USP Aberta à Terceira Idade também oferece vagas para atividades físico-esportivas, didático-culturais (cursos, palestras, oficinas e até excursões). Oportunidades que podem ser encontradas no Portal.

Nosso grande objetivo é oferecer oportunidades para uma aprendizagem contínua e acumulativa da forma mais ampla possível (sendo necessário somente o interesse do idoso em participar e a disponibilidade das vagas oferecidas), gratuita e com a possibilidade de convívio intergeracional. Potencializa-se assim o crescimento individual, a melhoria da qualidade de vida, as relações e a participação social do idoso. Rompem-se as barreiras entre as mais diversas gerações que somente têm a ganhar com a troca de experiências, ajudando a combater os estereótipos e preconceitos contra os idosos. A participação do idoso no Programa ajuda a dar um novo propósito a sua vida com promoção da autoestima; resgate da cidadania; incentivo à autonomia; independência e envelhecimento saudável. (USP Aberta à Terceira Idade, 2018, online)

Envelhecimento saudável e ativo está na essência do estilo de vida de Maristela Ruas, advogada aposentada e viúva, que do alto dos seus 78 anos, continua esbanjando alegria e vontade de continuar aprendendo e de conhecer novos lugares e pessoas. Apaixonada por gastronomia, Maristela dá aulas de culinária e adora receber amigos para jantares especiais temáticos sobre cinema, música, culturas locais e atualidades.

— *Eu frequento a USP Aberta à Terceira Idade há mais de cinco anos e já perdi as contas de quantos cursos e atividades já participei. Gosto de me atualizar, de conhecer e me relacionar com pessoas diferentes. De viver a vida da melhor maneira*

possível. Aprendendo sempre e me divertindo com tudo que faço.

Para a maioria dos alunos, o sucesso do programa está estruturado em três pilares: a liberdade do aluno escolher as disciplinas, cursos ou atividades; a gratuidade das atividades oferecidas; e a convivência intergeracional entre jovens e seniores. Convivência na escola, na rua, e principalmente em casa, entre pais e filhos ao longo de toda a nossa vida, é a proposta do Centro Internacional de Longevidade do Brasil, Alexandre Kalache.

[...] Como o mundo está em transformação, vamos ter de construir uma vida de aprendizado constante. [...] Vamos ter de repensar o nosso curso de vida e redesenhar a longevidade. Em vez de vivermos uma vida dividida sequencialmente em aprender, depois trabalhar e, no fim, se aposentar, vamos viver de uma maneira diferente, em que as diferentes fases acontecem ao mesmo tempo. (KALACHE, 2018).

A aluna Sonia Regina Cunha, a Regina, que está vivenciando comigo esta experiência de "autoria coletiva" na elaboração do livro digital *Reproposta*, sob a batuta da querida professora Cremilda Medina, considera que vivemos "um momento único em que transcendemos a cotidianidade", e faz um convite, "insira a palavra **reproposta** no vocabulário da sua mente e repropõe ações efetivas e afetivas em sua vida para o futuro aqui e agora".

Referências

FÓRUM INTERNACIONAL DA LONGEVIDADE. **Edição 2018 do Fórum**. Disponível em: <https://bit.ly/2ESBeML> Acesso em: 21 dez. 2018.

KALACHE, Alexandre. Direitos adquiridos, envelhecimento ativo e resiliência: a importância desses conceitos ao longo da vida. Vested rights, active aging and resilience: the importance of such concepts throughout life. In: **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, nº 20 (2), Rio de Janeiro, 2017. (p.159-160).

USP Aberta à Terceira Idade. **Quem somos?** Disponível em: <http://prceu.usp.br/3idade> Acesso em: 21 dez. 2018.

SOBRE OS AUTORES

*Identidade de longo curso, breves
traços biográficos*

Cremilda Medina (org.)

Angela Balbão

Cecília Borges

Egídio Dórea

Esther Martirani

Etty Veríssimo

Katiuscia Fogaça

Márcia Cabral

Mário Lucena

Neuza Carvalho

Renata Bueno

Sinval Medina

Sonia Regina Cunha

Cremilda Medina (organizadora)

Cremilda Celeste de Araújo Medina é jornalista, pesquisadora e professora titular aposentada/sênior da Universidade de São Paulo, autora de 19 livros e organizadora de mais de 50 coletâneas. Numa perspectiva interdisciplinar, sua obra colhe os desafios paradigmáticos do Saber Plural e traz para a comunicação social e o jornalismo a teoria-prática que registra no título *Atravessagem, reflexos e reflexões na memória de repórter* (2014). Em 2016, lançou *Ato presencial, mistério e transformação*, onde reflete sobre a concepção empírica de seu trabalho como educadora e jornalista. Nesta obra defende a prática laboratorial do *Signo da Relação* (2006), que mobiliza todos os sentidos em presença seja no espaço educacional, seja no espaço comunicacional. Para a autora, que acumula cinco décadas de exercício profissional, os momentos significativos da interação sempre ocorreram na ação viva, misteriosa e transformadora da dialogia social.

Angela Balbão

Meu nome é Maria Angela e tenho três sobrenomes, Ribeiro Balbão de Oliveira, então, para simplificar, me chamo de Angela Balbão. Nasci em 1951, no interior de São Paulo, numa cidadezinha adorável, Santa Rosa de Viterbo. Cursei a Faculdade de Comunicações e Artes da USP e me formei em Biblioteconomia e Documentação, em 1973. Com o diploma em mãos, fui cuidar de casa e criar quatro filhos. O tempo passou, os filhos cresceram, quatro netos nasceram, e eu me senti pronta para reinventar a vida. Comecei trabalhando em editoras, uma delas especializada em audiolivros, depois fui trabalhar em um colégio particular, catalogando livros e atuando em projetos para transformar a biblioteca em um espaço de convivência e prazer, ao mesmo tempo em que buscava uma renovação. Um devastador AVC do meu marido em 2014 me afastou do trabalho. A partir dessa experiência triste me descobri cuidadora de idoso, com pouco tempo para cuidar de minha vida pessoal. Novamente o tempo, esse nosso aliado fiel, passou e me senti, mais uma vez, pronta para recomeçar. Descobri os cursos da USP Aberta à Terceira Idade, cursei vários, desde dança até astronomia e aqui estou, em 2018, na *Oficina de Dialogia Social* e no projeto do livro digital *Reproposta*.

Cecília Borges

Sou do interior, sim senhor. Nasci em Araçatuba, interior do estado de São Paulo: em 20 de janeiro de 1955. Era pra me chamar Sebastiana, já pensaram? Em vez de Cecília, a padroeira dos músicos (segredo desejo de minha mãe, que me tornasse, de alguma maneira, música), teria o nome do santo do dia, costume da época. Saí ganhando, sem dúvida alguma. Gosto do meu nome e desta ligação com a música, sem a qual não vivo, sem necessariamente ser uma profissional. O jornalismo veio bem mais tarde, com a descoberta das palavras, na adolescência, quando me sentava no terraço, nas noites de luar, a escrever poesia. Meu irmão dava risada, isso passa com a idade; meu colega de faculdade balançava a cabeça, nada a ver. Guardei os poemas e prestei atenção nas aulas e me tornei radialista e jornalista . Primeiro trabalhei como radialista em emissoras de rádio e televisão e em 1993, desempregada, tornei-me mãe. E os "frilas" em revistas passaram a fazer parte do orçamento. Virei-me bem, escrevi sobre as profissões da mulher; só serviam trabalhos diferentes, como concierge (na década de 90 era uma novidade para o grande público), um dos poucos que me lembro. Até que cheguei nas revistas segmentadas. Varejo, embalagens, logística, suprimentos para impressão, aprendi a gostar de escrever sobre tudo, afinal mexer com palavras, ajudar a explicar, contar fatos e histórias, me traz um prazer imenso.

Egídio Dórea

Egídio Lima Dórea é graduado em Medicina pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. cursou doutorado em Nefrologia pela Universidade de São Paulo. Atualmente é coordenador da USP Aberta à Terceira Idade, membro da Comissão de Direitos Humanos da USP, médico do Hospital Universitário da USP e professor da Faculdade de Medicina da Universidade Municipal de São Caetano do Sul.

Esther Alves Martirani

Nasci em Casa Branca, interior de São Paulo, no dia 19 de fevereiro de 1928. Minha infância correu entre brincadeiras, escola e o martírio do estudo de piano. Na mocidade, Escola Normal e Faculdade. Sou psicóloga. No início de mi-

nha vida profissional tive a sorte de conhecer meu futuro companheiro. Casamos e tivemos sete filhos. Aos 54 anos, num quase um renascimento, retomei os estudos universitários na USP, na área de Linguística. Em plena terceira idade, já viúva, engajei-me na *Aventura de Fazer Jornal* da ECA/USP e participei da equipe de redação do *Reproposta*. Posteriormente, numa quase reviravolta, fiz parte de um grupo de teatro da USP Aberta à Terceira Idade, vivendo personagens em algumas peças. Hoje com 91 anos, animei-me com o ressurgimento do saudoso *Reproposta* e espero continuar fazendo parte do grupo, apesar do peso da idade.

Etty Veríssimo

Nasci na Alexandria, Egito, no dia 18 de agosto de 1943. Cheguei ao Brasil em 27 de março de 1956, e adotei a nacionalidade brasileira. Cursei o ensino médio, jornalismo e outros cursos para a terceira idade. Trabalhei como secretária executiva de 1962 a 2000. Desde 2001 escrevo artigos, que já foram publicados no jornal *Reproposta* e nos livros-reportagens *São Paulo de Perfil*. Nas horas de lazer gosto de ler, ouvir música e ir ao cinema.

Katiuscia Fogaça

Katiuscia da Cunha Lopes Fogaça é graduada em Publicidade e Propaganda pela Escola de Comunicações e Artes da USP (2004) com doutorado em Comunicação pelo PPGCOM-ECA-USP (2010). Atuou como assessora de imprensa (2007) e secretária de comunicação social da Prefeitura de Cascavel (2008-2009), docente na área de comunicação social e epistemologia na Univel e na Fundação Assis Gurgacz de (2010-2014). Graduou-se em medicina na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2018) e atua como interna no Hospital Universitário do Oeste do Paraná (2019).

Márcia Cabral

Márcia Sant'Anna Cabral é graduada em Comunicação Social, pelas Faculdades Integradas Alcântara Machado (1974) e especialista em Gestão de Processos Comunicacionais pela ECA-USP (2004). Atuou como executiva de grandes empresas e agências na área de comunicação corporativa e marketing. Há 18 anos é

responsável pela *Applauses Marketing & Cia.* consultoria especializada em comunicação corporativa e desenvolvimento de projetos de "branding", produtos e soluções de relacionamento para indústria, canais de vendas e consumidores. Criou o grupo Inovação e Desenvolvimento Estratégico de Mercado (IDEM), em 2016, que reúne profissionais especializados em comunicação, para atuar de forma colaborativa em projetos de comunicação e marketing (criação coletiva). Idealizou o Grattie um projeto voltado para a longevidade, com revista virtual, comércio eletrônico e uma plataforma de mercado de trabalho para profissionais com mais de 60 anos.

Mário Lucena

Mário Lucena nasceu em 1955 em Esperança, na Paraíba. Na década de 1970 mudou-se para a capital paulista onde trabalhou como jornalista técnico em empresas do setor, com passagem pela Folha de S. Paulo. Foi participante do movimento popular e sindical da época. Tornou-se editor no início dos anos 1990, e atualmente é responsável pela Portal Edições, editora ligada ao Portal do Envelhecimento, site especializado em informações sobre a área de gerontologia social. É bacharel em psicologia e eterno aprendiz de escritor.

Neuza Guerreiro de Carvalho

Licenciada em História Natural pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP (1951). Realizei atividades didáticas em cursos secundários e Magistério durante 30 anos. Meu material didático pessoal "Programação Dinâmica para Estudos de Ciências", está registrado no MEC, desde 1973. Aposentada desde 1980, continuo com os cuidados familiares e estudos informais. Participo da USP Aberta à Terceira Idade desde 2005. Frequentei cerca de 50 cursos semestrais, e atualmente ministro a disciplina "Encontros para resgate de memória autobiográfica".

Renata Bueno

Nascida em 1977, em São Paulo, Renata Bueno viveu um ano e meio na Holanda e atualmente reside em Portugal. Já participou de exposições coletivas e indivi-

duais em galerias de São Paulo e Santos, na Pinacoteca do Estado, do XIV Salon de l'Éphémère em Fontenay-sous-Bois, na França, projetos de livro de artista em Berlim, Amsterdã e Veneza, na FUNARTE (SP), no SESC Santos, SESC São Carlos, em Beja, Sintra, Torres Vedras e Lisboa (Portugal), entre outras. Suas esculturas de grande escala já foram implantadas em uma praça pública no Butantã e no jardim do SESC Belenzinho, ambas em São Paulo. É autora/ilustradora de mais de 35 títulos publicados pelas principais editoras do Brasil além de ter traduções e títulos originais publicados na Espanha, França, Coréia e Portugal. O convívio com seu entorno é característica de seu trabalho que busca se relacionar e transformar seu meio.

Sinval Medina

Sinval Medina é jornalista pela Universidade do Rio Grande do Sul (1964), realizou estudos de pós-graduação em Ciência da Comunicação (USP) e Ciências Sociais (PUC-SP) em São Paulo, onde vive desde 1971. Gaúcho de Porto Alegre escreve desde a adolescência. Além de docente na ECA-USP Sinval também atuou como jornalista nos Diários Associados, Editora Abril (Revista Saúde, Boa Forma), Editora Azul. Durante a década de 1980, Sinval Medina ganha o público leitor com seu talento como o escritor: o primeiro romance *Liberdade Condicional* é editado pela Codecri em 1980; depois *Cara, Coroa, Coragem* pela Nova Fronteira, em 1982; e *Memorial de Santa Cruz*, pela Mercado Aberto, em 1983. Foi um dos vinte romancistas modernos brasileiros presentes na Feira Internacional do Livro de Frankfurt, na Alemanha, em 1986. Incentivador da leitura em todas as idades Sinval também escreve para o público infanto-juvenil: *Parece Que foi Ontem*, Editora Global, 1983; *João e o bicho-papão*, Melhoramentos, 1986, livro que ganhou uma bela reedição com ilustrações de Renata Bueno pela Cia. das Letrinhas, em 2012; *O dia da caça*, Scipione, 1988. *Isaltina e Napoleão – Sapolicês*, Epopeia, 1995; *As Múltiplas Vidas do Dr. Gaspar* pela Scipione, em 1996. No ano seguinte a PUC-RS edita o romance *Tratado da Altura das Estrelas*, aclamado pela crítica e vencedor do prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura (segunda edição, editora da PUC-RS, 2014). Também em 1997, a Editora Terra Virgem lança o livro de ensaio fotográfico de Ricardo Teles e texto de Sin-

val Medina, *Saga: retrato das colônias alemãs no Brasil*. E agora, em pleno século 21, o ficcionista presenteia os leitores de todas as idades com novos romances como *O herdeiro das sombras*, pela Mandarin, em 2001; *A faca e o mandarim*, pela editora A Girafa, em 2004; *A Batalha de Porto Alegre – 3 de Outubro de 1930*, pela Martins Livreiro, em 2010; *O Cavaleiro na Terra de Ninguém: Vida e tempos de Cristóvão Pereira de Abreu*, pela Prumo, em 2012 (e edição portuguesa, da Narrativa, em 2018). Com a parceria da artista Renata Bueno volta aos títulos para crianças em *Cantisapos, Histocarés e Cirandefantes*, Companhia das Letrinhas, 2014. Outra obra de ficção histórica, *Mistério da Estrada de Petrópolis: a Primeira Morte de Getúlio*, sai pela Editora Martins Livreiro, em 2016. É claro que Sinval está finalizando mais um "presentação" para 2019, com edições em Portugal e no Brasil. Com tudo isso, ele reservou um tempinho para enriquecer as páginas do *Reproposta*.

Sonia Regina Cunha

Sonia Regina Soares da Cunha, a Regina, é jornalista (MTb 17.464-SP) pela Faculdade Cásper Líbero (1985), especialista em comunicação audiovisual pelo Instituto Oficial de Rádio e Televisão da Espanha (1986-1987) e pela Universidade de Derby do Reino Unido (2003-2005). Mestre em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2012), onde trabalhou como docente e pesquisadora (2011-2013). Repórter, apresentadora, produtora e editora em emissoras de TV Aberta e por Assinatura. Doutoranda em Comunicação pelo PPGCOM ECA/USP, sob orientação da Profa. Dra. Cremilda Medina.

ANEXO

PROJETO DE PESQUISA que fundamenta esta edição

*O grupo de pesquisa
Epistemologia do Diálogo Social
foi criado e é liderado por Cremilda Medina,
professora titular sênior da
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de
São Paulo, composto por discentes do Programa de
Pós-Graduação em Ciências da Comunicação e do
Programa de Pós-Graduação em Integração da
América Latina, por docentes e pesquisadores da USP e
demais universidades brasileiras e internacionais.*

Cremilda Medina



Epistemologia do Diálogo Social

Cremilda Medina

C

om trabalhos desde 1986, o grupo de pesquisa Epistemologia do Diálogo Social dedica-se à reflexão e à prática da dialogia nas sociedades democráticas contemporâneas. Principalmente, em relação ao papel do mediador-autor, aquele que colhe e articula os sentidos coletivos, que se reporta aos acontecimentos do presente. Ao acompanhar as capacidades éticas, técnicas e estéticas dos mediadores-autores (comunicadores sociais, cientistas e educadores), as pesquisas, há cinco décadas, com uma perspectiva inter e transdisciplinar, atravessam a profissionalização e os rumos do Jornalismo, os desafios paradigmáticos da relação ciência e sociedade, e a prática das *Narrativas da Contemporaneidade*.

Com quatro décadas de implantação, a pós-graduação em Comunicação da Escola de Comunicações e Artes, pioneira na América Latina, ao receber mestrandos e doutorandos de várias áreas de conhecimento, desenvolve a oportunidade de confluências metodológicas perante os diversos desafios das pesquisas. Na área estritamente acadêmica, em mais de três décadas de atividades, o programa de Programa de Pós-Graduação Interunidades em Integração da América Latina (PROLAM) da USP, persegue, da mesma maneira que o

PPGCOM ECA/USP, as trilhas mais rigorosas e inovadoras da pesquisa. Nos diversos cursos de pós-graduação em que esta pesquisa integra os dois programas, a discussão epistemológica aflora, seja nas unidades de conteúdo, seja nas dinâmicas de grupo, e nas demandas dos estudantes.

As linhas de pesquisa cruzam tradição e impasses contemporâneos que atravessam a ciência e a metodologia na construção do conhecimento. Os pesquisadores da graduação e da pós (discentes e docentes) convivem no cotidiano da pesquisa, com seminários, leituras e intercâmbios inter, multi e transdisciplinares.

Linhas de pesquisa:

1. Signo da Relação e Diálogo Social

Nesta linha, debate-se como a autoria se sobressai à divulgação de conteúdo. Em outras palavras, como a autoria relacional e articuladora de conteúdos plurais (polissemia) e da regência de vozes conflitivas (polifonia) transforma e efetiva a comunicação. As pesquisas aqui articuladas são demarcadas pelo estudo da permeabilidade ao outro e outras inovações necessárias à construção de sentidos no ato da interação social.

2. Saber Plural e a Crise de Paradigmas

Fruto de seminários, encontros e ensaios multidisciplinares, a linha centra-se em torno de transformações necessárias à mente aberta, complexa, sensibilizada pelos cinco sentidos, capaz de viajar na interação criativa da experiência social: a relação sujeito-sujeito, a intercausalidade, a pluralidade complexa de ideias, a contextualização cultural, a compreensão de processos, a dinâmica das incertezas e a busca das verdades em conflito, são noções trabalhadas pelos pesquisadores.

Objetivos

O objetivo principal do grupo Epistemologia do Diálogo Social é o de desenvolver estudos acadêmicos que envolvam desbravar os seguintes quadros:

- a) Consciência histórica – a trajetória dos discursos científicos nas so-

iedades humanas, seu papel, contradições e impasses, estruturas de poder e decisões, o tempo histórico e a crise de paradigmas na historiografia oferecem aos pesquisadores interrogantes oportunas (LE GOFF, 1984; DOSSE, 2013). Uma das mais inquietantes questões: caminhamos na evolução e no progresso da Ciência?

- b) Ciência e cultura – o lugar a partir do qual se constrói conhecimento científico, as escolhas e as identidades, a emergência científica nas sociedades desiguais. Nesse âmbito, a epistemologia avalia as consequências sociais do projeto de pesquisa, o dimensiona perante a ação transformadora da universidade.
- c) Estudos e aprofundamentos dos saberes plurais – por meio de uma racionalidade complexa capaz de lidar com a coleta e análise dos dados, o pesquisador se vale de metodologias tão consistentes quanto inventivas.
- d) Experimentação no processo de construção do trabalho científico e das *narrativas da contemporaneidade* – descobrem-se momentos de intuição criativa capazes de dar marcas de autoria cultural e individual à pesquisa e/ou ao exercício profissional.

Justificativa

Liderado pela jornalista e pesquisadora Cremilda Medina, professora sênior do Departamento de Jornalismo e Editoração (CJE) da ECA-USP, que atua na formação de mestres, doutores e pós-doutores no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) e no Programa de Pós-Graduação Interunidades em Integração da América Latina (PROLAM), ambos na Universidade de São Paulo (USP), o grupo tem como perspectiva de trabalho a comunicação e a dialogia social e é alimentado pelas teorias culturais. Esse horizonte de pesquisa deriva da tese de doutorado *Modo de Ser, Mo'Dizer* (1986) e da tese de livre-docência *Povo e Personagem* (1989) e conta com os intercâmbios e registros de algumas experiências de ensino, pesquisa e extensão, como:

- a) Primeiro Seminário Inter e Transdisciplinar (1990), atividade que reuniu dez cientistas das diferentes áreas acadêmicas e cuja mediação jornalística se tornou indispensável para o diálogo e apresentação dos te-

mas que então angustiavam a todos na epistemologia e nas metodologias científicas;

- b) O Discurso Fragmentalista e a Crise de Paradigmas, projeto integrado de pesquisa credenciado junto ao CNPq ao longo dos anos 1990, que teve uma circulação nacional, bem como internacional (Argentina e Portugal), cuja expressão se discute ao longo da série *Novo Pacto da Ciência*, onze volumes que acumulam anais de seminários, artigos científicos, diálogos interdisciplinares e outras *narrativas da contemporaneidade*;
- c) Fórum Permanente Interdisciplinar da ECA e a série de livros-reportagens *São Paulo de Perfil*, projeto cultural integrado aos programas curriculares da graduação e com as linhas de trabalho dos orientandos da pós-graduação, cujo foco é a produção de reportagens e ensaios sobre São Paulo;
- d) Laboratório de experimentação realizado ao assumir a Coordenadoria de Comunicação Social (1999-2006), onde se propôs uma política abrangente para a Universidade de São Paulo com o título *Signo da Relação*. Em sete anos de prática cotidiana, a pesquisa originada no Núcleo de Epistemologia de Jornalismo da ECA deu uma nova dimensão à linguagem dialógica e à metodologia no campo das mediações entre ciência e sociedade. A experiência levada a efeito reverteu a concepção do *signo da divulgação* para o *signo da relação*.

O grupo de pesquisa, portanto, articula-se, com os orientados e pesquisadores vinculados, a partir dessas experiências e saberes. Os pesquisadores (docentes e alunos de pós-graduação) convivem no cotidiano da pesquisa, dos grupos de discussão, leituras e intercâmbios inter, multi e transdisciplinares. As séries *Novo Pacto da Ciência* (11 volumes) e *São Paulo de Perfil* (27 volumes), além de outros volumes organizados pela pesquisadora, bem como livros de outros autores formam uma massa crítica que espelha quase 40 anos de história.

Do ponto de vista pragmático, há sempre motivações imediatas circunscritas às dissertações de mestrado e às teses de doutorado. Todavia, a pesquisa tecida pelo grupo compõe reflexões no campo comunicativo da dialogia social,

construções teóricas, abordagens criativas e empíricas, experiências metodológicas e propostas para a pedagogia da comunicação e do jornalismo. O grupo de pesquisa é definido pela inquietação diante das demandas histórico-sociais. Na pauta de estudos está a construção teórica do jornalismo e da comunicação, por meio do exercício da narrativa dialógica, aquela que persegue todas as composições circulares que se possam desenvolver com os atores sociais, saberes plurais e comunicadores. No campo central de atuação, considera-se o repórter como autor na rede natural e virtual das mediações sociais nos conflitos da cidadania contemporânea (MEDINA, 2014). Acrescente-se que tanto o comunicador social quanto o educador realizam potencialmente o *Signo da Relação* (MEDINA, 2006) no *Ato Presencial* (MEDINA, 2016).

O grupo de pesquisa articula-se com o projeto de pesquisa da professora Cremilda Medina, que foi apresentado à coordenação da pós-graduação da Escola de Comunicações e Artes da USP, com projeção para 2021. A pesquisadora, em conjunto com seus alunos e orientandos, busca ampliar o laboratório epistemológico das mediações autorais em torno de transformações paradigmáticas provenientes das seguintes noções: a relação sujeito-sujeito, a intercausalidade, a pluralidade complexa de ideias, o contexto cultural latino-americano, a compreensão de processos como a dinâmica das incertezas e a busca das verdades em conflito. Projeta-se ainda o estudo metodológico da articulação pesquisa empírica/pesquisa teórica. Também serão produzidas investigações em torno do laboratório de Narrativas (estudo da pluralidade de narradores e outras inovações teóricas necessárias à construção de um cosmo de sentidos teóricos-empíricos), e da Pedagogia do Diálogo (inspiração para a relação educador-educando).

Nos próximos anos, se engenho, arte e a vida permitir, pretende-se levar para a futura atividade acadêmica aqueles objetivos e a metodologia que constituem a experiência de mais de cinco décadas como educadora e como jornalista, a saber:

- a) Epistemologia do Diálogo Social – coleta inter e transdisciplinar das novas noções que regem uma transformação paradigmática. Têm sido destacadas pelos alunos e orientandos, nos intercâmbios nacionais e in-

ternacionais, as seguintes noções: a relação sujeito-sujeito no lugar de sujeito-objeto, a intercausalidade de forças que atuam na circunstância humana no lugar do paradigma de causa e efeito, a pluralidade complexa de ideias no lugar da monologia, a contextualização cultural no lugar da afirmação dos critérios de certo e errado, a compreensão de processos no lugar das explicações estáticas, a dinâmica das incertezas no lugar das certezas ideológicas, e a busca das verdades em conflito no lugar das verdades absolutas.

- b) Pesquisa empírica, pesquisa teórica – como metodologia desenvolvida por grupos de graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado, enfatiza-se a experiência de observação do campo para delimitar o recorte empírico e formular interrogantes a serem trabalhadas paralelamente no espaço social e no domínio inter e transdisciplinar da bibliografia confluyente com o projeto acadêmico. O diálogo entre teoria acumulada e pesquisa de determinado tema vivo dá ao pesquisador a dimensão da epistemologia pragmática, ou seja, o que seu trabalho acarreta em consequências inovadoras.
- c) Laboratório de narrativas – o caráter laboratorial desenvolvido na epistemologia se projeta também na escrita (*lato sensu*, em qualquer codificação) do trabalho científico. Aí se aplicam as narrativas – da tradicional à ensaística, bem como o estudo e desenvolvimento da pluralidade de narradores e outras inovações necessárias à construção de um cosmo de sentidos teórico-empíricos. Essa experimentação autoral é gradual em um semestre (ou qualquer outra modulação de tempo), em que se faz um acompanhamento semanal dos textos produzidos individualmente, e se discutem os resultados no grupo de alunos ou orientandos.
- d) Pedagogia do Diálogo – se, por um lado, a dialogia social rege este projeto de pesquisa, a prática pedagógica procura seguir os mesmos passos, ou seja, o *signo da relação* nas *narrativas da contemporaneidade*, é irmão gêmeo do *signo da relação* entre educador e educando em qualquer nível de escolaridade. Assim, como grande parte dos alunos de pós-graduação, sobretudo os doutorandos, são professores universitários, ou se encaminham para exercer essa responsabilidade, a pedagogia

deste plano de trabalho pode lhes servir de inspiração. Aliás, isso tem acontecido, segundo testemunhos registrados no livro *Ato presencial, mistério e transformação* (MEDINA, 2016).

Trilhas desafiadoras da futura pesquisa

Na perspectiva cultural convém debater, no século XXI, a herança epistemológica, os grandes influxos das correntes de pensamento e das práticas científicas, indo ao encontro das inquietudes contemporâneas e projetando certas expectativas de futuro. Laboratório de reflexão e de criatividade, tanto na construção teórica, quanto na abordagem empírica e nas consequências sociais da pesquisa, impõe-se a pedagogia oficinal, de intenso intercâmbio metodológico ou plurimetodologia como defende Boaventura Sousa Santos (1989). Aí está outra ênfase na dialogia, desta vez no âmbito da ciência. Se as ciências da comunicação não promoverem a necessária troca de inquietudes epistemológicas, não farão jus ao *signo da relação*, fundamental no aperfeiçoamento tanto individual, quanto grupal em qualquer instituição acadêmica que se preocupe com a geração de novas respostas às demandas histórico-sociais (MEDINA, 2008).

A construção teórica no jornalismo e na comunicação oferece uma oportunidade ímpar para o exercício da narrativa dialógica, ou melhor, que persiga todas as composições interativas que possam ser desenvolvidas com os atores sociais e os saberes plurais. Some-se ainda o acesso à leitura cultural pela fruição das manifestações artísticas. O entrecruzamento de visões de mundo e metodologias da ciência e da comunicação social rende uma pauta de estudos na construção e desconstrução dos paradigmas dogmatizados, pois o *signo da relação* mexe profundamente tanto com as ciências humanas, quanto com as biológicas, naturais ou da natureza, exatas, tecnológicas, ambientais e quantas mais divisões se fizer.

No campo central de atuação, considera-se o repórter como autor das narrativas dos conflitos que caracterizam a cidadania e os dela excluídos, e as demais esferas a ela afetas, como a própria ciência. Para isso, o comunicador conta com variadas estratégias, quer na rede natural do *Ato Presencial* (MEDINA, 2016), quer na mídia convencional, quer nas infovias virtuais.

Raízes histórico-culturais de 55 anos

Nas etapas dessa trajetória, resumem-se aqui diferentes momentos da dialogia, eixo central de investigação fixado em 19 livros de autoria da pesquisadora e mais de 50 coletâneas por ela organizadas. Em síntese, apontam-se os seguintes desafios epistemológicos:

- a) responsabilidade social nas mediações do jornalista;
- b) pesquisa da narrativa cúmplice com a polifonia;
- c) visão de mundo e atitude abertas à complexidade racional, à sensibilidade intuitiva e à estética inovadora;
- d) intercâmbio interdisciplinar com outras áreas de conhecimento no contexto de paradigmas em crise;
- e) construção de novas noções para operar o diálogo social.

De oficinas pedagógicas nas universidades brasileiras e do exterior, resulta a defesa do autor da assinatura coletiva, presente nas *narrativas da contemporaneidade* (da comunicação social) e da autoria inter e transdisciplinar dos textos de pesquisa acadêmicas sob sua orientação ou como objetivo das disciplinas ministradas pela pesquisadora: trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado, teses de doutorados, ensaística de pós-doutorado.

Em um dos livros (*A arte de tecer o presente*, 2003) assinala-se que, a narrativa expressa a necessidade de reagir ao caos da história, criando um cosmo simbólico. O que mobiliza a produção cultural, ou seja, a autoria da narrativa organiza e atribui significados ao acontecer cotidiano ou aos fatos extraordinários. Ideias, comportamentos, ação coletiva compõem a cena simbólica da narrativa. Além disso, quando o autor age com inteligência plena – razão complexa, sensibilidade intuitiva e estética inovadora – cria um ou vários narradores para darem conta da pluralidade de protagonistas da circunstância humana.

Memória de infância – intervalo confessional

A sedução pela narrativa e pelo narrador desperta na infância. No meu caso, havia dois contadores de histórias, um na ancestralidade literária, outro na experiência oral direta. O da ancestralidade vinha da ascendência de meu pai, José Pereira de Araújo, sobrinho neto do escritor português Alexandre Herculano (1810-1877). Falava-se dele na casa do avô paterno, em Portugal, quando criança. Mas só vim a desbravar os romances de Herculano na adolescência, já radicada em Porto Alegre (RS). Em "Eurico, o presbítero" (1844), naveguei nos parágrafos revoltos da narrativa romântica. O esforço, no ginásio brasileiro, para acompanhar a literatura do século XIX era embalado pelo estranho sentimento de que esse escritor vinha me falar numa locução difícil, mas ao mesmo tempo encantava porque pertencia à linhagem familiar. Os primeiros anos da adolescência foram marcados pela leitura das cartas do avô Armando Pereira Araújo que cultivou a escritura e me brindou – mistério para a menina de 11, 12 anos – com a arte epistolar. Em comunicação à distância (estávamos muito longe da Internet), vinham e iam as cartas de Portugal para o Brasil, de Porto Alegre para o Porto, ou melhor, Vila Nova de Gaia, do outro lado do Douro. Eram cartas de princípios norteadores que incluíam a moral e a literatura, estimulavam um diálogo que, apesar de desigual na lonjura geográfica e etária, mantinham um respeito mútuo sagrado. A sedução presente no meu cotidiano, porém, vinha do avô materno, pois não só morava em sua casa até os dez anos em Portugal, como ele mudou para a casa dos meus pais, no Brasil, tão logo a família instalou-se em Porto Alegre, em 1953. Ganhei eu um tesouro narrativo. vô Manuel encenava narradores agachado: magrinho, flexível, pulava e mudava de posição no palco que improvisava para dar dicção e gestos aos personagens da história que contava. Já conhecia esse talento de meus verdes anos em Vila Nova de Gaia e o deslumbramento perante a oratura depois dramatizada em terras gaúchas persistiu toda a adolescência até sua morte no final dos anos 1950. Havia nessa criativa autoria um movimento dialógico inspirador: Manuel sabia como ninguém interagir com qualquer personagem imaginário ou visitante que chegasse a casa ou no encontro com pessoas na rua. A força narrativa se expressava no corpo inteiro. Não que a palavra não fosse importante, mas ele ia além do código linguístico. Pessoa simples, de profissão urbana não nobre, pintor de automóveis, sua oratura se alimentava também de escrituras artísticas com um deleite que era visível no brilho dos olhos azuis. Pois bem, a inventiva do avô mantinha um diálogo constante com diferentes expressões da arte. Companheiro constante da moleca, vô Manuel me levava ao cinema, ao teatro, aos concertos da sinfônica gaúcha. Percebo hoje o casamento perfeito entre a oratura e a literatura. O avô paterno morreu antes do avô materno, mas, penso hoje, os dois me legaram uma herança bendita: o casamento indissolúvel da oratura com a literatura. Muito mais tarde, descobriria o valor da oralidade entendida como oratura, quando trabalhei na África, nos anos 1980, e me defrontei com comunidades ágrafas que não se registram na literatura, mas criam na oratura; por outro lado também encontrei na literatura a profunda inspiração na oralidade identitária de um povo, o que passei a nomear "gesto da arte".

Cena viva da ação social

Lugar comum muito apregoadado, efetivamente o gesto da arte é a antena profunda de um povo. Há de se sublinhar que a sintonia entre repórter e artista na teoria e prática do diálogo social desperta a sensibilidade cúmplice do primeiro quando exposto à fruição do segundo. Daí propor, em paralelo ao contato direto da reportagem, a inspiração por meio do convívio com obras de arte.

No lugar da inspiração literária somente no ato de redação, a conexão constante com os artistas sensibiliza o trânsito do repórter na sociedade, favorece sobremaneira o *signo da relação*. Todo jornalismo é literário, já que se vale da escrita (não importam os códigos que mobilize), mas nem toda a reportagem vibra na "comunhão poética" (1984, p.9), para lembrar Octávio Paz (1914-1998) quando se refere à poesia. Seria como um preparo atlético para sair à rua, ou seja, ler paralelamente testemunhos dos artistas sobre seu povo e seu tempo (MEDINA, 1996). Mas antes de tudo, a fruição necessária do gesto da arte desperta o encantamento e a curiosidade para criar a narrativa da ação social. Nesse sentido foi um privilégio a pesquisadora ser "contaminada" por disciplinas universitárias na graduação em Letras e Jornalismo (1960), em que sensíveis e consistentes mestres motivavam os alunos de graduação para fruir literatura brasileira contemporânea no que acabou por favorecer a leitura cultural de Brasil. Entre outros, João Cabral de Melo Neto (1920-1999), Fernando Sabino (1923-2004), Ricardo Ramos (1929-1992) estavam lançando seus livros nessa época.

Aí se situa a ênfase da cena viva da narrativa que viria a propor pedagogicamente no segundo e terceiro graus. Os eixos centrais: narradores dialógicos e ação dramática. Interrogante que se impôs no aperfeiçoamento e estudos de vida inteira: afinal, as sociedades democráticas não precisam de mediadores autorais inspirados para promover o diálogo social? Talvez seja esse o desafio que explica a decisão de assumir a comunicação como profissão e o compromisso como educadora, nos dois cursos de graduação, Jornalismo e Letras Clássicas, em que ingressei na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1961). A mudança para São Paulo no início dos anos 1970, trouxe inúmeros frutos. Um deles, o privilégio de desenvolver a pesquisa da linguagem dialógica e os laboratórios de *Narrativas da Contemporaneidade*, na confluência da pesquisa acadêmica com a

prática comunicacional, uma *Atravessagem* documentada em livro (MEDINA, 2014).

Duas experiências decisivas desenvolvem-se graças à cultura de pesquisa que caracteriza a Universidade de São Paulo desde sua fundação em 1934. Na primeira fase (1971-1975), quando a pesquisadora deixa a docência na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e assume a disciplina de Jornalismo Interpretativo na Escola de Comunicações e Artes da USP, firmam-se os alicerces da reportagem-ensaio, o que viria a receber acréscimos coletivos na pesquisa em graduação e pós-graduação na ECA, e em outras universidades no Brasil e América Hispânica por onde passa a circular. A ruptura política que provocou a saída da USP, em 1975, ganharia um laço de continuidade dez anos depois ao retornar à docência, pesquisa e extensão. Com o doutorado em 1986, a segunda fase terá considerável ampliação na pós-graduação. A rigor nunca ocorreram fronteiras entre graduação e pós para o laboratório de dialogia. No curso de Jornalismo, de 1986 a meio da década seguinte, e daí em diante na disciplina interdisciplinar *Narrativas da Contemporaneidade* até 2011, e na pós-graduação, a proposta inter e transdisciplinar da *Crise de Paradigmas* e o *Saber Plural*, em ambas instâncias acadêmicas, os alunos partilham conteúdos comuns de acordo com suas necessidades.

Com os jovens da graduação e da terceira idade, uma proposta oficial passou a considerar os fundamentos epistemológicos da narrativa aplicada à reportagem. Na verdade, esse era o núcleo de pesquisa já em 1967, quando a então jornalista formada em 1964 (31 de março é a data do diploma) foi chamada à docência na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Como assistente de catedrático, orientava os alunos na disciplina técnica que produzia o *Jornal Escola*. À partida, não a satisfazia o fato de apenas transferir subsídios das técnicas convencionais tanto no que tange à captação de informações quanto à redação e edição jornalísticas. Foi exatamente a motivação da pesquisa e da construção de novos conhecimentos que moveu-a até a Universidade de São Paulo, onde se anunciava a implantação do primeiro curso de pós-graduação em Ciências da Comunicação na América Latina. Quando da mudança para a capital paulista, trazia na bagagem acadêmica o projeto para o mestrado, nomeado *A estrutura da men-*

sagem jornalística (que, na metamorfose da pesquisa, se cumpriu em 1975, com a defesa do primeiro mestrado da Escola de Comunicações e Artes e, por consequência, se tornaria a primeira dissertação da América Latina). Logo a seguir, publicaria a primeira edição de *Notícia, um produto à venda – Jornalismo na Sociedade Urbana e Industrial* (1978).

Não fossem as mazelas da ditadura no golpe militar de 1964, que provocaram a saída da USP em 1975, teria continuado sem interrupção acadêmica a escavação teórica da dialogia e da prática das *narrativas da contemporaneidade*. Afinal, antes da publicação de *Notícia, um produto à venda* (1978), editou na ECA junto com Paulo Roberto Leandro (1948-2015) *A arte de tecer o presente* (1973), um estudo sobre a reportagem jornalística no Brasil, paralelamente à incursão de Tom Wolfe no novo jornalismo norte-americano. Em linhas de pesquisa diferentes do escritor norte-americano, os autores transitavam, na ECA/USP, pela teoria da interpretação, colhendo subsídios em Marx, Nietzsche e Freud. Essa pesquisa inaugural criou parâmetros para mapear tendências nas reportagens dos principais jornais brasileiros: protagonismo (perfis, histórias de vida), contextos sociais, raízes histórico-culturais e diagnósticos-prognósticos das fontes especializadas.

A pesquisadora voltaria a esse título, já no século XXI, para reafirmar a narrativa e o cotidiano da *Arte de tecer o presente* (MEDINA, 2003). Não se tratava, porém, da reedição do livro artesanal de 1973, e sim de uma perspectiva enriquecida pela epistemologia, pela prática do diálogo social e pela inspiração do contato com a arte.

A intensa vivência pragmática na reportagem e na edição do jornal "O Estado de S. Paulo" acentuou a necessidade da dialogia, justamente numa sociedade que se debatia com o autoritarismo explícito. No exercício de atrito diário foi possível reafirmar constantemente que a narrativa da contemporaneidade não provém de brilho formal, de malabarismos literários. Pelo contrário, a origem inspiradora do que se escreve sobre o mundo nasce na oratura captada no mundo vivo. Organizar – editar e narrar – o caos conflitivo das múltiplas vozes (polifonia) e dos múltiplos significados (polissemia) que o repórter (e/ou comunicador social) colhe na rua é um ato subversivo para os porta-vozes monológi-

cos do poder. Nos dez anos (de 1976 a 1986), como redatora, editora e repórter especial, junto à equipe com quem trabalhou no Estadão, sentiu muito de perto os riscos e prazeres da narrativa dramática da cena coletiva que a reportagem ensaiava narrar.

O signo da relação

A volta à USP, em 1986, pela primeira vez em tempo integral na academia, favoreceu o amadurecimento da teoria e prática da linguagem dialógica, tema do doutorado naquele mesmo ano. Da tese extraiu-se a parte teórica, *O Diálogo Possível* (1995), a que a Editora Ática acrescentou a palavra entrevista. Embora não rejeite esse rótulo aposto à dialogia, a autora não considera a técnica da entrevista como o principal suporte do *signo da relação* ou do ato comunicativo. A primeira parte da tese, intitulada *Modo de ser, Mo'dizer*, reúne narrativas de Higienópolis (bairro da capital paulista), em que protagonistas sociais e seus perfis se moviam no presente e nas raízes históricas do primeiro empreendimento imobiliário do País no final do século XIX. A tese foi trabalhada com seus alunos, principalmente na graduação em laboratórios pedagógicos que passou a desenvolver no retorno à USP. A metodologia visava o contato com o mundo vivo e a observação como comportamentos que ampliam sobremaneira o código linguístico das perguntas e respostas da entrevista. O contato e a observação da cena real desafiam a produção simbólica para a compreensão complexa, diga-se, contraditória, conflitiva e exige do repórter a desconstrução de travas ideológicas alimentadas por certezas conceituais. Sem falar nas demais atrofias que os estudos contemporâneos, principalmente oriundos das neurociências, nos apontam. Entre vários autores a consultar, nesse sentido, citam-se quatro: Antônio Damásio, Luís Carlos Restrepo, Henrique Schützer Del Nero e Jill B. Taylor.

Os alunos, estimulados por essas inquietudes, em lugar de reforçarem o aprendizado da gramática jornalística transposta para velhos e novos meios de comunicação, têm dedicado a atenção a questões de fundo da comunicação social. Sinteticamente, algumas palavras-chave: visão complexa, sensibilidade intuitiva e comportamento solidário perante a circunstância humana. Desse laboratório epistemológico e dos valores exercidos na dialogia, gerações de estudan-

tes de graduação produziram 27 livros da série *São Paulo de Perfil*, como resultado semestral ou anual. Aproximadamente 500 autores experimentaram uma prática dialógica, aferida, inclusive, em intercâmbio com leitores da escola pública noturna de segundo grau na zona sul da capital paulista. O projeto de pesquisa de recepção, firmado com a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, resultou em vários indicadores positivos para a leitura interativa, mas acima de tudo reafirmou a proposta das *narrativas da contemporaneidade*: os leitores preferem a cena viva do contexto social, a ação dramática dos protagonistas anônimos e suas falas (outra vez, a oratura) que os repórteres colhem da vida cotidiana e transcriam em narradores cúmplices para contar sua aventura, que não são simplesmente transcrições de máquinas, do velho gravador ou de equipamentos atualizados.

Por outro lado, os mesmos leitores descartam os relatos conceituais, as entrevistas que reproduzem exclusivamente o mundo das ideias; passam ao largo também do quantitativismo estatístico, dos gráficos descarnados. Preferem, sim, histórias humanas que se reencenam numa narrativa sensível tal qual a poética apresenta na literatura, no teatro, no cinema, na música, nas artes plásticas. Uma experiência, enfim, que já está relatada em livros de autoria da pesquisadora, mas também aprofundada em dissertações e teses de doutorado que focam a série *São Paulo de Perfil*, como as de Raul Osório Vargas (2003), Alex Sander Alcântara Lopes de Santana (2009) e Katiúscia Lopes Fogaça (2010). É com alegria que se releem hoje textos da série *São Paulo de Perfil*, escritos nos anos 1980 e 1990, e percebe-se a poética da reportagem. Cada um dos títulos da série *São Paulo de Perfil* representa muito bem um acontecimento comunicacional nas comunidades afins ao tema tratado. *A casa imaginária* (1991), por exemplo, sobre habitação, foi lançado em Vila Cachoeirinha, bairro de São Paulo, que tem a memória do primeiro mutirão na cidade. Foi tal a participação dos protagonistas sociais do movimento de habitação, tanto no Brasil, quanto no exterior, que a editora teve que imprimir uma segunda edição da obra. Parte dos exemplares de *A casa imaginária* foi entregue ao prefeito de São Paulo junto com um pedido para investimentos urbanos, e outra parte foi levada para um congresso na Holanda que debatia questões habitacionais da metrópole paulistana.

Os jovens autores criam narrativas da vida cotidiana, tecidas por uma observação sutil da ação social e criam narradores capazes de vocalizar a fala plural dos anônimos. Percebe-se também que não se encontra nenhum artificialismo formal para pospor jogos literários, melhor, a aventura humana, quando capturada e simbolicamente editada, dá luz própria à *narrativa da contemporaneidade*. Vale dizer, a arte de tecer o presente nasce na relação do sujeito-repórter com o sujeito-protagonista social e a produção de símbolos que se consagra na comunicação social leva a marca da autoria coletiva, porque o mediador-autor traz para sua voz a voz dos outros. Muitas vezes, quando se pretende exercer o chamado jornalismo literário, se faz outro movimento: o autor pretensiosamente se vale do outro para a ele aplicar um estilo que exhiba suas virtudes literárias. Ou seja, o outro vira objeto.

Sociedade-ciência-sociedade

As mediações entre grupos científicos especializados e sociedade trazem dilemas tão ou mais espinhosos para a dialogia quanto os conteúdos comuns da comunicação coletiva. Ao se envolver na pós-graduação com o lugar da linguagem dialógica no espaço da universidade, a pesquisadora não tinha ideia quão árdua seria a passagem do signo da divulgação científica para o *signo da relação* na comunicação social. No fim dos anos 1980, essa reflexão tomou corpo com uma iniciativa acadêmica: o "Primeiro Seminário Inter e Transdisciplinar" (1990), na ECA/USP, reuniu dez cientistas das diferentes áreas acadêmicas e a mediação jornalística se tornou indispensável para a aproximação, intercâmbio e registro dos temas que então angustiavam a todos na epistemologia e nas metodologias científicas. O projeto integrado de pesquisa que, logo a seguir, seria credenciado junto ao CNPq como *O Discurso Fragmentalista e a Crise de Paradigmas*, recebeu constantes acréscimos ao longo dos anos 1990. Em circulação nacional (incluindo seminários nas universidades do Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Rio Grande do Norte, Bahia, Minas, Brasília, Paraná, Santa Catarina, Amazonas), bem como em dois espaços de apoio internacionais, Argentina e Portugal, constituiu a identidade inter e transdisciplinar, ou seja, além da troca de desafios epistemológicos, as diferentes áreas de conhecimento encontraram

problemas comuns, transdisciplinares. A experiência enriqueceu a oficina pedagógica da metade da última década do século passado aos dias de hoje, sob o título de *Saber Plural e a Crise de Paradigmas*. O convívio dos saberes científicos, cotidianos ou locais e das expressões artísticas está documentado na série *Novo Pacto da Ciência*, onze edições que reúnem seminários, artigos científicos, diálogos interdisciplinares e reportagens-ensaio.

A partir de 1999, outro laboratório de experimentação ganhou expressivo significado para o *signo da relação*. Ao assumir a direção de Comunicação Social da USP (1999-2006), propôs com esse mesmo título, uma política abrangente para as mídias universitárias. Em sete anos de prática cotidiana, a pesquisa originada no núcleo de Epistemologia de Jornalismo da ECA deu uma nova dimensão à linguagem dialógica e à metodologia no campo das mediações entre ciência e sociedade. Agência de Notícias, Jornal da USP, Revista USP, Rádio USP, acrescidas dos meios então implantadas como TV USP, Portal da USP e Revista *Espaço Aberto* integraram um complexo laboratorial que passou a experimentar a mudança do signo da divulgação científica para o *signo da relação*, diga-se, efetiva comunicação social. Realizadas oficinas anuais nos *campi* do Interior da USP junto às assessorias de imprensa das unidades ou das direções, encontros nacionais e um seminário internacional na Universidade de Coimbra, em Portugal, foi possível promover dois encontros que sintetizavam reflexões de fontes de informação científica e comunicadores no espaço da Estação Ciência da USP, com o lançamento do nº 8 do *Novo Pacto da Ciência*, em abril de 2005. Esse volume fixa a teoria e a prática do *signo da relação*, ou a comunicação dialógica ciência-sociedade, sociedade-ciência. O exercício cotidiano levado a efeito durante sete anos integrou as equipes de profissionais nesse esforço para reverter mentalidade e comportamentos das narrativas da informação científica. O principal nó de reversão: a inércia da divulgação concentra na vontade dos pesquisadores o ato de liberar ou não, os conteúdos especializados e só então recorrer a “divulgadores” para chegar à sociedade.

Nessa concepção, a da divulgação da ciência, os comunicadores no máximo atuam como tradutores linguísticos de um relato mais acessível. Até aí as fontes de informação vão, até admitem que o jornalismo é portador de uma sin-

taxe comunicativa. Mas estão longe de compreender o *Signo da Relação* (MEDI-NA, 2006). Parece simples alteração semântica, mas na prática envolve a mudança de mentalidades, visão de mundo e comportamentos. A descentralização da fonte científica para a dialogia social, considerando o mediador (jornalista) como autor de uma narrativa articuladora de significados que tanto podem ser dirigidos da ciência para a sociedade como, na inversão dialógica, das demandas sociais para a ciência, se constitui num laboratório de criação, sem garantia de êxito.

A estática da divulgação científica impede a mudança do papel de mensageiro qualificado, atribuído ao repórter, para traduzir os conteúdos liberados pelo cientista para a sociedade. Não é fácil a chamada fonte de informações especializadas aceitar a dignidade e a qualificação graduada, e muitas vezes pós-graduada, de um comunicador-autor de uma narrativa dialógica ciência-sociedade, sociedade-ciência. Os sete anos em que a pesquisadora coordenou as mídias da USP ofereceram, além dessa luta diária, reflexões publicadas na obra *Ciência e Sociedade: mediações jornalísticas*, volume 8 da série *Novo Pacto da Ciência* (2005).

Autor da voz coletiva

No movimento necessário de retorno às balizas disciplinares, após a dialogia inter e transdisciplinar, as *narrativas da contemporaneidade* produzidas pelo comunicador ganham outra autoria, independente dos suportes tecnológicos. Na partilha de incertezas da racionalidade complexa com outras epistemologias, o técnico de divulgação desmonta conceitos dogmáticos para buscar noções de conhecimento plásticas. Tal dinâmica mental se abre à sensibilização viva do contato com o mundo (o lugar do repórter), e com a arte que o mobiliza para a ação original de autor. Como agente cultural deixa a rotina conservadora dos significados e escreve, em amplo sentido, uma narrativa que se identifica com a oratura.

Como se aplica essa proposta ao projeto pedagógico? Com a consciência dos riscos inerentes à ruptura das gramáticas estabelecidas no tecnicismo e introduzindo experiências laboratoriais. Estas, para além dos tradicionais exercí-

cios nas mídias escolares, são laboratórios epistemológicos e artísticos que oxigenam a claustrofobia da sala de aula ou dos ambientes técnicos. A mutação de adestramento para inovação autoral é muito rápida, porque o educando se resente da atrofia dos cinco sentidos, que o colombiano Luís Carlos Restrepo (1998) nomeia como "analfabetismo afetivo". Como chegar ao Outro – aquele com quem o autor dialogou – e Outros que vão ler sua narrativa, sem a rede sensível e complexa da cumplicidade? Essa mediação autoral orquestra a voz coletiva (MEDINA, 2014).

Na formação ou contínuo aprendizado dos autores de *narrativas da contemporaneidade*, pesquisam-se então, nos laboratórios, técnicas competentes, ética solidária e estéticas autorais. Do dia a dia de sucessivas gerações vêm se maapeando novos desafios, discutidos com outros pesquisadores, em geral externos às ciências da comunicação. Algumas interrogantes que despontam no horizonte contemporâneo: estaríamos vivendo, na era digital, um movimento contrário ao desprendimento do ego, quando a egocentralização se manifesta no objeto-eu dos autorretratos? O esvaziamento da condição histórica do repórter, assim como a do educador não causaria danos ao autor-mediador investido de significativo papel de mediar e criar condições para a interação social criadora? A diluição espacial e a fragmentação e/ou estilhaçamento dos símbolos não desnorteia as identidades e desmorona as raízes culturais que proporcionam a cumplicidade humana? As dogmáticas que se põem em curso nas tecnologias contemporâneas não atrofiam a curiosidade, o conflito dos saberes e das verdades nas descobertas interativas do *signo da relação*? A atrofia das virtualidades sensível e motora não impede o exercício iluminista da racionalidade complexa e conduz, pelo contrário, à racionalidade esquemática?

Há quem julgue que as narrativas devam ser estudadas pela forma literária. No entanto, somente mudanças de ferramentas mentais na percepção e observação do mundo vivo, comportamentos interativos do "eu-tu" (BUBER, 1982), acúmulo e intercâmbio dos saberes disciplinares e fruição da arte podem inspirar uma estética autoral, o criador de uma assinatura que respira e transpira a coletividade. E diante da riqueza disponível na oratura, o escritor desse texto cria um ou múltiplos narradores. Na cena dramática que a narrativa da contem-

poraneidade, ou se preferirem a reportagem, edita os conflitos do caos real e sustenta o cosmo simbólico. A assinatura coletiva se torna polifônica e polissêmica, descentralizada, democrática. O rigor das referências (dados objetivos, informações colhidas, interpretações especializadas) forma um fundo conceitual, um cenário de ideias que não pode esmagar a saga dos heróis, anti-heróis do protagonismo social em processo. Esta é a arte que aponta para a realização das sínteses densas e tensas da aventura humana, com todos os tropeços da dúvida intelectual e da incompletude prática do cotidiano. Diante desse brilho narrativo, a triste e vil pirâmide invertida do jornalismo fica envergonhada.

É nesse momento de reflexão que valoriza-se a epifania do mistério e da incerteza. Como transpor esse movediço terreno do "imaginário coletivo" (BARROS, 2001) para a narrativa? Nenhuma garantia técnica, nenhuma tecnologia, nenhuma intenção política ou literária resguarda a busca eticamente solidária do criador das *narrativas da contemporaneidade*. Mas estudar com engenho e arte esse processo na oficina pedagógica de cinco décadas tem sido altamente compensador.

REFERÊNCIAS

Obras da autora

MEDINA, Cremilda. LEANDRO, Paulo Roberto. **A arte de tecer o presente**. São Paulo: ECA/USP, 1973.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.

_____. **Profissão jornalista: responsabilidade social**. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária, 1982.

_____. **Viagem à Literatura Portuguesa Contemporânea**. Rio de Janeiro: Ed. Nórdica, 1983.

_____. **A posse da terra: escritor brasileiro hoje**. São Paulo: Secretaria de Cultura. Brasília: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, série Escritores dos Países de Língua Portuguesa, v.4, 1985.

_____. (org.). **O jornalismo na nova República**. São Paulo: Summus, série Novas buscas em comunicação, v. 23, 1987.

_____. **Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial**. São Paulo: Summus, 1988.

_____. (org.). **Primeiro Seminário Transdisciplinar A Crise de Paradigmas**. Anais. São Paulo: ECA/USP, série Novo Pacto da Ciência, v.1, 1991.

_____. GRECO, Milton. (orgs.). **Do hemisfério Sol**. O discurso fragmentalista da ciência. São Paulo: ECA/USP, série Novo Pacto da Ciência, v. 2, 1993.

_____. (orgs.). **Saber Plural**. O discurso fragmentalista da ciência e a crise de paradigmas. São Paulo: ECA/USP, série Novo Pacto da Ciência, v. 3, 1994.

_____. **Entrevista, o diálogo possível.** São Paulo: Ed. Ática, série Princípios, 3ª. ed., 1995.

_____. **Povo e Personagem.** Canoas: Ed. ULBRA, série Mundo Mídia, v. 4, 1996.

_____. GRECO, Milton. (orgs.). **Agonia do Leviatã:** a crise do Estado moderno. São Paulo: ECA/USP, série Novo Pacto da Ciência, v. 5, 1996.

_____. **Narrativas a céu aberto:** modos de ver e viver Brasília. Brasília: Ed. UnB, 1998.

_____. **Símbolos e narrativas:** rodízio 97 na cobertura jornalística. São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente, 1998.

_____. GRECO, Milton. (orgs.). **Caminhos do Saber Plural:** dez anos de trajetória. São Paulo: ECA/USP, série Novo Pacto da Ciência, v. 7, 1999.

_____. **A arte de tecer o presente.** Narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

_____. (org.). **Ciência e Sociedade:** mediações jornalísticas. São Paulo: Estação Ciência, CCS/USP, série Novo Pacto da Ciência, v. 8, 2005.

_____. **O Signo da Relação.** Comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. **Ciência e Jornalismo:** da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008.

_____. (org.). **Povo e personagem.** Sociedade, cultura e mito no romance latino-americano. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2008.

_____. **Casas da Viagem.** De bem com a vida ou afetos do mundo. São Paulo: Ed. Autor, 2012.

_____. Créateur de signature collective ou artisan du dialogue social. In: LE CAM, F.; RUELLAN, D. (orgs.). **Changements et permanences du journalisme**. Paris: L' Harmattan, Communication et civilisation, 2014.

_____. **Atravessagem**. Reflexos e reflexões na memória de repórter. São Paulo: Summus, 2014.

_____. **Ato presencial**. Mistério e transformação. São Paulo: Casa da Serra, 2016.

_____. **A arte de tecer afetos**. Signo da Relação 2. Cotidianos. São Paulo: Casa da Serra, 2018.

Obras de autores citados no texto

ARAÚJO, Alexandre Herculano Carvalho. **Eurico, o presbítero** (extracto). Portugal, 1844. Disponível on-line na Biblioteca da Universidade do Minho: <https://bit.ly/2U5A3jC> Acesso em: 18 dez. 2018.

BARROS, Ana Taís Portanova. **Jornalismo. Magia. Cotidiano**. Canoas: Editora da Ulbra, 2001.

BUBER, Martin. **Do diálogo ao dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

DAMÁSIO, António. **O Erro de Descartes**. Emoção, razão e cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **A estranha ordem das coisas**. A vida, os sentimentos e as culturas humanas. São Paulo: Companhia da Letras, 2018.

DEL NERO, Henrique Schützer. **O Sítio da Mente**. Pensamento, emoção e vontade no cérebro humano. São Paulo: Collegium Cognitio, 1997.

DOSSE, François. **Renascimento do acontecimento**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

FOGAÇA, Kátiuscia Lopes. **A leitura sob o signo da relação**. Tese de doutorado sob a orientação de Cremilda Medina, defendida na Universidade de São Paulo, 2010.

LE GOFF, Jacques. História (verbetes). In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1984.

MELO NETO, João Cabral. **Quaderna**. Lisboa: Guimarães Editores, 1960.
_____. **A educação pela pedra**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 1966.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. RJ: Nova Fronteira, 1984.

RAMOS, Ricardo. **Os caminhantes de Santa Luzia**. Porto Alegre, RS: Ed. Mercado Aberto, 1959.

_____. **Os Desertos**. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1961.

_____. **Memória de setembro**. São Paulo: Ed. José Olympio, 1968.

RESTREPO, Luis Carlos. **O Direito à Ternura**. Petrópolis: RJ, Vozes, 1998.

SABINO, Fernando. **O encontro marcado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

_____. **O homem nu**. Rio de Janeiro: Ed. Autor, 1960.

_____. **A mulher do vizinho**. Rio de Janeiro: Ed. Autor, 1962.

SANTANA, Alex Sander A. L. **Sentidos da metrópole**: série São Paulo de Perfil na mediação do espaço urbano. Dissertação de mestrado sob a orientação de Cremilda Medina, defendida na Universidade de São Paulo, 2009.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Introdução à Uma Ciência Pós-Moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

TAYLOR, Jill Bolte. **A cientista que curou seu próprio cérebro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.

VARGAS, Raul Osorio. **A função da fala na pesquisa da reportagem literária: o homem das areias, um flagrante do diálogo oralidade-escrita**. Tese de doutorado sob a orientação de Cremilda Medina, defendida na Universidade de São Paulo, 2003.

Sugestões de leitura

ALTHUSSER, Louis. **Filosofia e Filosofias dos Cientistas**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

BATESON, Gregory. **Mente e Natureza**. São Paulo: Francisco Alves, 1986.

CANCLINI, Néstor García. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.

COMTE, Auguste. **Discurso sobre el espírito positivo**. Madrid: Alianza Editorial, 2000.

CREMA, Roberto. **Introdução à Visão Holística**. São Paulo: Summus, 1989.

FERIN, Isabel. **Comunicação e Cultura do Cotidiano**. Portugal: Quimera, 2002.

FEYERABEND, Paul. **Contra o Método**. São Paulo: Francisco Alves, 1989.

GOULD, Stephen Jay. **Seta do Tempo, Ciclo do Tempo**. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

GRECO, Milton. **A Aventura Humana entre o Real e o Imaginário**. São Paulo: Perspectiva, 1984.

GUATTARI, Felix. **As Três Ecologias**. Campinas: Papirus, 1991.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria de la Acción Comunicativa I e II**. Madri: Taurus, 1989.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.

HELLER, A. **O Cotidiano e a História**. RJ: Paz e Terra, 1992.

- INNERARITY, Daniel. **A Transformação da Política**. Lisboa: Teorema, 2005.
- _____. **Política para perplejos**. Barcelona: Galáxia Gutenberg, 2018.
- _____. **Comprender la democracia**. Barcelona: Gedisa, 2018.
- KUHN, Thomas. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- LLOSA, Mario Vargas. **El Hablador**. Lima, Peru: Alfaguara, 2008.
- MCLUHAN, Marshall. **MacLuhan por MacLuhan**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- MAFFESOLI, Michel. **O Conhecimento Comum**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- _____. **No fundo das Aparências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. Rio de Janeiro: Agir-PocketOuro, 2008.
- MARINO JR., Raul. **O Cérebro Japonês**. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão, 1989.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Procesos de Comunicación Y Matrices de Cultura**. Itinerario para salir de la Razón Dualista. México: Felafacs, 1987.
- MERTON, Robert K. **Sociologia, Teoria e Estrutura**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- MORIN, Edgar. **La Méthode**. La Natura de la nature. Paris: Seuil, vol.1, 1977.
- _____. **La Méthode**. La Vie de la Vie. Paris: Seuil, vol.2, 1980.
- _____. **La Méthode**. La Connaissance de la Connaissance. Paris: Seuil, vol.3, 1986.
- _____. **Para Sair do Século XX**. RJ: Nova Fronteira, 1986.

_____. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Lisboa: Publicações Instituto Piaget, 1991.

_____. **Sociologia**. A Sociologia do Microsocial ao Macroplanetário. Portugal: Publicações Europa – América, 1998.

_____. **O Método IV**. As ideias: habitat, vida, costumes, organização. Porto Alegre: Sulina, 1998.

PRIGOGINE, Ilya. **El nacimiento del tiempo**. Barcelona: Tusquets, 1991.

_____. **O fim das certezas**. São Paulo: Editora Unesp, 1996.

ROUANET, Sérgio Paulo. **As Razões do Iluminismo**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

SANTOS, Maria Antônia. **A Estratégia Inteligente**. Lisboa: Monitor, 1992.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. SP: Hucitec, 1996.

SANVITO, W. **O Cérebro e suas Vertentes**. São Paulo: Panamed, 1982.

SCHNITMAN, Dora Fried. **Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SILVA, Augusto Santos; PINTO, José M. **Metodologia das Ciências Sociais**. Porto/Portugal: Edições Afrontamento, 1986.

WEBER, Renée. **Diálogos com Cientistas e Sábios, a Busca da Unidade**. São Paulo: Cultrix, 1986.

ZUFFO, João Antônio. **A Infoera, o imenso desafio do futuro**. São Paulo: Saber, 1997.

Tabela 4: Relação dos livros da série *São Paulo de Perfil*

São Paulo de Perfil			
série de livros-reportagem organizada por Cremilda Medina			
nº	ano	título	autores
1	1988	Virado à Paulista (Constituinte – 1987)	Estudantes ECA/USP: João Brito, Monica Sanches, Fernando Fulanetti, Rodrigo Contrera, Luiz Duarte, Melchiades Filho, Sibelle Pedral, Ariel Fingerman, Rogério Schlegel, Nelson de Jesus, Fernanda Domingos de Britto, Elsie Rotenberg, Adriana Gomes, Maria Denise Marin
2	1988	Vozes da Crise	Estudantes ECA/USP: Adriana Gomes, Angelo Ishi, Denise Marin, Elsie Rotenberg, Fernando Fulanetti, Genny Amayo, Graciliano Toni, Gustavo Junqueira, João de Brito, Jurandyr Passos, Luiz da Silva, Luiz Duarte, Maria de Britto, Melchiades Filho, Miguel da Silveira, Monica Sanches, Nelson Campacci, Pedro Ortiz, Rodrigo Contrera, Rogério Schlegel, Sibelle Pedral, Susana Plaut, Tereza Rangel, Vera Venturini
3	1989	1968 – 1988: nos passos da rebeldia	Estudantes ECA/USP: Ana Astiz, Armando Luiz Antenore (bolsista CNPq), Carlos Macena, Denise Soares, Elen Geraldês, Eveliny Bastos, Fernando Leal, Graciliano Toni, José Pereira, Luiz Rivoiuro, Marcelo Sereicikas, Miriam Fávoro, Patrícia Janoni, Paulo Pereira, Pedro Ortiz, Ralph Lima, Regina Scharf, Renata Pacheco, Rogério Ferreira, Rogério Silva, Sandra Costa, Sandra Mogami, Sérgio Silva, Sílvio Anaz, Wellington Santos
4	1989	Forró na garoa	Estudantes ECA/USP: Carla Ponte e Elen Geraldês (bolsistas CNPq), Eveliny Bastos, Fábio Santos, José Pereira, Luiz Rivoiuro, Marcelo Sereicikas, Maurício Souza, Mirian Fávoro, Patrícia Janoni, Paulo Pereira, Pedro Costa, Pedro Ortiz, Ralph Lima, Regina Scharf, Renata Pacheco, Rogério Ferreira, Rogério Silva, Sandra Costa, Sandra Mogami, Sílvio Anaz, Wellington Santos
5	1989	Hermanos aqui	Estudantes ECA/USP: Carla Ponte e Elen Geraldês (bolsistas CNPq), Amaury Pontieri, Ana Moretto, Andréa Miranda, Armando Neto, Carla Franco, César Santos, Cláudia Vassalo, Cláudio Augusto, Cláudio Lucchesi, Cláudio Maia, Cristina Sato, Denise Camargo, Eduardo Piovezan, Eliana Dolmadjian, Eliane Adachi, Érica Guinosa, Fernando Leal, Giberto Gasparetto, Marcello Marthe, Marcelo Damato, Marcos Pivetta, Mário Barroso, Manoel Martins, Mônica Miguel, Oscar Neto, Ricardo de Balthazar, Rita Amorim, Sandra Berger, Solange Barreira, Tania Sandroni, Vinícius Romanini, Walter Garcia

nº	ano	título	autores
6	1990	A casa imaginária	Estudantes ECA/USP: Tania Sandroni e Walter Garcia (bolsistas CNPq), Airam Junior, Amaury Pontieri, Ana Moretto, Ana Dondon, Ana Maciel, Andréa Mello, Armando Neto, Carla Ponte. César Santos, Cláudia Vassallo, Cláudio Augusto, Cláudio Lucchesi, Cristina Sato, Denise Camargo, Eduardo Piovezan, Elen Geraldês, Eliana Dolmadjian, Érica Guinosa, Manoel MartinsMarcello Marthe, Marcos Pivetta, Mário Barroso, Mônica Miguel, Pedro Ortiz, Ricardo Balthazar, Rita amorim, Sandra Berger, Solange Barreira, Vinícius Romanini
7	1990	Pauliceia Prometida	Colaboração de Luiz Febrot Estudantes ECA/USP: Tania Sandroni (bolsista CNPq), Adriana Teixeira, Adriana Wilner, Alessandra Alves, Alex Criado, Amália Safatle, ana Lopes, Ana Coluccio, Andrea Kurachi, Carla Modena, Denise Soares, Eduardo Magossi, José Sasso, Marcelo Lopes, Marcelo Macca, Marcos Kim, Margit Krause, Maria Gonçalves, Maurício Sposito, Pamela Valente, Patrícia João, Paulo D'Amaro, Renata Ribeiro, Renato Stancati, Rogério Cunha, Sérgio Oksman, Sílvio Vieira, Wellington César, Wharryson Lacerda
8	1991	À margem do Ipiranga	Colaborações de Ademir Médici e Lúcio Kowarick Estudantes ECA/USP: Tania Sandroni (bolsista CNPq), Adriana Teixeira, Adriana Wilner, Alessandra Alves, alex Criado, Amália Safatle, Amaury Pontieri, Ana Lopes, Ana Collucio, Armando Neto, Carla Modena, Eduardo Magossi, José Sasso, Marcelo Damato, Marcelo Lopes, Marcos Kim, Maria Gonçalves, Maurício Sposito, Paulo D'Amaro, Renato Souza, Rogério Cunha, Wharryson Lacerda
9	1991	A escola no outono	Colaboração de Bárbara Freitag Estudantes ECA/USP: Sandra Regina Boccia (bolsista CNPq), Adriano Quadrado, Angela Sillos, Claudia Ades, Cristiane Rodrigues, Eduardo Lima, Fábio Volpe, Fernanda Ribeiro, Flávia Pardini, Flávio Freitas, Gisela Mendonça, Heitor Shimizu, Heleine de Oliveira, Immaculada Pireto, Jorge Tateishi, José Junior, José Leite, Lizandra Almeida, Luciana Bisker, Marcelo Tamada, Marta Watanabe, Mônica Teixeira, Nelson Valêncio, Ola Santos, Paul Dias, Paulo Oliveira, Paulo Pinto, Raquel Balarin, Raquel Ravanini, Sandra Piha, Saulo Figueiredo, Sérgio Corrêa

nº	ano	título	autores
10	1992	O primeiro habitante	Colaborações de Ana Luiza Martins e Dalmo de Abreu Dallari Estudantes ECA/USP: Sandra Regina Boccia (bolsista CNPq), Angela Sillos, Cristiane Rodrigues, Flávia Pardini, Flávio Freitas, Heleine Oliveira, Immaculada Pireto, José Júnior, Lizandra Almeida, Marcelo Tamada, Marialice Gonçalves, Marta Watanabe, Mauro Scarabel, Mônica Teixeira, Nelson Valêncio, Paulo Oliveira, Raquel Balarin, Raquel Ravanini, Sérgio Corrêa, Sílvio Vieira
11	1992	Farra alforria	Colaboração de Laerte Estudantes ECA/USP: Patricia Teixeira (bolsista CNPq), Adriano Schwartz, Alceu Castilho, Ana Rosério, Carlos Martinho, Cecília Harrevelt, Dulce Rocha, Edson Perin, Fernanda Ravagnani, Flávio Amaral, Francisco Bicudo, Jackeline Alfredo, Leslie Banezakein, Luciana Miranda, Luiz Sampaio, Márcia Guena, Maria Carnevalli, Maristela Valle, Nanci Pittelkow, Nelson Dias, Paulo Amaral, Silvia Rocha
12	1993	Tchau Itália Ciao Brasil	Colaboração de Renato Modernell Estudantes ECA/USP: Patricia Teixeira (bolsista CNPq), Adriano Quadrado, Adriano Schwartz, Alceu Castilho, Ana Pinto, Cecília Costa, Dulce Rocha, Eduardo Lima, Elaine Sirio, Fernando Ravagnani, Francisco Bicudo, Jackeline Alfredo, Karina Ninni, Leslie Benzakein, Luciana Miranda, Luiz Sampaio, Maristela Valle, Mauro Tagliaferri, Nanci Pittelkow, Nelson Dias, Patricia Rodrigues, Paulo Amaral
13	1993	Guia das Almas	Estudantes ECA/USP: Patrícia Patrício (bolsista CNPq), Alessandra Ceregatti, Alessandra Martins, Alessandro Meiguins, Alexandre Possendoro, Alex Ribeiro, Carolina Kawassaki, Cristina Alves, David Hepner, Denis Burgierman, Dimas Marques, Fábio Pinto, Flavia Bancher, Gisele Regatão, Hélio Barboza, João Guimarães, José Torrico, Kiel Pimenta, Leticia Calmon, Márcia Blasques, Márcia Carini, Márcio Simões, Marco Fiocchi, Marco Henriques, Maria Lopes, Mauricio Gibrin, Patrícia Giuffrida, Pedro Duarte, Renato Cruz, Renato Rodrigues, Rodrigo Leite, Ricardo Castanho, Samara Leonel, Sérgio Miranda, Sérgio Yamasaki, Telma Figueiredo, Toni Sciarretta, Vilma Martins

nº	ano	título	autores
14	1994	Nau dos desejos	Colaborações de Antônio Amora e Virgílio Pinto Estudantes ECA/USP: Patrícia Patrício (bolsista CNPq), Alessandra Ceregatti, Alessandra Martins, Alexandre Possendoro, Alex Ribeiro, Carolina Kawassaki, Cristina Alves, Dimas Marques, Flavia Bancher, Francisco Ruiloba, Kiel Pimenta, Márcia Blasques, Márcia Carini, Marco Fiochi, Marco Henriques, Maria Carnevalli, Maria Alves, Mauricio Gibrin, Patrícia Giuffrida, Pedro Duarte, Renato Cruz, Renato Rodrigues, Rodrigo Leite, Renato Rodrigues, Ricardo Castanho, Sabino Aumada, Samara Leonel, Sérgio Miranda, Sérgio Yamasaki, Suzi Garcia, Toni Sciarretta
15	1994	Vamos ao centro	Colaborações de Ana Carlos, Boris Kossoy, Gilda Bruna, Heliana Vargas, Julieta Ladeira e Silvana Pintaudi Estudantes ECA/USP: Júlio Wiziack (bolsista CNPq), Adriana Manfredini, Ana Alfano, Angelo Ikeda, Camila Guimarães, Cecília Nascimento, Cléber Martins, Danielle Gomes, Danilo Fernandes, Estanislau Freitas, Fabiano Onça, Gabriela Yamaguchi, Giuliano Bellini Guandalini, Gonçalo Souza Júnior, Heloísa Ribeiro, Juliana Almeida, Lúcia Santos, Luciana Pinsky, Lucila Villaça, Malu Gaspar, Marcos Brandão, Mário Gioia, Patrícia Gomes, Patrícia Patrício, Pedro Sanches, Rafael Sanchez, Renata Andrez, Ricardo Zorzeto, Tiaqui Tomoyose, Vanessa Adachi
16	1996	Axé	Colaborações de Antonio Nóbrega, Dilma de Melo, Maria Luiza Carneiro, Patrícia Patrício, Ricardo Ferreira, Sandra Santos Estudantes ECA/USP: Júlio Wiziack (bolsista CNPq), André Zatz, Angelo Ikeda, Camila Guimarães, Gonçalo Sousa Junior, Helio Gurovitz, Lucia Santos
17	1995	Tietê, mãe das águas	Colaborações de Cilene Vitor, Cláudio Bertolli Filho, Denis Russo Rubgierman, Maria Caprielli Estudantes ECA/USP: Júlio Wiziack (bolsista CNPq), Ana Finco, Bruno Zeni, Carolina Schawartz, Chiaki Tada, Claudeci Assis, Cláudio Angelo, Claudio Oshiro, Danilo Leite, Fabiana Godoy, Fabiana Carvalho, Fabiana Pereira, Fábio Zanini, Karina Yamamoto, Lilian Liang, Luciana Garbin, Luciana Modé, Luis Cabral, Marcelo Delduque, Maria Gabriel

nº	ano	título	autores
18	2001	Viagem ao Sol poente	Estudantes ECA/USP: Alaíde Silva, Ana Ewald, Angelo Ishi, Célia Sakurai, Fátima Lopes, Izaura Marques, João Escudeiro da Silva, José Germano, Máira Sant'ana, Maria Paes, Miriam Ramos, Mitsuru Yanaze, Regina Rocha, Regina Obata, Regina Lamarca, Rosane Vianna, Vera Aquino, Vilma Santos, Wilma Maldonado
19	1996	Bem viver, mal viver	Colaborações de Denise Camargo e Olavo Costa Estudantes ECA/USP: Débora Czeresnia (bolsista FAPESP), Alejandro Miguez, Alessandro Bottini, Alexandre Sammogini, Cely Carmo, Claudia Violante, Eduardo Calbucci, Fabio Koleski, Francine Lima, Heloíza Carvalho, Laura Quintas, Leandro Lopes, Marcelo Starobinas, Maria Fernanda Vomero, Mônica Alterthum, Pedro Biondi, Priscilla Picinini, Rafael Garcia, Renata Deos, Renato Franzini Jr., Renato Krausz, Samuel Possebon, Spensy Pimentel
20	1997	Mundão véio sem porteira	Colaborações de Julieta Ladeira, Maria Caprioli, Walter Garcia Ensaio pictórico de Florinda Chiandotti Estudantes ECA/USP: Débora Czeresnia (bolsista FAPESP), Francine Lima (produção e edição), Alejandro Miguez, Eduardo Teixeira, Fabiana Carvalho, Fábio Koleski, Maria Fernanda Vomero, Maurício Silva, Mônica Alterthum, Pedro Biondi, Renata Deos, Spensy Pimentel, Xavier Bartaburu
21	1998	Chá de bambu	Colaborações de Dalmo de Abreu Dallari, Padre Júlio Lancelotti, Maria Stella Feitosa Barreto Monteiro, crianças da Creche Central da USP, alunos do Externato Paraíso Estudantes ECA/USP: Alexandre Bigelli, André Costa, Andrea Wellbaum, Beatriz Rangel, Celina Lerner, Diogo Schelp, Ednilson Machado, Elaine Bittencourt, Erika Kobayashi, Fabiana Parajara, Gisele Kato, Janaina Borges, Leonardo Sakamoto, Lúcia Monteiro, Luciana Moraes, Manoel Ziggiatti, Mariana Carvalho, Mauro Destácio, Natasha Madov, Patrícia Mello, Patrícia Costa, Roberta Mélega, Walter Brandimarte

nº	ano	título	autores
22	1999	Cotidianos do metrô	Colaborações de Beltrina Côrte, Raquel Rolnik, Sinval Medina Estudantes ECA/USP: Alessandro Possendoro, Cristina Faustino, Cleofe Siqueira, Danielle Oliveira, Flora Souza, Luciana Garbin, Ivete Roldão, Marta Maia, Tânia Sandroni
23	2000	Ó Freguesia, quantas histórias	Estudantes ECA/USP: Célio Pires, Dimas Kunsch, Eduardo Peñuela, Fátima Lopes, Hilda Silva, Izaura Marques, João Escudeiro da Silva, Maria Paiotti, Maria Lins, Maria Paes, Máximo Barro, Raul Vargas, Regina Rocha, Regina Nazareth, Sandra Santos, Vera Aquino, Vera Azevedo, Vilma Maldonado
24	2002	Sagas do Espigão: 90 anos de medicina e vida	Estudantes ECA/USP: André Malbergier, Bernardete Toneto, Dimas Kunsch, Eduard Massad, Eduardo Peñuela, Ety Verissimo, Fátima Lopes, Ivy Farias, Izaura Marques, João Jorge Escudeiro da Silva, Kátia Abud, Katiúscia Lopes, Milton Greco, Patrícia Patrício, Regina Rocha, Regina Lamarca, Rosane Vianna, Sônia Geraldês, Tatiana Ciocchetti
25	2003	Caminho do café Paranapiacaba: museu esquecido	Estudantes ECA/USP: Katiúscia Lopes (bolsista CNPq), Carol Baggio, Daniela Senador, Ety Verissimo, Fabiele Silva, Gabriela Longman, Júlio Meiron, Leandra Martins, Leonardo Medeiros, Patrícia Patrício, Sílvia Passarelli, Thaia Souza, Thiago Allis, Vilma Santos
26	2004	USP Leste e seus vizinhos	Colaborações de Myriam Krasilchik e Antonio Marcos de Aguirra Massola Estudantes ECA/USP: Paulo Muzio (bolsista CNPq), Katiúscia Lopes (assistente Fórum Interdisciplinar), Bruno Pompeu, Cristiane Capuchino, Fátima Lopes, Ivy Farias, Izaura Marques, Juliana Alves, Márcia Batista, Maurício Ielo, Maria Lima e Silva, Patrícia Patrício, Pedro Ortiz, Regina Tavares, Rosane Vianna, Sandra Santos, Sarah Molinari, Shirley Paiotti, Vilma Santos

Elaboração: CUNHA, 2018

**Epistemologia do
Diálogo Social**

